

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

JANAY NEVES BRITO

EM BUSCA DE UMA ATITUDE UBUNTUÍSTA NO ENSINO DE FILOSOFIA

BRASÍLIA

2026

JANAY NEVES BRITO

EM BUSCA DE UMA ATITUDE UBUNTUÍSTA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza.

BRASÍLIA

2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nb

Neves Brito, Janay
Em busca de uma Atitude Ubuntuísta no Ensino de Filosofia
/ Janay Neves Brito; orientador Herivelto Pereira de
Souza. Brasília, 2026.
142 p.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade de
Brasília, 2026.

1. Atitude Ubuntuísta. 2. Epistemicídio Algoritmizado. 3.
Neoliberalismo Digital. 4. Aquilombamento Afrofilosófico. 5.
Educação Antirracista. I. Pereira de Souza, Herivelto ,
orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRITO, Janay Neves. **Em busca de uma atitude ubuntuísta no ensino de filosofia**. 2026. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia), Universidade de Brasília, Brasília, 2026.

Trabalho aprovado em: _____ de _____ de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza

Universidade de Brasília (UnB) – Orientador

Dr.Fábio Borges do Rosario

Seeduc/RJ – Membro Externo

Profa. Dra. Bárbara de Barros Fonseca

Instituto Federal de Brasília (IFB) – Membro Interno

À memória de meu pai, mestre da lógica intuitiva, que no silêncio do subterrâneo construiu geradores de luz para desafiar as sombras das oportunidades que lhe foram negadas. Que seu imenso amor pela música — harmonia que hoje transborda em minha escrita poética e filosófica — seja o motor de minha soberania e a partitura de nossa reparação.

À minha irmã, professora por essência, que em meio ao esgotamento silencioso do ofício, entregou o corpo e a alma ao ensinar. Que o peso de sua partida se transforme, nestas linhas, em compromisso com uma educação que acolha, cure e floresça a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fazem parte de minha vida. Em especial à minha mãe, por acreditar em mim; ao meu marido e filho, pelo porto seguro; aos meus irmãos e parentes, pelo suporte. À memória de meu pai e minha irmã, presenças ancestrais que sustentam meu ser e meu caminhar.

Ao Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza, pela orientação segura e pela liberdade intelectual que me permitiu trilhar este caminho com autenticidade. Agradeço por acreditar na relevância desta proposta desde o nosso primeiro insight e, sobretudo, por confiar em um processo de pesquisa que, na harmonização entre a teoria e as vivências de campo, revelou-se em uma síntese quase mágica, onde cada descoberta encontrou seu lugar exato de pertencimento.

Aos membros da banca examinadora: Prof. Dr. Fábio Rosário Borges, por sua generosidade, incentivo e pelo carinho ao partilhar uma valiosa riqueza de referências e orientações fundamentais para o desvelamento do conceito de Ubuntu; e à Prof^a. Dra. Bárbara de Barros Fonseca, por sua leitura rigorosa e presença necessária, cujas contribuições foram essenciais para a consolidação da maturidade acadêmica desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento, pelas reflexões que despertaram meu apreço às filosofias africanas e pelas importantes contribuições teóricas compartilhadas na banca de qualificação e ao longo da disciplina de Laboratório de Ensino de Filosofia.

Ao Dr. Erasmo Baltazar, pela semente plantada na Filosofia da Educação há algumas décadas e por ser a bússola deste projeto. Estendo minha gratidão aos docentes e colegas do PROFI-FILO/UnB, cujas perspectivas foram fundamentais para a ampliação da minha visão crítica.

Aos meus alunos e professores do Jardim ABC, razão de ser desta investigação; o interesse genuíno de vocês em resgatar nossas heranças ancestrais é o que me motiva a seguir denunciando o silenciamento dos nossos saberes.

À minha querida ex-aluna, Aurene Santarém Ventura da Silva, por sua dedicação incansável aos alunos do Jardim ABC e à sua comunidade. Agradeço por ter sido a ponte segura que me guiou por este território, compartilhando informações e vivências essenciais para que eu pudesse compreender a profundidade e a riqueza deste chão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ser Ubuntuísta é ter uma atitude filosófica enaltecadora e enriquecedora da vida em comunidade. Uma busca constante de conexão consigo e com nossas raízes. É o movimento cadenciado do corpo, da mente, da força vital que, ao despertar o conhecimento ancestral, revigora a psiquê humana.

(BRITO, Janay Neves, 2026).

RESUMO

Esta dissertação tem como tema: *Em Busca de uma Atitude Ubuntuísta no Ensino de Filosofia*. Sua finalidade é investigar atitudes que resgatem o senso comunitário e o interesse pelo filosofar, especialmente junto a povos originários e afrodescendentes. O estudo analisa como as políticas neoliberais adentraram no ambiente digital, transformando a subjetividade em mercadoria e agravando o isolamento social, cenário intensificado pela Pandemia da COVID-19. A pesquisa de campo, realizada no Colégio Estadual José Abílio (Jardim ABC – Cidade Ocidental – GO), observou que o refúgio nos dispositivos eletrônicos fragmentou a coletividade e gerou graves dilemas psicológicos nos estudantes. Como resposta, sugere-se um produto educacional guiado por uma atitude filosófica *ubuntuísta: Aquilombamento Afrofilosófico*. Esse produto tem o intuito de abrir novas possibilidades ao ensino de filosofia nas comunidades do Jardim ABC e Quilombo Mesquita. O princípio fundamental é a busca pela restauração do espírito comunitário e o resgate de um ensino filosófico reflexivo, envolvente, legalizado nas raízes africanas e voltado às experiências e sentimentos humanos. Esse processo prático propõe uma conexão entre a civilização de Kemet e a resistência contemporânea do Quilombo Mesquita para uma educação antirracista.

Palavras-chave: Filosofias Africanas. Ubuntu. Aquilombamento Afrofilosófico. Neoliberalismo Digital. Pandemia da COVID-19.

ABSTRACT

This dissertation focuses on: *In Search of an Ubuntuist Attitude in the Teaching of Philosophy*. Its purpose is to investigate attitudes that rescue a sense of community and the interest in philosophizing, especially among indigenous and afro-descendant peoples. The study analyzes how neoliberal policies entered the digital environment, transforming subjectivity into a commodity and aggravating social isolation, a scenario intensified by the COVID-19 Pandemic. The field research, carried out at Colégio Estadual José Abílio (Jardim ABC – Cidade Ocidental – GO), observed that the refuge in electronic devices fragmented collectivity and generated severe psychological dilemmas in the students. As a response, an educational product guided by an *ubuntuist* philosophical attitude is suggested: *Afro-Philosophical Quilombamento*. This product aims to open new possibilities for the teaching of philosophy in the communities of Jardim ABC and Quilombo Mesquita. The fundamental principle is the restoration of the community spirit and the recovery of a reflective, engaging philosophical teaching, rooted in African origins and centered on human experiences and emotions. This practical process proposes a connection between the civilization of Kemet and the contemporary resistance of the Quilombo Mesquita for an anti-racist education.

Keywords: African Philosophies. Ubuntu. Afro-Philosophical Quilombamento. Digital Neoliberalism. COVID-19 Pandemic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. NEGRITANDO A FILOSOFIA: Uma atitude ubuntuísta para uma educação antirracista	21
2.1 Por que escolher Kemet (Terra Negra)	
2.2 Surrupiamiento epistemológico e a raiz africana do pensamento	
2.3 Axé e a música do Quilombo	
2.4 Diálogo entre Kemet, Ubuntu e educação antirracista	
3. AS INFLUÊNCIAS NEOLIBERAIS E ECONÔMICAS NA EDUCAÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA DA COVID-19: Trajetórias para uma Justiça Digital Inclusiva e uma Práxis Ubuntuísta.....	52
4. ECOSOFIA E A ESCOLA DOS SENTIMENTOS: Diálogos para a plenitude do ser e o resgate da subjetividade na educação.....	65
5. MEU PERCURSO PESSOAL	78
5.1 Corpo e Território: Impressões de Viagem à África do Sul e o encontro com a Matriz Africana	
5.2 Além das Fronteiras: A Vinda para o Jardim ABC e a Construção de um Olhar Quilombola	
5.3 Ruínas Digitais e Fendas de Afeto: O Enfrentamento ao Epistemicídio no Cotidiano Escolar do DF	
5.4 Territórios de Aquilombamento: A Ontologia do Pertencimento no Jardim ABC e a Ancestralidade no Quilombo Mesquita	
6. ATIVIDADES REALIZADAS	107
6.1 Metodologia da pesquisa-ação	
6.2 Planejamento e Referencial Teórico	
6.3 Procedimentos de Execução e Coleta de Dados	
6.4 Cronograma do Projeto	

6.5 Recursos (materiais e humanos)

6.6 Culminância (detalhada)

6.7 Avaliação

6.8 Resultados e Discussão

6.9 Roteiro da Apresentação: Das Pirâmides ao Quilombo – A força da Nossa Ancestralidade

6.10 Projeto Pedagógico da Consciência Negra

6.11 Registros Fotográficos e Materiais de Apoio (integrados)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 134

REFERÊNCIAS 138

1. INTRODUÇÃO

Ao retornarmos às aulas presenciais em 2022 no Colégio Estadual José Abílio (Jardim ABC – Cidade Ocidental – GO), deparamo-nos com um espaço hostil, marcado por rupturas psicossociais profundas: crises de ansiedade, depressão, perdas familiares pela COVID-19, evasão escolar e refúgio excessivo em dispositivos digitais. Embora as tecnologias tenham sido imprescindíveis durante o isolamento, o enfraquecimento do contato físico e socioafetivo resultou em uma ruptura coletiva, especialmente em comunidades como Jardim ABC e Quilombo Mesquita, onde a escola sempre foi centro de acolhimento e lazer.

Em meio à intensificação do distanciamento social e a racionalidade neoliberal que captura a subjetividade pela hiperconectividade digital pós-pandemia, indaga-se: de que modo uma atitude ubuntuísta, incorporada ao ensino de Filosofia, pode restituir o senso comunitário, fortalecer a saúde psíquica e promover a reexistência identitária em estudantes de bairros comunitários e de quilombo? A Filosofia Ubuntu, em sua potência descolonizadora, está apta a responder a essa nova realidade socioeconômica e tecnológica, ou demanda um repensamento para enfrentar esses desafios contemporâneos?

Esta pesquisa objetiva, de modo geral, investigar e propor uma Atitude Ubuntuísta no ensino de Filosofia como uma práxis pedagógica capaz de contrapor o isolamento digital e fomentar a educação antirracista. Para tanto, definem-se os seguintes objetivos específicos: analisar os impactos do neoliberalismo digital na subjetividade após a crise sanitária; explorar uma ontologia relacional que valorize o indivíduo em comunidade; articular a ancestralidade Kemet à resistência quilombola e, por fim, desenvolver e aplicar o produto educacional intitulado Aquilombamento Afrofilosófico.

Diversos problemas transcorreram no âmbito escolar, especialmente o desinteresse e desmotivação pela aprendizagem. Aulas online ou via delivery nem sempre chegavam aos alunos, muitos não eram encontrados em seus endereços. Embora as tecnologias digitais tenham sido imprescindíveis, o enfraquecimento do contato físico e socioafetivo resultou em uma desconexão coletiva. A relação entre

professor-aluno desencadeou em uma grande evasão escolar. Talvez tais fatores tenham sido mais evidentes, visto que a escola foi um dos principais locais de encontro e a região, conforme relatos dos estudantes, carece de boas políticas públicas, principalmente em lazer e segurança. Sem contar que se trata de estudantes oriundos de bairros majoritariamente comunitários como os do ABC, Mesquita e Edite. Esses distanciamentos infelizmente acarretaram rupturas que contribuíram para a fragmentação diária dessa relação em sala de aula, após o retorno em 2022; além disso, os recursos tecnológicos foram os que mais contribuíram, uma vez que lives, ferramentas digitais voltadas à educação (Google Classroom, Google Meet, Moodle, dentre outros) passaram a dominar a prática docente, afetando, em certo sentido, a forma de abordagem dos conteúdos como também a socialização de adolescentes e adultos por estarem fora das salas de aula durante muito tempo.

Partimos, então, do pressuposto de pesquisar e investigar como esses impactos prejudicaram a aprendizagem e o ensino de Filosofia na educação básica (ensino regular e EJA). Frente a essas pesquisas e interfaces pedagógicas, concluímos que, após o confinamento, foi necessário enxergar o mundo sob uma nova ótica filosófica. Ao propor uma pesquisa com a temática: “Em Busca de uma Atitude Ubuntuísta no Ensino de Filosofia”, pretendemos reconstruir ações coletivas sólidas e canalizadas para a existência e manutenção da biodiversidade na contemporaneidade. A pesquisa e a investigação observarão as transformações causadas pela Crise Sanitária na Educação do Brasil, especialmente as experiências humanas vivenciadas no Colégio Estadual José Abílio. Entretanto, uma atitude coletiva, quando reconstruída por meio da problematização de fatos, acontecimentos e comportamentos, tem sua ação direcionada a soluções que fortaleçam e enriqueçam as linguagens. O simples ato de ouvir, quando alcança um estágio mais elevado, pode caminhar para uma escuta ativa recíproca e intencional. Isso motiva a descoberta de si mesmo a partir do outro, o respeito às singularidades e diversidades, e a resolução de conflitos.

Nossa maior esperança reside na formação de uma identidade pessoal que, ao tomar consciência de seus pensamentos, sentimentos, sensações e vivências, compreende sua própria existência e o mundo ao se deparar e se integrar com os

demais. Os saberes e habilidades colaborativas, nutridas de soluções compartilhadas, dão sentido à vida, mesmo em um mundo de constantes mudanças e adversidades. No entanto, entendemos que a sabedoria ancestral precisa ser exaltada, compreendida e apreciada para que, em comunhão, possa ser valorizada por todos. Assim, para aqueles que ensinam e para aqueles que aprendem, as funções se transformam, pois evidenciam comportamentos construtivos, democráticos e humanitários.

É importante salientar que, durante o período pandêmico, o aumento acentuado no uso de tecnologias digitais não se deu apenas na educação, mas em diversos setores, como na comunicação, nos negócios, na medicina, no trabalho, entretenimento, na segurança, entre outros.

Sodré (2012) nos mostra um ponto de vista bem fundamentado ao falar sobre o "bios virtual" (ou bios midiático). Ele assegura que, quando surge um novo sistema comunicacional e uma esfera da existência, a vida congutina-se aos meios de comunicação em rede. Essa interação não deve ocorrer somente por meio recursos tecnológicos, mas manifestar-se em uma nova condição de ser e estar no mundo, no que concerne à conduta, à cognição e à sensibilidade das pessoas, especialmente de um público juvenil. Tais mudanças precisam ocorrer nas escolas, e o sistema educacional, ao integrar as tecnologias com o cotidiano dos discentes, proporcionará um caminho de enfrentamento à complexidade do mundo contemporâneo. É notório que surgiu uma sociedade em rede e as informações e comunicações tornaram-se onipresentes e conectadas à diversidade cultural. Porém, não é correto uma integração tecnológica digital moldada em métodos pedagógicos neoliberais, cujas matizes são mergulhadas no padrão de "capital humano" para se adequar ao mercado. Para o autor, o objetivo elementar é superar as dicotomias do trabalho manual e intelectual, com vistas a alcançar um contexto experiencial e comunitário, face à ruptura social compactuada com uma elite tecnológica.

Mitigar a exclusão digital é vital, pois impede a intensificação do analfabetismo funcional e social, bem como a manutenção de uma educação elitizada.

Os projetos e as abordagens metodológicas selecionados têm como base textos dissertativos e filosóficos que convergem em assuntos cotidianos, ações e

ideias voltadas ao ambiente escolar e comunitário, os quais incluem aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais, filosóficos, pensamentos artísticos e de sensibilidade estética. Os conhecimentos são incorporados no âmbito nacional, mundial e em qualquer tempo histórico. A valorização do lúdico nesse seguimento une a arte e a filosofia Ubuntu, para convergir em projetos que se consolidam nas metodologias que foram mencionadas anteriormente. Esses trabalhos realizados em sala de aula culminam em práticas pedagógicas envolventes e tornam o ambiente escolar um espaço mais acolhedor e significativo.

Ao pluralizar esses procedimentos acima citados sob uma perspectiva epistemológica, de investigação científica, cultural e construtiva teremos uma compreensão e um desenvolvimento também voltados às características intrínsecas dos povos quilombolas que têm em suas raízes a oralidade e a ancestralidade. Não esquecendo obviamente de mostrar que a natureza é um elemento crucial da existência humana e da interconexão de todos os seres.

Essa pesquisa será contextualizada com a realidade e cultura local, experiência individual, conhecimento identitário como requisito fundamental para o planejamento, estruturação e realização de sonhos e aspirações. Uma busca incessante por novos saberes, vivências e pontos de vista compartilhados e interpretados sobre o mundo após o período pandêmico e seus impactos na existência humana na contemporaneidade.

O material a ser desenvolvido na pesquisa será baseado em Atitudes Filosóficas voltadas a uma postura coletiva, com vistas a questionamentos, problematização das padronizações e imposições sociais, tanto do aspecto físico quanto virtual. Como resultado desta pesquisa-ação, sugere-se o produto educacional denominado Aquilombamento Afrofilosófico, uma sequência didática detalhada que tem como objetivo abrir novas possibilidades ao ensino de filosofia nas comunidades do Jardim ABC e Quilombo Mesquita.

Após a descoberta de uma ética ubuntuísta, possivelmente renascerão seres mais enérgicos, participativos, cooperativos e comunicativos em todas as etapas do processo; ou seja, poderão ser capazes de experimentar, ilustrar, construir com a orientação do professor tudo o que for expressivo em seus pontos de vista, tanto individual quanto coletivo. Nesse sentido o aluno participará de forma mais intensa

do processo de aprendizagem (mediado ou não por tecnologias), enquanto partilha sobre aquilo que está fazendo. As principais metodologias empregadas nessa introdução são reflexões que consistem na utilização de fontes diversificadas, tais como: a utilização de materiais com diferentes fontes de pesquisa (vídeos diversos e educativos, imagens, links de textos para pesquisa, links de sites, slides informativos, dicas de filmes, livros de autores renomados e direcionados a pandemia e a prática da filosofia ubuntu. Complementam o arcabouço: canais de redes virtuais, indicações de programas televisivos educacionais, plataformas, aplicação de questionários para obtenção do resultado da pesquisa, levantamento de material bibliográfico, seminários e grupos de discussões. Ao finalizar essas metodologias será concluído com projetos filosóficos, científicos, culturais e artísticos para exposição desses trabalhos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, configurando-se como um estudo de campo. Segundo esse delineamento, o objetivo é proporcionar proximidade com o problema para torná-lo mais explícito, possibilitando o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições.

Tal caráter flexível permite considerar variados ângulos do fenômeno estudado, promovendo a resignificação da identidade pessoal frente aos impactos do confinamento social. Esse aspecto possibilita a consideração de diversas perspectivas sobre o fato estudado; ou seja, caracteriza o processo de recriar a identidade pessoal após as informações mostradas, vivenciadas, pesquisadas, estudadas e relacionadas aos impactos trazidos pelo confinamento, dentro e fora do ambiente escolar. A análise qualitativa justifica-se pela investigação de uma realidade que não pode ser quantificada, visto que se debruça sobre o universo de significados, éticas filosóficas e atitudes — um espaço profundo das relações humanas, especificamente, a atitude ubuntuísta proposta nesta pesquisa. O campo de estudo abrangeu alunos do ensino médio de uma escola pública no Jardim ABC, Cidade Ocidental (GO), contando com mais de 30 participantes colaboradores, entre jovens, adultos e idosos. Por objetivar-se numa Atitude Ubuntuísta, sua ideia central é a ação humana e a premissa de interdependência. Esta ação tem intrínseca a ideia de que todos somos um em relação aos direitos fundamentais da vida, como o equilíbrio físico, social e emocional. Essa abordagem coletiva transformadora e atuante diz respeito a existência, a resistência, a cultura, a arte, a

pluralidade, a inclusão e a psiquê humana. Ao instigar a expressão dos sentimentos e a formação de uma consciência intersubjetiva e holística, com vistas a uma interação mútua dos seres, todas as certezas poderão ser contestadas. O foco é identificar se a nossa humanidade está unida à dos outros na compreensão das transformações econômicas, culturais e tecnológicas mais marcantes que ocorreram durante e após o período de confinamento social na região, no país e no mundo. Assim, os estudantes entenderão a relevância de defender e preservar os quilombos, seu espaço físico, suas linguagens, fala, tradição e costumes, além do uso apropriado e consciente de um campo virtual emancipador da liberdade, igualdade e justiça social. Lembrando que, quando os campos virtuais são envoltos de manipulação, desinformação e notícias falsas os algoritmos ideologicamente reforçam as desigualdades, prejudicam grupos vulneráveis e suplantam uma lógica mercantil como um dos princípios centrais por gerar lucratividade e comercialização eletrônica.

Dessa forma cria-se um estímulo ao uso excessivo de redes sociais, aplicativos e internet levando a um novo patamar de consumo, frequentemente desprovidos de rigor filosófico. Por alienar, individualizar, aculturar, esse novo tipo de sociedade digital traz um mundo virtual bem mais patológico que propriamente enriquecedor da interação humana e do confronto de debates.

O estímulo ao uso constante de redes sociais, desprovido de uma racionalidade ética, cria um tecnodeterminismo que ameaça as relações sociais nas instâncias locais e regionais. Após a construção desses argumentos e a mediação de conflitos, será viável realizar um projeto final que desperte o senso de coletividade, bruscamente enfraquecido na região do Jardim ABC durante a crise sanitária. Este projeto servirá como marco inicial para o fortalecimento da cultura local, priorizando e valorizando as filosofias africanas presentes nos povos do Quilombo Mesquita.

Quanto as sequências didáticas terão como base o reconhecimento da necessidade de atuação da Filosofia de forma ativa, construtiva, falada e voltada principalmente a realidade do bairro. Dessa forma a aprendizagem terão atividades baseadas em situações-problema, envolvendo dois momentos. O primeiro momento, o(a) professor(a) organizará textos sobre alguma problemática para discussão; como

por exemplo: trechos do livro de Ângela Davis e Naomi Klein - Construindo movimentos: Uma conversa em tempos de pandemia (Pandemia Capital), no qual serão destacados os argumentos das autoras sobre a doença e sua influência no aspecto econômico. Os principais tópicos da conversa serão direcionados ao capitalismo e sua perversidade em relação ao racismo institucional, evidenciando como determinados grupos sociais sofreram desvantagens quando a doença atingiu o mundo todo, especialmente os mais pobres e vulneráveis, como negros, indígenas, mulheres, LGBTQIAPN+, pessoas com necessidades especiais (PNES), idosos, mesmo em países mais ricos.

Em seguida os alunos farão a leitura do periódico: Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano (Revista Semiárido de Visu – IFSertãoPE), onde posteriormente, formarão grupos para partilhar histórias e experiências pessoais que demonstrem valores de solidariedade, respeito e reconhecimento mútuo. Simultaneamente às atividades propostas, ressaltaremos a importância da filosofia em seu contexto histórico. O foco será o livro: Nações Negras e Cultura, de Cheikh Anta Diop, no qual serão analisados alguns trechos para a construção de uma discussão sobre a narrativa eurocêntrica que nega a existência do pensamento filosófico africano na civilização egípcia antiga, originalmente chamada de Kemet –terra negra. Durante as conversas, buscaremos abranger a vida cotidiana, a organização social complexa, as inovações tecnológicas e o pensamento racional do povo egípcio, ressaltando sua dignidade e relevância, inclusive para a filosofia africana contemporânea. Por fim os grupos serão desafiados a criarem coletivamente um conjunto de princípios que representem a essência da filosofia Ubuntu em uma junção afro-brasileira, ressaltando a importância da comunidade, da harmonia e a valorização da terra e sua ciclicidade em relação a todos os seres. No sentido de enlaçar esses conhecimentos ancestrais, os alunos conhecerão passagens importantes do livro *A terra dá e a terra quer* (Antônio Bispo), abordando a circularidade da vida e a relação de respeito e cuidado com a natureza em contraste com a lógica capitalista. Somado a isso, realizar-se-á a análise e interpretação da música 'Ao povo em forma de arte', de Candeia, sob uma perspectiva filosófica no que se refere à identidade cultural afro-brasileira, à autenticidade artística e à sabedoria ancestral. Ademais, ressalta-

se como o legado quilombola desafia a visão hegemônica, a qual costuma rotular tais manifestações como excêntricas, entre outros aspectos. No segundo momento será proposto que os estudantes aprofundem esses temas com debates, produções textuais e vivenciais diante dos argumentos apresentados, de forma a enriquecer a textualidade com a utilização de fontes confiáveis e direcionadas por sites da internet, livros, noticiários etc., ocorridos durante o período pandêmico no mundo, no país e na região. O objetivo será verificar se há em cada produção, semelhantes angústias, indignações, pensamentos em comum etc. Com a formação de uma opinião coletiva e recíproca diante da análise dessas produções, serão desenvolvidas situações-problema para a construção de um campo concreto (projetos).

O campo concreto, ou seja, a construção desses projetos terá a finalidade de alcançar um maior senso coletivo e identitário da região, com relevância direcionada principalmente aos povos quilombolas. Com os temas já propostos, organizados e construídos culturalmente, os projetos terão um direcionamento voltado a linguagens filosóficas, artísticas, poéticas e literárias como ferramenta de ludicidade. O projeto permitirá uma construção mútua e um meio de interação que desperte os sentimentos humanos, suas dificuldades relacionais ao grupo escolar do qual fazem parte, de suas famílias, sua cultura de origem, suas comunidades etc. Nesse sentido esses projetos poderão dar oportunidade para que os estudantes diante de um problema específico formulem perguntas, trabalhem em grupos, colaborarem reciprocamente, mostrem suas opiniões, pesquisem para enfim disseminar os conhecimentos adquiridos e seus pontos de vista sem deixar obviamente de fazer correlação com o aspecto local e global. Independentemente de qual seja o projeto a ser desenvolvido na instituição educacional, as lições serão profundas e guardadas em relação ao respeito básico pelos outros, pela comunidade e pela integração do ser. Uma metodologia que ao induzir a arte, a investigação e a problematização de temas filosóficos poderão emancipar e capacitar diversas habilidades, dentre elas, como a construção de ideias coletivas. O estudante ao experienciar essas práticas do descobrir, conhecer, debater, respeitar e agir, conseqüentemente passará a valorizar a vida, a vontade de viver, a sensação de ser útil ao outro e a si mesmo.

Na sequência, o Capítulo 2 converge na milenaridade de Kemet e nas bases das filosofias africanas, para negritar o pensamento ancestral com uma tecnologia de cura e uma resposta descolonizadora aos dilemas éticos da contemporaneidade. Mais do que uma revisão teórica, esta seção busca restaurar a soberania intelectual necessária para enfrentar o epistemicídio algorítmico, apresentando o Ubuntu não apenas como conceito, mas como uma atitude biointerativa, capaz de desincorporar a alienação neoliberal. Ao reconectar a água doce do Nilo às vivências do Quilombo Mesquita e do Jardim ABC, este capítulo fundamenta a viabilidade de um ensino de filosofia que seja, simultaneamente, um ato de aquilombamento e de resgate da dignidade humana. Sua origem encontra-se no exercício de sustentação política proposta no Quilombismo de Nascimento (2019), que compreende o quilombo como movimento vital de reunificação:

O quilombismo não é um fato do passado, uma peça de museu ou um episódio romântico de escravos fugidos. Ele é um movimento político e existencial de reunificação e de reexistência das populações africanas e seus descendentes. [...] Assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro, há tantos séculos tratado e definido de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo. (NASCIMENTO, 2019, p. 270).

2. NEGRITANDO A FILOSOFIA: Uma atitude ubuntuísta para uma educação antirracista

2.1- Por que escolher Kemet (Terra Negra)

Minha escolha por Kemet foi intencional e estratégica. Não pretensiva e direcionada a uma atitude ativista, mas documentada em um ato de reparação intelectual para refutar a narrativa colonial que persiste em mostrar o continente africano como um símbolo “afro-pessimista”, o qual particulariza inúmeros problemas ao invés de focar no potencial, no protagonismo e na pluralidade das filosofias africanas.

Kemet (o antigo Egito Negro) pode ser compreendida, a partir das teses de Cheikh Anta Diop, como uma das matrizes civilizatórias fundamentais para a constituição de categorias que posteriormente seriam sistematizadas na tradição filosófica ocidental. Diop e Somet sinalizam que a matemática, a ética, a política e a filosofia podem ser compreendidas metaforicamente, como frutos irrigados pelas águas do Nilo, para demonstrar que o Egito é, em sua gênese, uma civilização negro-africana. Nessa perspectiva, matrizes intelectuais e morais fundamentais — como o conceito de Maat (equilíbrio e justiça) e sistemas geométricos avançados — foram concebidas em solo africano e posteriormente assimiladas e renomeadas por outras culturas ao longo da história.

Constata-se obrigatoriamente que a razão profunda que leva agir assim é que Heródoto, depois de relatar seu testemunho ocular que nos informa que os egípcios eram negros, mostra em seguida, com rara honestidade (quando se sabe que ele era grego), que a Grécia tomou o Egito todos os elementos de sua civilização, até o culto dos deuses, e que o berço da civilização é o Egito. (DIOP, 2025, p. 44).

Tal leitura não pretende universalizar de forma simplista, mas reivindicar o reconhecimento da centralidade africana na constituição dessas categorias, frequentemente desvinculadas de sua origem negra nos relatos historiográficos tradicionais.

Trabalhar com Kemet na minha pesquisa não é apenas um tema acadêmico; é uma restauração epistemológica justificada. É o resgate desse saber surrupiado que precisa ser reintegrado à matriz civilizatória africana, com altivez, para amparar os sujeitos de quilombos, espaços confluentes, terreiros e comunidades ribeirinhas, visando restituir a dignidade intelectual que o apagamento histórico tentou silenciar.

É um meio de aproximar a historicidade de Kemet (Egito Antigo) e revelar sua racionalidade milenar quando se estabelece a unidade cultural africana (DIOP, 2025). Embora esta investigação ainda se encontre em estágio inicial quanto à profundidade da Filosofia de Maat, reconhece-se nela o gérmen de um equilíbrio ético que deságua na relacionalidade do Ubuntu, ao estabelecer as bases para um aprofundamento ontológico em pesquisas futuras. Enfim, meus alunos quilombolas e descendentes de quilombo deixam de ser espectadores de uma história alheia para se tornarem sujeitos de sua própria ancestralidade, ao encontrar na filosofia um espaço de reconhecimento e reexistência.

Vincular Kemet à obra seminal do grande autor Cheikh Anta Diop, *Nações Negras e Cultura*, é como invocar as raízes culturais e históricas localizadas no nordeste africano. Diop demonstra que o Antigo Egito representa para o mundo negro o que a Grécia representa para o Ocidente: o patrimônio clássico de sua racionalidade, ética e ciência. Ao investigar a água doce do Nilo, percebemos que o fluxo desse rio não transportou apenas sedimentos, mas a própria consciência histórica que irriga a identidade africana e sua diáspora. Citar o Nilo nesta investigação não é apenas um recurso poético, mas a validação da unidade cultural africana; é reconhecer que a sede de saber dos meus estudantes em Goiás é saciada pela mesma fonte perene que estruturou as primeiras grandes instituições humanas. Ao 'negritar' o ensino de filosofia a partir desta origem, deixamos de ser uma mera revisão histórica para se tornar um território de aquilombamento intelectual, onde a ancestralidade kemetista serve de escudo contra a alienação digital contemporânea.

2.2 Surrupiamiento epistemológico e a raiz africana do pensamento

A implementação das Filosofias Africanas no contexto brasileiro constitui estratégia fundamental de enfrentamento às formas históricas de marginalização epistemológica, contribuindo para o reconhecimento da cultura afro-brasileira e para o questionamento de matrizes interpretativas eurocentradas. Entre os elementos centrais desse processo destacam-se a descolonização do pensamento, o reconhecimento do papel estruturante das matrizes negras na formação social brasileira e a consolidação de práticas educativas orientadas por princípios antirracistas.

Diante dessa reformulação negritada, manifesta-se uma intelectualidade centrada na percepção da vida e na construção de vínculos afetivos. Trata-se de um movimento que questiona o predomínio de perspectivas eurocentradas na educação e afirma a importância de práticas pedagógicas mais participativas e interconectadas, capazes de fortalecer, em estudantes e professores, um maior envolvimento e empatia.

Nascimento, WF (2020) em seu livro: *"Entre Apostas e Heranças"*, comenta como se dão as relações filosóficas africanas e afro-brasileiras no cenário educacional brasileiro. Primeiramente, ele faz uma alusão ao efeito do colonialismo na educação filosófica e em seguida sugere uma metodologia ancestral, demonstrando que o ensino de filosofia é destituído de visões afrodiaspóricas; ou seja, é necessário agregar um conhecimento direcionado a cultura, a identidade e a história de comunidades de ascendência africana que residem além das fronteiras do continente de origem, como no caso dos negros em nosso país e no mundo, que sofreram uma migração forçada com o processo diaspórico devido ao comércio de escravos. Nesse sentido a obra propõe mudanças significativas ao sugerir os temas:

- Implementação de Filosofias Africanas no Ensino de Filosofia: os estudantes refletem sobre metafilosofia e currículo; ou seja, refletem sobre a importância de uma educação filosófica fundamentada em tradições africanas;
- O conhecimento do Ubuntu, Ancestralidade e Formação: destaque da Filosofia Ubuntu na educação e formação comunitária;
- Infância e Desenvolvimento: interação entre tempo, memória e ancestralidade na formação do saber.

O autor defende uma educação antirracista que supere a subjugação intelectual e ancestral presente nas práticas pedagógicas tradicionais. O objetivo é fortalecer a relação entre educação e resistência, reconhecendo os terreiros como legítimos locais de aprendizagem e de enfrentamento ao racismo.

Bispo (2023), ao criticar o colonialismo e suas formas de submissão, adverte que o colonialismo não foi apenas um processo histórico, e sim uma grande realidade ainda presente nas políticas públicas e na vida cotidiana. Ele denuncia a imposição de valores euro-cristãos que desqualificam os saberes e modos de vida dos povos tradicionais. O autor aponta a ocorrência contínua e gradual desses movimentos ocidentais e apresenta a valorização dos conhecimentos indígenas e afrodescendentes como promoção da justiça e da igualdade, considerando que, muitas vezes esses povos são marginalizados pelo modelo dominante. Bispo não concebe um colonialismo como forma de resistência e oposição, mas sim como construção da autonomia e identidade, condizentes com a realidade dos povos tradicionais. Também sugere o uso da fala e da oralidade como ferramenta essencial entre diferentes culturas, modos de vida e interação em um mundo escasso de equidade. Para ele, a terra não é apenas um espaço físico, mas uma fonte de conhecimento. Bispo ressalta a importância de ouvir a terra e absorver seus ensinamentos, como meio de vencer a crise ecológica e social na qual o mundo atravessa.

Dessa forma, a autonomia e a identidade defendidas por Bispo encontram confluência nos discursos sobre Ubuntu. Contudo, ao analisar este conceito sob uma perspectiva universal, nota-se que ele é frequentemente mal difundido, como adverte Nascimento (2025): “Ubuntu não se resume a um dispositivo de autoajuda, alteridade”. Para ele essa forma de pensar a alteridade possui um efeito globalizante, pois quando se tem a primazia do coletivo onde tudo é nós e se tudo é nós, quem é o outro num mundo em que tudo é nós?” Seria como se trabalhássemos em uma empresa e os funcionários agissem ideologicamente em equipe, sem que soubessem que a intencionalidade fosse a lucratividade e o progresso financeiro da empresa. O funcionário ao se unir ao/aos outro/outros nega suas particularidades e ofusca os seus desejos e aspirações. Logo ao dizermos o slogan: “Eu sou porque nós somos não se torna uma filosofia de vida e nem é uma característica de Ubuntu por retratar um apagamento da verdadeira potência e relação humana. Ubuntu é uma

palavra de duas línguas de idiomas, zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado, humanidade para todos. E nessa concepção de humanidade, a maior significação concentra-se nos gestos e na fala, indispensáveis ao desenvolvimento do caráter comunicativo — como ocorre no *candomblé*, por este deter em sua maior parte, uma tradição de religiosidade oral. Sob essa ótica, humanidade não é uma marca intrínseca que sinaliza apenas que somos *homo sapiens*, mas que somos antes de tudo seres comunicáveis como o termo *untu* descreve.

Retomando o conceito de “universal” temos uma explicação muito expressiva de Ramose (2011). Ele frisa ao dizer que essa definição institui uma perspectiva hegemônica, na visão de “a única e a mesma” e excludente por remeter outras experiências e formas de conhecimento. Ramose rebate a ideia de universalidade ao demonstrar que a mesmização é a tentativa de anular as diferenças culturais, históricas e ontológicas. Diante desse paradoxo, estabelece-se uma distinção onde um saber é visto como único e soberano, enquanto o outro é deliberadamente excluído. Tal postura deriva de um universalismo dominante que, ao recusar a diversidade das experiências humanas, torna-se ilógico. Afinal, nega a própria pluriversalidade — esse arcabouço rico em múltiplas epistemologias, ontologias e formas de produção de conhecimento.

Cavalcante (2020) atribui a Filosofia Ubuntu uma ética coletiva no qual só é verdadeiramente justa à medida que essa convivência tenha harmonia com o outro e esse outro tenha nós” como raiz de um todo social. A filosofia ubuntu tem como pretensão resgatar o ser em sua plenitude, como consciente e parte integrante de algo maior e coletivo. Conforme os fundamentos da filosofia ubuntu, não somos humanos sozinhos e precisamos de outras pessoas para conquistarmos essa interdependência. Portanto quando há relações entre o divino, a comunidade e a natureza, resgatamos o conceito de comum e nessa perspectiva alcançamos a democracia, ou seja, uma diversidade de singularidades que principiam a igualdade como parte fundamental e condicionante da existência do outro.

Há uma interessante literatura de Ngomane (2022). Ao mencionar as filosofias africanas em suas reflexões, ela mostra como a força do Ubuntu dá sentido à vida quando negamos a crença na ganância, no egoísmo e no individualismo exacerbado. Passar por cima dos outros para alcançar seus objetivos é um dos maiores en-

traves para minar valores como a empatia, a solidariedade e a cooperação. Suas constatações mostram que ainda vivemos sobre a noção darwiana da sobrevivência, onde o mais adaptado prevalece sobre os demais para se tornar uma regra fundamental. Porém, o dano que fazemos aos outros nos traz consequências negativas diretas. Como exemplo temos o regime do apartheid que segrega e dá uma vida privilegiada aos brancos sul-africanos.

Em suas constatações Ngnomane (2022) defende que os brancos sul-africanos viviam em áreas separadas, em comunidades, com boa infraestrutura e todas as regalias incompatíveis ao compararmos com seus conterrâneos negros. No entanto, esses privilégios tiveram um alto custo por privar suas liberdades, pois por discriminação e medo dos negros eles precisaram construir muros altos e se organizar em condomínios fechados. Um aprisionamento decorrente das circunstâncias que os próprios brancos sul-africanos criaram diante dessas situações apartadoras.

Talvez seja muito difícil obter uma tradução direta, segundo Ngomane (2022) sobre Ubuntu e as relações humanas. Mandela descreveu sua forma de pensar Ubuntu. Para ele todos nós queremos fazer parte de algo e está intrínseco em nossa natureza. Formamos grupos de amigos, entes queridos, colegas de trabalho etc. e é imprescindível a convivência com desconhecidos. Sob a esfera humana seria como um chamado à responsabilidade e à igualdade. A realização pessoal só acontece quando estendemos a mão para além de nós. Ao enxergar nossos parceiros e parceiras como aliados praticamos uma força poderosa de fazer o bem.

Se traçarmos uma analogia do ubuntu e a natureza encontramos um paralelo na interdependência e colaboração indireta dos seres vivos. A prática ubuntuísta, que valoriza o coletivo e a interconexão, é intrinsecamente harmoniosa com a saúde dos ecossistemas e a biodiversidade. Portanto, diferentemente das ações humanas que resultam em prejuízos ambientais como destruição de habitats, poluição e uso excessivo de recursos, a essência do Ubuntu reside na preservação e no equilíbrio mútuo.

Existem interações entre animais da mesma espécie ou de tipos distintos que revelam funções de interdependência orgânica. Instintivamente esses seres mantêm o equilíbrio e a saúde do planeta. Como exemplo, temos animais que fazem a dispersão de sementes e do pólen com objetivo de contribuir para regeneração das flo-

restas e manter a diversidade de espécies. Embora pareça um trabalho irrelevante à primeira vista, esses animais realizam um mutualismo significativo, no qual dois indivíduos de espécies diferentes se associam e beneficiam um ao outro, causando até mesmo uma dependência para a sobrevivência. Outro caso muito marcante são as abelhas que ao garantirem a polinização e a reconstituição de inúmeras plantas, tornam-se seres cruciais na teia da segurança alimentar da humanidade e na manutenção de diversos ecossistemas. Quando pensamos na organização coletiva que as abelhas praticam ao viverem na colmeia, observamos que elas impulsionam um trabalho comunitário com fins e objetivos coletivos, como a manutenção da estrutura em que vivem e tarefas intensas que realizam para obtenção de recursos. Tal dinâmica reflete a interdependência e gera uma diversidade de culturas alimentares, a exemplo do mel e da própolis, recursos imprescindíveis por seu valor medicinal e funcional sob diversos aspectos.

A referência às abelhas não busca naturalizar nem prescrever um modelo biológico à organização humana, tampouco transpor de maneira determinista a estrutura da colmeia à sociedade. Trata-se, antes, de uma analogia estrutural assumida como modelo ontológico de interdependência, capaz de evidenciar que a vida se sustenta por relações constitutivas e não por existências isoladas. A condição humana, diferentemente da organização instintiva dos insetos sociais, é histórica, reflexiva e ética; ainda assim, ambas revelam que a ruptura dos vínculos sistêmicos produz colapso coletivo.

Ao falarmos sobre o habitat das abelhas, notamos uma visível superlotação nestes locais, o que desperta o interesse acadêmico e observacional, pois ao presenciarmos suas condições de vida em um ambiente muito estreito e limitado, percebemos que elas não perdem a capacidade harmônica e cooperativa entre seus membros, principalmente ao se tratar de sobrevivência e preservação de seus grupos.

Contudo é vital que compreendamos que o desaparecimento das abelhas causaria um impacto catastrófico, podendo ocasionar grandes danos à harmonia da biodiversidade e à diminuição drástica da produção de alimentos. Uma queda, a qual provocaria a desestabilização do planeta e da sociedade. À luz desses argumentos, somos levados a repensar e estabelecer uma relação a respeito do racismo ambien-

tal, que embora não seja idêntico à ecologia das abelhas, compartilha a mesma lógica de desequilíbrio, exploração e questões que afetam sua coletividade, como as comunidades que são atingidas desproporcionalmente, devido a poluição, ao desmatamento e os reflexos do aquecimento global, que de uma forma ou de outra prejudicam indiretamente a todos a longo prazo. Conforme define Bullard (2001):

O racismo ambiental é a institucionalização de uma desigualdade que reforça a estratificação social, na qual comunidades de cor são forçadas a arcar com os custos ambientais do crescimento econômico alheio, enquanto lhes é negado o acesso aos benefícios de um ambiente saudável e seguro. (BULLARD, 2001, p. 160).

E perante a intensificação da degradação ambiental e concentração de efeitos negativos de poluição e dos desastres naturais nessas comunidades subjugadas, a desigualdade se expande e multiplica-se, principalmente no que tange à saúde dessas populações. Elas são expostas aos efeitos nocivos que afetam não apenas elas, mas também os demais habitantes de diversas áreas e regiões.

Ainda que a comparação entre vidas humanas marginalizadas e o declínio das abelhas soe complexa, percebe-se que ambos os grupos se unem pelo imperativo da sobrevivência. A defesa do meio ambiente deve ser assumida como um compromisso comum, compreendendo a interdependência entre todas as comunidades e espécies sob a égide de uma ética ubuntuista.

Temos atualmente em nosso país um sistema que causa muitos danos ambientais, principalmente ao falarmos sobre a problemática do desmatamento em áreas nativas e o uso desregulado e excessivo de agrotóxicos e fertilizantes. Dentre os problemas mais recorrentes, estão: terras nativas sendo substituídas por pastagens para criação de gado, plantações em grande escala, que na maioria das vezes expulsam comunidades tradicionais, resultando em insegurança alimentar, problemas de saúde, prejuízo aos animais polinizadores, devido a esse uso de pesticidas e agrotóxicos que matam e prejudicam a saúde dos insetos, aves e morcegos, como também seu escoamento pelas chuvas que acabam contaminando os cursos d'água e o solo.

A estrutura fundiária brasileira remete a colonialidade, devido suas características e traços históricos trazerem um sistema agrícola monocultoral, isto é, um sistema de exploração exclusivo a um só produto e voltado praticamente para a expor-

tação. Nesse sentido utiliza-se grandes extensões de terra (latifúndios) e mão de obra escrava e barata, apontados em sua grande maioria por padrões considerados comuns de exploração nas Américas e outras regiões. Nesse caso, temos o agronegócio que ao ser um sistema produtivo também se baseia em conteúdos políticos, econômicos e princípios neoliberais, cuja propriedade de terras e o uso de tecnologia geram riquezas, atraem e facilitam a abertura comercial para o investimento estrangeiro, devido a recursos naturais como o clima e o solo. Embora esse sistema carregue uma ecologia intrínseca, carece na maioria das vezes de uma sustentabilidade pautada em ações e práticas que priorizem o equilíbrio com o meio ambiente em nosso país.

Não podemos ignorar, pois o Racismo Ambiental vai muito além da degradação da natureza; ele se manifesta em uma seleção politizada, dentre os quais corpos e territórios são incumbidos de suportar os ônus do progresso neoliberal. Diversos territórios de reexistência brasileiros são tomados pela ausência de saneamento e expostos a poluentes. Não são acasos geográficos; são reflexos de uma hierarquia ontológica que tenta subestimar a vida e a potência desses locais, sem a devida reparação histórica ou o reconhecimento de sua dignidade política e ambiental.

Enquanto o sistema prioriza o lucro imediato, as comunidades tradicionais e os polinizadores, a exemplo das abelhas, tornam-se vítimas de uma profunda degradação vital. A lógica que ignora o desaparecimento das colmeias é a mesma que ignora o adoecimento de populações em áreas de vulnerabilidade imposta.

Ambas são vistas pelo sistema como superficialidades descartáveis, revelando um epistemicídio ambiental que tenta apagar os saberes e as vidas de quem mantém o equilíbrio da terra. Tal elaboração ecoa na arte engajada de Chico César, que analisa fielmente os aspectos negativos do agronegócio. Em sua melodia, o artista critica, questiona e elucida um setor de discurso dominante e ideológico, que afirma alimentar o mundo e gerar empregos ao país. Para o cantor e compositor, esse modelo é um dos grandes causadores de problemas sociais e ambientais, devido à posse, à concentração de terras e à submissão de pessoas submetidas a condições análogas à escravização.

Reis do Agronegócio (Chico César – 2015)

Ó donos, do agrobiz, ó reis do agronegócio
 Ó produtores de alimento com veneno
 Vocês que aumentam todo ano sua posse
 E que poluem cada palmo de terreno
 E que possuem cada qual um latifúndio
 E que destratam e destroem o ambiente
 De cada mente de vocês olhei no fundo
 E vi o quanto cada um, no fundo, mente

Vocês desterram povaréus ao léu que erram
 E não empregam tanta gente como pregam
 Vocês não matam nem a fome que há na terra
 Nem alimentam tanto a gente como alegam
 É o pequeno produtor que nos provê e os
 Seus deputados não protegem, como dizem:
 Outra mentira de vocês, pinóquios véios
 Vocês já viram como tá o seu nariz, hem?

Vocês me dizem que o Brasil não desenvolve
 Sem o agrobiz feroz, desenvolvimentista
 Mas até hoje na verdade nunca houve
 Um desenvolvimento tão destrutivista
 É o que diz aquele que vocês não ouvem
 O cientista, essa voz, a da ciência
 Tampouco a voz da consciência os comove
 Vocês só ouvem algo por conveniência

Para vocês, que emitem montes de dióxido
 Para vocês, que têm um gênio neurastênico
 Pobre tem mais é que comer com agrotóxico
 Povo tem mais é que comer se tem transgênico.
 É o que acha, é o que disse um certo dia
 Miss motosserrainha do desmatamento
 Já o que acho é que vocês é que deviam
 Diariamente só comer seu "alimento"
 Vocês se elegem e legislam, feito cínicos
 Em causa própria ou de empresa coligada:
 O frigo, a múlti de transgene e agentes químicos
 Que bancam cada deputado da bancada
 Té comunista cai no lobby antiecológico
 Do ruralista cujo clã é um grande clube
 Inclui até quem é racista e homofóbico
 Vocês abafam, mas tá tudo no youtube

Vocês que enxotam o que luta por justiça;
 Vocês que oprimem quem produz e que preserva
 Vocês que pilham, assediam e cobiçam
 A terra indígena, o quilombo e a reserva
 Vocês que podam e que fodem e que ferram
 Quem represente pela frente uma barreira
 Seja o posseiro, o seringueiro ou o sem-terra
 O extrativista, o ambientalista ou a freira

Vocês que criam, matam cruelmente bois

Cujas carcaças formam um enorme lixo
 Vocês que exterminam peixes, caracóis
 Sapos e pássaros e abelhas do seu nicho
 E que rebaixam planta, bicho e outros entes
 E acham pobre, preto e índio "tudo" chucro:
 Por que dispensam tal desprezo a um vivente?
 Por que só prezam e só pensam no seu lucro?

Eu vejo a liberdade dada aos que se põem
 Além da lei, na lista do trabalho escravo
 E a anistia concedida aos que destroem
 O verde, a vida, sem morrer com um centavo
 Com dor eu vejo cenas de horror tão fortes
 Tal como eu vejo com amor a fonte linda
 E além do monte o pôr-do-sol porque por sorte
 Vocês não destruíram o horizonte... Ainda

Seu avião derrama a chuva de veneno
 Na plantação e causa a náusea violenta
 E a intoxicação "né" adultos e pequenos
 Na mãe que contamina o filho que amamenta
 Provoca aborto e suicídio o inseticida
 Mas na mansão o fato não sensibiliza
 Vocês já não tão nem aí co'aquelas vidas
 Vejam como é que o agrobiz desumaniza...:

Desmata minas, a amazônia, mato grosso...;
 Infecta solo, rio, ar, lençol freático;
 Consome, mais do que qualquer outro negócio
 Um quatrilhão de litros d'água, o que é dramático
 Por tanto mal, do qual vocês não se redimem
 Por tal excesso que só leva à escassez
 Por essa seca, essa crise, esse crime
 Não há maiores responsáveis que vocês

Eu vejo o campo de vocês ficar infértil
 Num tempo um tanto longe ainda, mas não muito
 E eu vejo a terra de vocês restar estéril
 Num tempo cada vez mais perto, e lhes pergunto
 O que será que os seus filhos acharão de
 Vocês diante de um legado tão nefasto
 Vocês que fazem das fazendas hoje um grande
 Deserto verde só de soja, cana ou pasto?

Pelos milhares que ontem foram e amanhã serão
 Mortos pelo grão-negócio de vocês
 Pelos milhares dessas vítimas de câncer
 De fome e sede, e fogo e bala, e avcs
 Saibam vocês que ganham "cum" negócio desse
 Muitos milhões, enquanto perdem sua alma
 Que eu me alegraria se afinal morresse
 Esse sistema que nos causa tanto trauma
 Eu me alegraria se afinal morresse
 Esse sistema que nos causa tanto trauma
 Eu me alegraria, ô
 Esse sistema que nos causa tanto trauma
 Ó donos, do agrobiz, ó reis do agronegócio
 Ó produtores de alimento com veneno.

Vimos várias narrativas a respeito dos sistemas de poder e suas influências que levaram e levam a comportamentos de natureza individualista. Na prática ubuntuísta, a ação e a conexão interdependente dos seres se manifestam por meio de suas relações recíprocas e de respeito mútuo dentro da comunidade e sociedade, incluindo a natureza como elemento essencial desses laços sociais. E concomitantemente a tais percursos alcançamos rotas direcionadas à saúde psíquica de povos que foram sucumbidos pelos ditames de dominação e aculturação, cujas políticas foram responsáveis por suprimir seus costumes e desvalorizar suas raças, gêneros e etnias.

Acreditamos que os povos tradicionais e afrobrasileiros carregam consigo feridas e traumas profundos em virtude da colonização e da escravização, além de processos de violência cultural e simbólica associados ao ¹epistemicídio e ²memoricídio. E nada mais urgente que falarmos em saúde psíquica como forma de repararmos esses danos psicológicos, fortalecer a identidade cultural e validar saberes ancestrais, não hegemônicos. Precisamos ter uma direção e descobrir melhor sobre a importância do autocuidado e apontarmos caminhos e saídas que ajudem a trabalhar melhor o amor-próprio. Esses sentimentos são citados por Hooks (2021), e se assemelham as conceituações sobre amor de Noguera (2020). O amor-próprio nos mostra que é um processo multifacetado por percorrer diversas trajetórias individuais no sentido de conectar e buscar a reparação histórica e valorização da ancestralidade. Esse caminho envolve a desconstrução de narrativas hegemônicas e a reafirmação de identidades culturais silenciadas. Para ela o amor-próprio necessita ser bem trabalhado para não ser confundido com egoísmo ou egocentrismo, pois esse sentimento é a condição de nossa prática amorosa, pois, quando concedemos amor a nós mesmos, facultamos em nosso interior a possibilidade de construir um amor incondicional.

De acordo com a autora, o amor é uma combinação de confiança, compro-

¹ **Epistemicídio** consiste no processo de negação e silenciamento da racionalidade de grupos subalternizados, operando o "sequestro da razão" do sujeito negro. Ver: CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 26.

² **Memoricídio** refere-se ao apagamento ou marginalização deliberada da memória histórica e cultural de um povo, visando desarticular sua identidade e soberania. Conforme: NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019, p. 270.

misso, cuidado, respeito, conhecimento, responsabilidade e aperfeiçoar essas qualidades inerentes em nós possibilita sermos quem somos. É importante fazermos uma análise do passado de maneira crítica, sobretudo durante a infância, para assim mapearmos a internalização de mensagens que afirmavam que quando crianças não tínhamos valor, não éramos boas o suficiente, éramos loucas, estúpidas, monstruosas etc. Compreender como esses sentimentos foram internalizados, da dificuldade que tivemos em mudar e converter essa etapa nesse processo, para que, como muitas outras pessoas possamos examinar utilmente os padrões de pensamento e comportamento negativos aprendidos na infância, especificamente aqueles que marcaram na formação de nossa identidade. Embora saibamos que esse processo não garante a auto recuperação de forma isolada, ele também não é suficientemente capaz de restabelecer nosso amor-próprio, precisaríamos saber onde iniciou essa fragilidade de nossa autoestima e onde e quando foi recebida essa socialização negativa. E, ao estabelecer uma base fundamentada no amor-próprio, progressivamente avançaremos para a próxima etapa que é composta por padrões de pensamentos positivos e comportamentos construtivos, cuja tarefa é ajudar a superar a baixa autoestima.

Essa investigação sobre as raízes da desvalorização na infância, proposta por Hooks (2021), conecta-se à necessidade de uma reparação da subjetividade. Não se trata de um exercício meramente psicológico, mas de um ato político de 'Negritar a Existência' frente aos sistemas de dominação. Ao mapearmos as mensagens de 'falta de valor', identifica-se a operação do epistemicídio, que tenta desarticular a soberania epistêmica e a luz própria de subjetividades historicamente silenciadas.

Portanto, o amor-próprio em hooks configura-se como o 'motor de soberania' desta investigação: o ponto de partida para que a comunidade vibre saúde. Ao transmutar a consciência do trauma em uma Atitude Ubuntuísta, o sujeito deixa de ser o alvo da socialização negativa para tornar-se agente de uma 'Maat contemporânea', onde o cuidado de si é a condição absoluta para o florescimento do coletivo. Sem esse retorno ao amor como prática de liberdade, a superação da baixa autoestima torna-se inalcançável diante das estruturas que adoecem e silenciam.

Seguindo essa cadência, bell hooks nos convoca a uma postura ativa, pois,

como afirma a autora, 'saber como amar é o que nos possibilita terminar com a dominação em todas as suas formas' (HOOKS, 2021, p. 128).

Ao retomar a discussão sobre a baixa autoestima, observa-se que seu elevado grau pode provocar um profundo sofrimento psíquico. Percebe-se, nos discursos direcionados aos povos negros e indígenas, que há uma conduta médica que submete a saúde mental à chancela da instituição psiquiátrica — eurocêntrica por excelência — conforme relata Santos (2017). Em suas análises a loucura foi o meio pelo qual o sofrimento humano deixou de fazer parte do coletivo para ser individualizado, descontextualizado, estudado e tornado doença ou sofrimento pelos *saberes psi* (Santos, 2017 apud Foucault et al., 2006).

Por meio da assistência psiquiátrica evidenciamos um racismo de Estado que determina quem deve ter saúde mental e quem deve viver atormentado pelo sofrimento decorrente das condições sociais; como uma espécie de darwinismo social, (Santos, 2017 apud Foucault et al., 2005). Obviamente é o Estado racista quem determina a forma de tratamento da saúde mental da população brasileira e os recursos de investimento, advindos das psicologias e suas abordagens.

Quando Santos (2017) articula sobre a saúde mental, cita também a psicose como um dos sofrimentos psíquicos severos que os indivíduos da sociedade moderna portam e os esforços que a Reforma Psiquiátrica Brasileira desempenha para buscar um tratamento mais humanizado. Todavia, ele articula concepções sobre a saúde mental da população negra, de maneira particular, vinculando conhecimentos sobre os anos 1930, a partir da Frente Negra, constituída pela experiência existencial do negro na história do Brasil desde a chegada na colônia, do advento do abolicionismo, da formação da República, até a nossa atualidade. De certo que o negro traz uma perspectiva social autônoma, sendo necessário aprimorá-la e divulgá-la. Ao destacar a visão integral da saúde do ser e com a ajuda da Lei 8.080/1990, temos como base os movimentos que os ativistas negros realizaram na PNSIPN (Política Nacional de Saúde Integral da População Negra); com o objetivo maior de mostrar seus diversos modos de resistência, sobretudo, a respeito da escravização e a desigualdade racial de afrodescendentes. Em face a essas ações e em conformidade com esses anseios, põe-se em prática a construção da saúde, o sentido da identidade e o resgate da população negra, no âmbito de instituições sociais comprometi-

das em findar as interseccionalidades³.

Outro aspecto relevante apontados pelo autor, Santos (2017) é o amor no ambiente de trabalho. O amor-próprio se bem construído, ajuda criar meios necessários para transformar e tornar qualquer trabalho realizado mais agradável quando expressamos o nosso melhor. Dessa forma nosso espírito é renovado e essa atitude alimenta nosso crescimento. O amor-próprio não é edificado sob clausura e não é uma tarefa fácil amar a si mesmo, pois requer auxílio. Para um critério mais acertado, seria melhor questionarmos se estamos muitas vezes presos a sentimentos de baixa autoestima e auto-ódio, caso consigamos distinguir a respeito da facilidade de se amar. A prática do amor precisa de ações, como uma espécie de diagrama, ou seja, uma representação visual simplificada e estruturada desse conceito que intente aumentar nossa existência. E ao potencializar essa conexão interior, o amor-próprio segue uma direção adequada por estimular hábitos benevolentes, como a prática da gratidão, em razão da sensação de bem-estar e o aprimoramento do autoconhecimento.

Paralelamente as definições anteriores, Santos (2021) coloca uma perspectiva de que a comunidade tradicional de matriz africana do candomblé relaciona o trabalho como dom sagrado da natureza e peça fundamental da construção da subjetividade. As comunidades quilombolas, os povos indígenas e a população de terreiro, consideram o trabalho imprescindível ao crescimento individual e comunitário, pois conecta o corpo com o psíquico, proporcionando a saúde mental. Logicamente esses trabalhos tornam-se mais proveitosos quando são mais relacionados às suas culturas de roça, plantação, ferramentas com a metalurgia do ferro, máquinas, feitu-
ras de casa etc. Porém tais ocupações não são saudáveis quando dominam a função do outro, o aliena e o torna mais debilitado.

Ao se tratar das conjecturas dos trabalhos ele também afirma sobre as tarefas que as merendeiras realizam nas escolas; os motoristas de ônibus; as atividades árduas do meio rural; trabalhadores e trabalhadoras precoces nas condições de rua, camelôs, adolescentes, crianças, mulheres e homens nos cruzamentos das ruas

³ **Interseccionalidade** é a interação ou sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso a direitos. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/o-que-e-interseccionalidade> . Acesso em: 22/01/2025

vendendo doces ou água; os operários da construção civil; os comerciantes; os garis e os recicladores, onde observamos um trabalho precário, mal remunerado e realizado na maioria das vezes pela população negra. Bem certo de que o trabalho equilibra a saúde física, a alegria, o amadurecimento, o psiquismo, o amor-próprio e o amor à natureza. Para isso é preciso que o trabalho não tenha uma subordinação e um controle total do empregador em seu contexto. É preciso também que seja produtivo, integrativo e tenha um valor para o sujeito e para a sociedade e que inicie preferencialmente no seio da comunidade. O autor adverte sobre a problemática da renda insuficiente e incapaz de suprir suas necessidades, ao destacar que esses cenários podem gerar consequências profundas na esfera subjetiva. Essa precariedade financeira, segundo ele, atua como um fator de destruição da identidade e do bem-estar psicológico, contribuindo significativamente para o aumento do sofrimento psíquico. Diversas pesquisas indicam que a má condição econômica tem uma forte relação com o crescimento da instabilidade emocional, afetando diretamente a autoestima e a sensação de segurança dos indivíduos, conforme mostram as pesquisas (Santos, 2017 apud Araújo, 2004). Desse modo, as questões financeiras não afetam apenas a qualidade de vida, mas atingem negativamente a saúde mental. E, diante desse quadro, verificamos a imprescindibilidade de políticas públicas alicerçadas na promoção de uma maior equidade econômica e com vistas a um adequado suporte e apoio psicológico.

Se partimos para as práticas educacionais no ambiente escolar, Santos (2017) vai sinalizar sobre a necessidade de honrarmos a identidade cultural, a construção de uma memória viva e permanente que vise um futuro sem imposições e transformações colonialistas. No terreno da educação, o solo ao ser fértil revigora o amor-próprio, o orgulho de si, da família, do povo e a vontade de mudar, juntamente com a comunidade negra e indígena a qual pertence. Já no terreiro de candomblé a educação é construída com a pedagogia da oralidade, no encontro do mais velho com o mais novo, onde ambos aprendem. Nunca vimos uma escola com rebeliões de negros e indígenas ou uma escola que conte a vida nos quilombos de negros e mulheres negras em suas lutas e batalhas. Os inúmeros acontecimentos protagonizados por negras e negros foi a partir da primeira experiência de democracia no Brasil, como a República dos Palmares, a “Tróia Negra”, entre 1630 e 1697; o deba-

te sobre a Conjura dos Alfaiates, de 1798; sobre a Guerra de Canudos, na Bahia, entre 1893 e 1897; sobre a Balaiada, no Maranhão, em 1841; e a Revolta dos Malês, em Salvador, em 1853. Esses acontecimentos e conhecimentos trouxeram aos povos uma segurança de paz, coragem, confiança, sentido de pertencimento e, por consequência a promoção de sua saúde psíquica.

A escola para Santos (2017), possui suas estruturas pedagógicas e currículos inclinados às culturas eurocêtricas e de branquitude, por apresentar um padrão de humanidade, costumes, inteligência e beleza, oriundos do branco. Logo a história e a cultura africana, afro-brasileira e indígena ficam distorcidas, impedidas de sonhar, de potencializar o amor-próprio e a subjetividade de crianças e jovens, causando consequentemente um sofrimento psíquico. Porém quando a educação possui em seu currículo um determinante de saúde, consequentemente afirmará a importância do negro na construção e história de nosso país.

Desde a chegada da família real ao Brasil, Santos (2017) comenta que os médicos e juristas afirmavam que o corpo branco era mais saudável e moralmente regrado e utilizavam a figura do negro como exemplo de corrupção moral e doença. E ele fala da crueldade e a forma como o corpo negro foi marcado. Uma espécie de signo chamado de “elemento negro”, considerado como um elemento social indesejável, no qual deveria ser exterminado.

Por outro lado, Santos (2017) fala também a respeito da degradação da mulher negra e seu corpo por sofrer estupro pelos brancos da sociedade dominante.

O crime de subjugação sexual contra a mulher negra tornou-se uma prática muito comum ao longo das gerações, sem contar da dificuldade da ascensão profissional ao exercer um emprego de doméstica que a impeça de obter melhores condições financeiras para se manter. Até hoje as mulheres se encontram em situação de abandono dos seus parceiros e muitas vezes criam seus filhos, sem a presença e o auxílio financeiro do cônjuge.

As mulheres negras eram vistas como mucamas desde o Brasil-colônia e atualmente ainda são estereotipadas e vistas como objeto sexual. De acordo com o autor os meninos brancos já maiores podiam pegar as meninas negras no escondido, até terem a oportunidade de arranjar uma namorada branca. Diante desse aspecto testemunhamos o tamanho da desigualdade ao compararmos as formas de trata-

mento entre homens e mulheres. Cava-se um abismo maior quando referenciamos as mulheres negras, por estarem em uma condição social muito inferior, devido aos aspectos da interseccionalidade, nos quais refletem os fatores sociais de raça, gênero, classe social e orientação sexual, como causas determinantes da valoração humana. O autor descreve que durante sua infância cresceu com o costume de ver gente branca como rica, poderosa, livre, bonita; e os negros de vilas e comunidades como pobres, malvestidos, e muitos outros adjetivos pejorativos. Lembranças e recordações pertinentes as pessoas pretas deveriam valer como descrições da sociologia, mas infelizmente não foram registradas com frequência em documentos oficiais. Temos um exemplo atual com a morte da ativista Assata Shakur em 25 de setembro de 2025, aos 78 anos. Ela lutou para emancipar os afro-americanos e sofreu as piores atrocidades, sem contar que foi alvo de manipulação midiática e condenação, após o resultado de um sistema judicial tendencioso. Vários foram os documentos oficiais que omitiram o verdadeiro objetivo e contexto sociológico dos movimentos de libertação negra dos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. E diante desse problema político e ideológico de formação do negro, tivemos a contribuição de uma sociologia eurocentrista, que considerou a população negra uma anomalia a ser superada, ao invés de um elemento essencial para moldar a identidade, a riqueza e a estrutura social do país.

E nada mais oportuno que resgatar, valorizar e adotar as filosofias e epistemologias africanas e afrodiaspóricas no processo educativo, com o propósito de romper a hegemonia do pensamento ocidental, eurocêntrico e colonial.

Em suma, devemos reconhecer o campo do sofrimento psíquico como um dos maiores entraves em consequência da opressão e violência engendradas, principalmente pelo racismo institucional que de uma forma ou de outra impactou e continua a impactar o psicológico dessas populações, traumatizando suas histórias e apagando a autonomia individual e coletiva.

Ngomane (2022) ao tratar sobre saúde mental, afirma que o Ubuntu é o nosso grande aliado no incentivo à união. Pois, para ela a união não só favorece o bem-estar psíquico, como também proporciona mudanças significativas, mesmo com todas as hipóteses que possam surgir para colocar em dúvida se essa filosofia terá a capacidade de entender os efeitos negativos do egoísmo, do apartamento, da dis-

criminação etc.

2.3 Diálogo entre Kemet e Ubuntu

Kemet (a “Terra Negra”, nome antigo do Egito) representa a matriz intelectual da humanidade, onde conceitos fundamentais de matemática, ética, justiça (Ma'at) e pensamento filosófico nasceram em solo africano. Cheikh Anta Diop e outros autores demonstraram que essa civilização ancestral não foi apenas uma curiosidade histórica, mas o cerne de muitos saberes que o Ocidente apropriou e apagou. O Ubuntu, por sua vez, surge como a ética viva dessa ancestralidade: uma ontologia relacional que enfatiza a interdependência, o tecido social e o reconhecimento do outro como extensão de si.

Ao viabilizar filosofias africanas no ensino de filosofia, foi preciso criar algo mais interdependente, holístico, contemporâneo e inclusivo, capaz de fazer renascer e revitalizar a vida humana, principalmente a de povos esquecidos e quase desvanecidos nessa trajetória terrestre. Uma atitude, um conceito, uma luz, uma estrada e um caminho para percorrer com esperança e convicção de que ainda é possível compreender e alcançar o inalcançável, o improvável e o duvidoso. A força, a luta e a determinação renovadas em sua mais pura essência e plenitude. Mediante esses delineamentos racionais, emotivos e otimistas concebo uma definição filosófica representável a povos merecedores de proteção, consideração e valia que, diante do sofrimento e preconceito insistente, resistem reafirmando sua história e cultura identitária.

O termo “Ubuntuísta”, cujo sufixo “-ista” deriva do grego e significa “o que faz, o que pratica determinada ação” (Infopédia, 2003), surge da junção de ubuntu e ista. Essa construção é pautada exclusivamente na construção do pensar coletivo e na busca por ações holísticas contemporâneas que integrem o físico, o emocional, o racional e o social, com o objetivo de concretizar e restabelecer o ensino filosófico e a essência da psiquê humana. É a busca do nós em consonância consigo. Nessas constituições, a ontologia humana — o estudo da natureza fundamental e da existência do ser — orienta suas ações de autodescoberta tanto de si quanto do outro, ao comunicar-se, relacionar-se, expressar-se e todas as premissas

fundamentais de preservação, integralização e potencialização das singularidades humanas, em oposição a qualquer forma de desumanização. Visões essas que dialogam diretamente com a ontologia relacional enfatizada por Mogobe Ramose (2011), o qual nos diz que uma pessoa só é consciente de si por meio de outras pessoas (o princípio do Ubuntu). Talvez essas ações permeiem em atitudes éticas, memoráveis e de aconchego. Uma espécie de retorno ao ventre africano para superação de medos e traumas existenciais.

Serão práticas voltadas à problematização de fatos, acontecimentos e comportamentos pautados em saberes ancestrais. E a reconstrução da linguagem, do conhecimento e da arte são um desses requisitos fundamentais por transmitir cultura, formar o pensamento, revitalizar a comunicação, a capacidade de aprender e resolver problemas, contribuindo dessa forma para a socialização e a expressão de emoções. Diante dos fatos, a maior convicção reside em comportamentos que restabeleçam a vida comunitária, a identidade e a subjetividade. Um ser ubuntuísta, requer uma responsabilidade afetiva e benevolente que ultrapasse o ativismo ao conhecer-se, sentir-se realizado, interagir com um todo por meio das partes que o compõem ao comprometer-se com os demais. Enfim, um aquilombamento afrofilosófico que vá além da fuga e da resistência física, para uma prática filosófica e política de re (existência) que valorize a força da comunidade e o empoderamento coletivo sobre o individualismo ao criar espaços de acolhimento, cura e fortalecimento da saúde emocional do povo preto. Serão práticas voltadas à experiência coletiva e de reavaliação da resistência da população negra, tanto no continente africano quanto na diáspora (como no Brasil), como forma de valorizar sua trajetória, contrapondo-se à história oficial, muitas vezes marcada pela invisibilidade e pelo apagamento de suas contribuições. Esses atos serão para reunir, florescer, organizar e fortalecer em comunidade seus saberes, ancestralidade e cultura, opondo-se a todo tipo de opressão, como o racismo, a aporofobia, a homofobia, a xenofobia, o machismo, o etarismo etc.

É preciso deixar claro que o Ubuntu não é algo miraculoso, redentor e utilitarista que maximiza a felicidade como um todo. É uma filosofia cercada de fragilidades e suscetível a conflitos. Contudo quando há ações, movimentos e realizações internalizadas de forma sinérgica podem resultar em um bem-estar enriquecedor e inten-

sificador de uma atitude ubuntuísta. Essa atitude ajuda o ser a construir e acompanhar sua relação de interdependência e respeito em conjunto com os demais.

Logicamente, para se ter uma atitude ubuntuísta é necessário preparação e harmonia emocional. Embora falemos de filosofias africanas isso não nos tira a autonomia de buscarmos conhecimentos e contribuições de filosofias não ocidentais, como por exemplo a filosofia indiana que tem em seu foco a libertação do sofrimento. Segundo o indiano Sarkar (2011) ao adaptar a antiga ciência do Tantra da Yoga para atender às demandas e desafios contemporâneos, emerge uma filosofia existencial, racional e científica. Isso ocorre quando combinamos práticas que promovam o crescimento humano, como o esforço contínuo em melhorar o aspecto físico e subjetivo. Os pensamentos e atitudes de Sarkar tem o poder de transformar vidas e ajudar as pessoas na superação de fraquezas e pensamentos negativos, levando-as a experimentar uma paz profunda e uma sensação de bem-aventurança.

Para alcançar o equilíbrio e a harmonia emocional, Sarkar recomenda que devemos nos livrar de quaisquer complexos em mente, tanto no que diz respeito ao complexo de superioridade quanto ao de inferioridade. A formação do equilíbrio psíquico requer um relacionamento humano destituído de complexos para que eles não cresçam em nós ou nas pessoas com quem interagimos. Segundo ele, esses complexos são enfermidades psicológicas e para sanarmos a melhor cura seria a prática da humildade, pois ela traz virtudes e promove o renascimento da liberdade e da integridade humana. Dessa forma, buscar o equilíbrio emocional e a humildade, é uma ponte para alcançarmos uma atitude ubuntuísta, pois quando as relações humanas são destituídas de complexos, tornam-se saudáveis e manifestam uma interconexão genuína entre as pessoas.

As filosofias africanas e indianas são cruciais para a nossa sociedade contemporânea porque oferecem perspectivas vitais sobre a relação entre humanidade e natureza. Contribuem consideravelmente na promoção e construção de identidades nacionais mais plurais e justas. E por desafiar o eurocentrismo predominante, introduz novas epistemologias e valores éticos baseados na ideia de que o indivíduo e o coletivo, incluindo a natureza, estão intrinsecamente ligados e que o bem-estar de um depende do bem-estar de todos e vice-versa. Tais filosofias embora tenham sofrido com a colonização, não deixaram de trilhar caminhos de resistência e luta para

enfrentar tensões e preconceitos, devido não pertencerem as culturas ocidentais dominantes. Contudo o valor existencial que elas trazem, emanam uma força vital incomparável, principalmente ao se deparar com a atualidade que é tomada por inúmeros casos de sofrimento psíquico.

O ser ubuntuísta além de carregar em si o aspecto holístico intrínseco de ambas as filosofias, no que diz respeito a interconexão de todos os elementos da existência, como – mente, corpo, espírito, natureza e comunidade, contrasta também com o pensamento ocidental tradicional, que muitas vezes separa esses domínios, relegando e desvalorizando as tradições não-ocidentais ao se colocar como modelo único e verdadeiro de filosofia.

Muitas vezes criticamos a filosofia greco-ocidental, porém esquecemos de falarmos e aprofundarmos mais a história das filosofias africanas e suas origens.

Somet (2016) ao detalhar a história da filosofia africana faz uma investigação sobre a origem da palavra filosofia e conclui que o termo — *philosophia* ou ainda o substantivo que dele deriva — “*Philo-sophos*” foi empregado pela primeira vez para qualificar a tradição grega de Tales ou Pitágoras. Contudo, Tales de Mileto, mesmo sendo considerado o primeiro filósofo da tradição ocidental, não deixou registros escritos sobre a origem da palavra “filosofia”. No entanto, segundo a tradição grega e relatos de autores posteriores como Diógenes Laércio, Tales teria sido o primeiro a ser chamado de “filósofo”, ou seja, “amigo da sabedoria” (*philo-sophos*). Tales e Pitágoras viveram no século VI, e estiveram no Egito durante esse período. Somente ao retornarem à Grécia que o termo — “*philosophos*” foi empregado pela primeira vez, porém Tales preferiu designar “*sophos*” (sábio) por considerar mais elogioso e ter uma postura mais humilde e investigativa. “Segundo Diógenes Laércio, Tales aprendeu geometria com os egípcios, inscreveu um círculo no triângulo retângulo, e por essa descoberta sacrificou um boi” (SOMET, 2016, p. 89). Ao prosseguir sobre os conhecimentos dados pelo historiador Diógenes Laërce, Somet pontua que Tales seguiu lições que ocorreram somente no Egito e sua aprendizagem se deu exclusivamente por sacerdotes egípcios. Esses sacerdotes eram considerados guardiões do saber egípcio, no qual incluíam, matemática, astronomia, medicina, religião e filosofia. Em síntese podemos afirmar que Tales é o verdadeiro e primeiro filósofo grego a concluir que a água é a origem de tudo. Além de Tales e Pitágoras, apareceram

outros precursores gregos no pensamento e nas ciências que viajaram ao Egito e adquiriram conhecimentos egípcios, como, Platão, Aristóteles, Sólon, Xenofonte, Demócrito de Abdera, Hecatêu de Mileto e seu discípulo Heráclito de Éfeso, Eudóxio de Cnide etc. Eles obtiveram diversos conceitos e ideias relacionados aos conhecimentos egípcios. Pitágoras, Platão e Aristóteles por exemplo, fundaram as escolas filosóficas na Grécia com inspirações provenientes das instituições de ensino que já existiam no Egito antigo — especialmente aquelas ligadas aos templos e à formação dos sacerdotes. Enquanto Platão fundou a —Academia, Aristóteles fundou o Liceu. A Academia continha uma biblioteca, salas de aulas e espaços que serviam de alojamento para os estudantes, semelhantes as estruturas no Egito.

Pitágoras ao retornar do Egito, fundou em Crotona (Itália do Sul), uma instituição, onde os historiadores de filosofia se instalaram e denominaram —seita ou —confraria, uma espécie de franco-maçonaria religiosa, ou algo parecido. Os discípulos de Pitágoras eram numerosos, em torno de trezentos, conforme especifica Diógenes Laërce. Diógenes Laërce descreve Pitágoras dizendo que era jovem e estudioso e havia deixado sua pátria para ser iniciado nos mistérios gregos e bárbaros. Foi ao Egito e Policrates o recomendou a Amasis, onde aprendeu a língua egípcia. Ele também conheceu os Caldeus, os magos e aprendeu nos santuários, os segredos relativos aos deuses. Após esses ensinamentos foi para Samos, uma ilha grega localizada no Mar Egeu, contudo ao saber que sua pátria estava sendo oprimida pela tirania de Policrates, partiu para Cretona, na Itália. Ao retornar a Itália, ele criou leis para os italianos e tornou-se célebre entre seus discípulos. Seus alunos administraram a cidade com maestria e o governo aproximou-se de uma verdadeira aristocracia. No que concerne ao plano filosófico, Pitágoras é o precursor da ideia que o ser humano é composto de um corpo perecível e de uma alma imortal, onde ao transmitir uma alma de um corpo a outro, realiza-se uma transmigração das almas, conhecida também pelo nome de *metempsicose*⁴ ou *paligenésia*.

Mais tarde essa teoria é retomada, especialmente pelo filósofo Platão, no qual caracteriza a alma e o corpo como substâncias específicas em um relacionamento de conflito, porém o corpo é considerado uma "prisão" ou "cárcere" da alma e a alma é imortal e pertencente ao Mundo das Ideias. Nesse sentido o corpo, em sua

⁴ **Metempsicose:** crença na transmigração da alma de um corpo para outro após a morte. Disponível em: www.dicio.com.br Acesso em: 20 jan. 2026.

teoria faz parte do Mundo Sensível por gerar uma fonte de ilusão e distração do ser, devido às suas paixões e desejos, enquanto a alma liberta dessa prisão por buscar a verdade e o conhecimento através da razão.

É importante que saibamos as origens das filosofias africanas e as sutilezas de suas histórias. Uma tentativa de compreender as minúcias e pormenores que levaram a esse surrupiamento epistemológico, isto é, a realização de uma investigação aprofundada para tentar entender como transcorreu a apropriação e os mecanismos de distorção desse conhecimento e o modo de ser, a forma como foi incorporado, dissipado e esquecido ao ser propagado a outros povos e culturas. De certo que a cultura egípcia valorizava a ordem e o equilíbrio, influenciando todas as áreas da vida, da religião à política e à ciência. É oportuno recorrermos às pesquisas de Pontes (2017) sobre essas origens. Ela referencia o local de produção dos primeiros textos das filosofias africanas ao negar a narrativa eurocêntrica que declara a Grécia como berço exclusivo do pensamento. Ao pesquisar essa historicidade, a autora concluiu que o termo 'Kemet' remete ao antigo Egito. Pontes não pretende apenas apontar estudos comprobatórios da legitimidade da filosofia de Kemet, que é milenar no território, mas propor o fortalecimento e a descolonização do pensamento. Ao expandir esse raciocínio, ela introduz as definições de Mogobe Ramose ao conceituar epistemicídio e posteriormente, Renato Noguera que aprofunda o termo ao falar sobre a supressão da simbologia dos saberes não europeus. Ambos os filósofos alegam que existem estruturas coloniais e eurocêntricas apagadoras, que historicamente deslegitimam a produção intelectual dos povos africanos e da diáspora africana. Enquanto Ramose mostra sobre a existência ontológica da humanidade africana (Ubuntu), negada em diversos contextos; Noguera, reitera falando sobre um mecanismo que inviabiliza o acesso e a circulação desses saberes nos espaços educacionais e filosóficos.

Ramose (2011) ao destrinchar a história das filosofias e a diáspora africana nos fala sobre a importância de lembrar cuidadosamente a dívida que a filosofia grega tem para com o antigo Egito africano. Seus relatos atestam que o mercado de escravização transatlântica foi um dos mecanismos principais na desestruturação social e territorial das populações africanas, ao separá-las, de forma violenta, de seus laços familiares e de sua terra natal. A diáspora africana tornou-se parte inte-

grante das filosofias africanas por reconhecer a necessidade de reconstruir um conhecimento histórico genuíno da África, o que permite que essas filosofias se estabeleçam tanto como problema, quanto como projeto científico e histórico. A reconstrução da história africana, segundo Ramose, não se limita à defesa ou correção de erros passados, mas um exercício constante de legitimidade de afirmação identitária, cultural e filosófica. Os filósofos africanos têm o papel de retificar a exclusão, o esquecimento e a indiferença marcadas por uma abordagem ocidental das filosofias africanas e revigorar uma filosofia plural, enraizada na experiência africana.

2.4 Axé e a música do quilombo

Como forma de emblematizar as teorias descritas anteriormente, temos um repertório musical, considerado como um clássico do axé (Faraó – Divindade do Egito – Luciano Gomes). Essa letra nos mostra um Egito faraônico, representante de uma simbologia de poder, grandiosidade e ancestralidade africana. Longe de ser apenas uma celebração carnavalesca e de entretenimento, essa canção, através de um ritmo de matriz africana, é um manifesto que resgata a mitologia do Egito Antigo – parte inseparável do continente africano – e a integra à cultura baiana, pelo bloco afro Olodum. Sua sonoridade e letra reafirmam uma identidade e uma expressão cultural imbuída na atitude ubuntuísta, na qual a ação é a força coletiva alimentada pela energia da ancestralidade (o Axé), juntamente com a comunidade do Pelourinho. Como mostra a própria letra ao dizer: “em laços de confraternidade e na luta por liberdade e igualdade”, reafirmando que o bem-estar de um povo está na sua capacidade de se reconectar com suas raízes e sua força vital.

O filósofo Wanderson Flor (2016), nos mostra que a cosmologia iorubá é uma energia e está intrinsecamente ligada ao conceito de axé. O axé, por ser constituído de energia, possui uma conexão ativa com o sagrado, permeia tudo o que faz parte do universo, desde os orixás e ancestrais até a natureza e os seres humanos, ou seja, tudo tem axé e não possui uma energia estática porque sua circulação jamais se acumula e enrijece. Assim, sua riqueza não pode ser interrompida, pois traria uma ruptura com o movimento, com o devir, definidor do axé. O axé estrutura-se em torno de uma categoria analítica e ontológica fundamental, ou seja, um entendimen-

to de como uma sociedade ou cultura funciona e sua essência na realidade. Longe de ser uma noção vaga ou meramente mística, possui um constructo teórico robusto e validado academicamente nas ciências humanas. Já a memorável e ativista, Gonzalez (1984) sugere o termo "Axé muntu, Quilombo", como expressão que une o africano "axé" (poder, energia, força, em iorubá) com "muntu" (gente, ser humano, no dialeto kimbundo). Ambos os termos dão um significado de "poder da gente" ou "energia das pessoas". Uma descrição de força e energia coletiva, especialmente ao povo negro e à resistência contra as opressões. Enfim, a obra de Luciano Gomes, impulsionada pelo ritmo ancestral do ijexá, demonstra que a riqueza de um povo não se estagna, mas flui em movimento, manifestando-se na luta e na coletividade para forjar a liberdade e suplantar a lógica capitalista e individualista. A obra fonográfica *"Faraó – Divindade do Egito"*, composta por Luciano Gomes em 1987 para o Bloco Afro Olodum, é analisada a seguir como uma forma de interpretar o contexto faraônico e Kemético. A análise é extraída do portal Letras.mus.br e distingue e decodifica os símbolos mitológicos para o público digital:

Faraó – Divindade do Egito – (Luciano Gomes- 1987)

Divindade infinita do Universo

No Egito Antigo, os faraós eram cultuados pois, de acordo com a cultura indígena [sic]⁵, eles eram considerados deuses, dotados de poderes sobrenaturais e responsáveis pelos fenômenos da natureza. Logo na primeira estrofe, somos apresentados ao início dessa narrativa mitológica. De acordo com os mitos egípcios, no começo do Universo, reinava o caos, personificado pelo deus Nun, que significa a origem de tudo.

⁵ O termo "**indígena**" consta no texto original da fonte citada. Ressalta-se que, para fins acadêmicos, a terminologia correta refere-se à cultura egípcia antiga. Conforme defende Diop (2025), a civilização egípcia deve ser compreendida como estritamente africana e autóctone, ou seja, povos ou culturas que são nativos e originários da sua própria terra, sem influências externas em sua formação primária.

Figura 3 – Representação do Caos Primordial (Nun)



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Nun se torna Atun, o deus que cria todos os outros deuses. Um deles é Shu, deus do ar, mencionado nestes versos iniciais da canção:

Deuses / Divindade infinita do universo / Predominante / Esquema mitológico / A ênfase do espírito original / Shu / Formará / No Éden um ovo cósmico / Osíris

Figura 4 – O Deus Shu e a criação do Ovo Cósmico



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

O segundo faraó que aparece na letra da canção é Osíris, associado à vida e à vegetação. De acordo com essa cultura, as suas lágrimas correspondem às cheias do rio Nilo – por isso ele também é associado à ideia de fertilidade.

A emersão / Nem Osíris sabe como aconteceu

A epopeia de Nut e Geb

Nas estrofes seguintes da música, uma passagem anterior da mitologia é mencionada, para explicar como nasceu Osíris. Aparecem Geb, o deus da terra, e Nut, a deusa do céu, filhos de Shu e Tefnut, a deusa da chuva.

Figura 5 – A união entre Nut (Céu) e Geb (Terra)



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Embora fossem irmãos, Nut e Geb se relacionaram e, dessa união, nasceram quatro filhos: Osíris, Ísis, Seth e Néftis.

Epopéia / Do código de Geb / E Nut / Gerou as estrelas

O romance entre Osíris e Ísis

Apesar de serem irmãos, Osíris e Ísis se apaixonam e acabam se casando. Indignado, Seth mata Osíris.

Osiris / Proclamou matrimônio com Ísis / E o mal Seth / Irado o assassinou

Figura 6 – Osiris e Isis



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Lembra que Osíris morreu e se tornou o novo deus do Mundo dos Mortos? Só que, antes de ir embora, ele concebeu um filho, Hórus. E o seu destino é narrado em mais um trecho de *Faraó*:

*Horus levando avante / A vingança do pai / Derrotando o império do mal
Seth / Ao grito da vitória / Que nos satisfaz*

Figura 7 – A batalha de Hórus contra Seth



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Uma curiosidade super interessante sobre a batalha contra Seth é que, durante o conflito, o filho de Osiris teve um olho arrancado. Mais tarde, ele foi substituído por um amuleto, que foi eternizado pela cultura do Egito Antigo como o Olho de Hórus. Ele representa poder e proteção para aqueles que o carregam consigo.

Exaltação ao Olodum e da cultura africana

Além das referências egípcias, *Faraó* também fala sobre a relação dessas referências com alguns elementos das culturas baiana e africana. Afinal, o Egito também faz parte da África.

Pelourinho / Uma pequena comunidade / Que, porém, Olodum uniu / Em laço de confraternidade / Despertai-vos para / Cultura egípcia no Brasil / Em vez de cabelos trançados / Veremos turbantes de Tutancâmon

Figura 8 – O Bloco Afro Olodum no Pelourinho



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Liberdade para o povo negro

Com o histórico de dominação das políticas do Imperialismo no século XIX na África, muitas comunidades africanas foram dizimadas ou perderam a sua identidade para as nações dominantes. Além disso, muitos grupos foram agregados a outros e foram forçados a abandonar as suas individualidades. Por isso, *Faraó* também é um convite para que o povo negro, inspi-

rado pelas divindades egípcias, lute por sua liberdade e pela valorização de sua cultura.

E as cabeças / Enchem de liberdade / O povo negro pede igualdade / Deixando de lado as separações.

O poder do refrão no axé baiano

Além de todas as referências históricas e culturais presentes na canção, não podemos deixar de falar também sobre o seu refrão marcante. Afinal, essa é a parte da letra que todo mundo lembra e canta, em alto e bom som, atrás do trio. De acordo com Luciano Gomes, ele tinha o hábito de iniciar as suas criações musicais exatamente pelo refrão. É por isso que ele pensou em versos que fossem fáceis de lembrar, mas que continuassem a fazer referência ao tema do Egito Antigo. Olha só o resultado:

Eu falei faraó / Êee faraó / Eu clamo Olodum Pelourinho / Êee faraó / É pirâmide da paz e do Egito / (...) / É que mara mara / Maravilha é / Egito Egito é

Figura 9: Margareth Menezes



Fonte: Extraído do blog Letras.mus.br (2026)

Ainda reverberando a letra da música anterior, notamos a exaltação da ancestralidade africana e a resistência cultural manifestadas para combater o epistemicídio e resgatar um conhecimento historicamente apagado e desvalorizado. A pensadora Carneiro (2023) teoriza a resistência cultural e explica que essa resistência atua para combater o epistemicídio. Ao criar um dispositivo de racialidade como mecanismo de opressão racial, ela sinaliza que a mudança só é perceptível quando a construção inicia a partir do reconhecimento da autoestima, da memória coletiva e

da ação política. E por meio dessas identificações e mecanismos, os negros entenderão melhor os efeitos de exclusão, inferiorização e silenciamento. A autoestima, como um dos tópicos, é um subterfúgio para reconhecer a dignidade e o valor da raça por meio de um processo interno oponente à desumanização histórica e simbólica propagada pelo racismo. Já o epistemicídio, também difundido anteriormente por outros autores, é um dos elementos centrais do dispositivo de racialidade por conter um mecanismo de poder que exclui e nega intelectualmente aos negros a obtenção do conhecimento. Ela se apropria do conceito de Boaventura de Sousa Santos pontuando a forma como a educação e os saberes hegemônicos atuam na negação da racionalidade negra. A autora sugere uma educação como espaço de afirmação, de cuidado de si e do outro, promovendo a reconstrução coletiva da subjetividade negra.

Ao conceituar o epistemicídio de forma incisiva aos povos negros, Carneiro (2023) denuncia o apagamento dos saberes negros e traz à tona uma reflexão sobre os limites da racionalidade dominante. A intensidade de sua crítica se manifesta na seguinte passagem: “Através do epistemicídio — que é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão — as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente” (CARNEIRO, 2023, p. 26).

Este “sequestro da razão” denunciado por Carneiro (2023) materializa-se na contemporaneidade através do que denomino epistemicídio algorítmico. Se, no passado, o silenciamento operava por dispositivos institucionais e simbólicos, hoje ele se automatiza em códigos, reorganizando hierarquicamente a visibilidade e tentando anular a racionalidade negra no ambiente digital. No entanto, ao “negritar” o algoritmo com a ética de Maat, reinscrevemos o sujeito em uma matriz ontológica de equilíbrio e dignidade relacional, restaurando a potência do Ser diante das métricas de invisibilidade. Se a lógica algorítmica contemporânea organiza o mundo por métricas de ranqueamento e extração, Maat, enquanto princípio ontológico de equilíbrio e justiça relacional, propõe uma ordenação não hierárquica do ser.

3 - AS INFLUÊNCIAS NEOLIBERAIS E ECONÔMICAS NA EDUCAÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA DA COVID-19: Trajetórias para uma Justiça Digital Inclusiva e uma Práxis Ubuntuísta

Sabemos que durante a pandemia houve uma acentuada queda na saúde psíquica e o sentimento de solidão intensificou-se, mesmo com todos os recursos tecnológicos digitais disponíveis e avançados. Mesmo que tivéssemos as mais modernas e inovadoras tecnologias, elas não se mostraram suficientemente capazes de compensar o contato social e físico. O mundo mudou com a pandemia e nunca mais foi o mesmo. Na área educacional, houve grandes modificações, e o ensino remoto nos períodos de 2020/2021 utilizou estratégias pedagógicas poucos significativas às particularidades durante a aprendizagem.

Ao tentarmos compreender como foi educação durante a Crise Sanitária, notaremos que os sistemas educacionais implementaram ferramentas digitais tecnológicas cada vez mais distantes da realidade e da integralidade dos estudantes, sucumbindo na maioria das vezes a autoridade pedagógica do professor. Deixou de existir no trabalho do professor ferramentas que dimensionasse os estudantes às suas habilidades sociais, emocionais e físicas consideradas primordiais na formação e na aquisição de uma vida mais plena.

É preciso que as práticas pedagógicas valorizem e reconheçam as especificidades dos alunos, principalmente quando se trata de estudantes pardos e pretos, que, de uma forma ou de outra, foram historicamente e continuam sendo considerados as principais vítimas de desigualdade e exclusão desse sistema vigente. No entanto, ao propiciar um conhecimento acolhedor e sintonizado com seu universo cultural, aumentará consideravelmente suas chances de permanência e sucesso na área educacional.

Essa inclusão traz um sentido prazeroso que aflora e traz à tona esse ser mútuo e partilhador, recompondo suas origens que foram adormecidas e contidas forçosamente por governanças segregadoras. Dessa maneira provavelmente surgirá a responsabilidade, a cultura, a curiosidade, o compartilhamento de ideias e a relação de coletividade, destacando que toda a ação metodológica incorporada na aprendizagem deve ter como princípio básico o diagnóstico do perfil do estudante, para que assim possa ser capaz de superar desafios e garantir a produção do conhecimento

para sua transformação social e individual.

Apesar de todas as argumentações apresentados não temos a certeza se o ressurgimento dessa racionalidade coletiva, fatos, acontecimentos, análises e elementos cotidianos vão florescer em sensações de comunicabilidade, felicidade e principalmente um intenso anseio de união nesse contexto pós pandêmico. Além do mais, seria preciso saber se essas atitudes filosóficas renascerão em um terreno fértil, se serão novamente cultivadas e plantadas comunitariamente e se terão raízes mais profundas. Não colocando esse ensino em uma trajetória especulativa, autoritária, funcionalista, egóica, redentora, de autoajuda ou impositiva, colocando como o mundo deveria ser e como os seres humanos deveriam agir socialmente. Sem esquecer, é claro, de expressar opiniões e discussões sobre as intensas ações de políticas econômicas em vigor há séculos, e sobre uma cultura pseudocoletivista que reforça a dominação, a competição, e a exploração frente às classes menos favorecidas, ao invés de fomentar a igualdade, a colaboração e o bem-estar coletivo.

Segundo a revista *Universidade e Sociedade* (2021), a pandemia deu-nos condições e soluções prontas para a estratégica utilização das tecnologias de informação e comunicação associadas ao trabalho remoto nas Instituições de Ensino. Porém, ao se tratar de instituições públicas o Ensino Remoto Emergencial (ERE), ao permitir aulas via plataformas digitais institucionais ou plataformas privadas, não assegurou condições favoráveis de trabalho. Houve constantes mudanças de trabalho e as contrarreformas educacionais oriundas de relatórios do BM (Banco Mundial), do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), objetivou a sequência de critérios fundamentais e adequados às necessidades dos países às transformações em seus setores produtivos e de serviços. Sugestões essas pautadas e orientadas em mudanças em seus marcos legais e proporcionadas por alterações de flexibilizações do trabalho docente, dos currículos, da avaliação, dos métodos de ensino, das certificações dos materiais didáticos e da jornada letiva. Essa apropriação do agir do docente em seu processo de trabalho reteve o seu saber e colocou corporações dominantes, como a Google e Microsoft na relação professor e aluno, transformando-os em clientes e dependentes desse consumo. Há nesse sentido um acúmulo aberto de patentes e direitos intelectuais, como bens de capitais onde se gastam milhões dentro dessa

lógica. Como exemplo, podemos mostrar a expansão de empresas que elaboram plataformas de ensino a distância.

Heck (2024) realiza reflexões mais analíticas a partir da Filosofia da Informação e da Tecnologia e mostra como as interferências da revolução informacional e o modelo econômico influenciaram o comportamento individual e social vigente. Ele constatou que a era digital cresceu consideravelmente no mundo. A transformação tecnológica impulsionou esse crescimento e as empresas gigantes e famosas em tecnologia como a Google, Amazon, Apple, Facebook, conhecidas também como “Big Techs”, dominaram o mercado digital. Essas corporações são consideradas atualmente a porta de entrada para a hiperconectividade, por gerenciarem e induzirem comportamentos estratégicos. Existe nesse caso a utilização de condutas comportamentais da psicologia, baseadas em técnicas de estímulo-resposta e seu intuito maior é manter o usuário frequentemente engajado. Um exemplo nítido, são as redes sociais, que utilizam notificações constantes para provocar reações imediatas; likes, comentários e compartilhamentos como recompensas sociais; e algoritmos personalizados que exibem conteúdos de interesse, capturando e prolongando a atenção do usuário. Certamente a intensidade na conexão não se restringe apenas às relações humanas. O autor observa também outro ponto importante: a presença de dispositivos físicos que conseguem captar, compartilhar informações e se comunicar entre si. Ele mostra como a Internet das Coisas (IoT) atua e transforma em tecnologia inteligente ao publicar dados em tempo real. Temos como modelo as lâmpadas, geladeiras, carros e câmeras de segurança, nos quais funcionam como unidades autônomas conectadas à internet por formar uma rede inteligente de troca de informações.

É evidente que a hiperconectividade cresceu drasticamente durante a pandemia fazendo nascer um novo tipo de sociedade e configuração social. Se analisarmos suas estruturas e normas — agora integradas às redes digitais — perceberemos que o modo de produção e distribuição de bens e serviços foi profundamente redefinido em suas bases. A circulação desses produtos comercializados passou a ocorrer por meio de transações e interações online, impulsionada por uma conectividade moldada pela lógica de uma economia digital. A hiperconexão reafirmada pelo filósofo, nos coloca vulneráveis às influências que vão muito além de limites geográficos.

ficos nacionais. Temos como exemplo o monopólio de plataformas, no qual alcançam poderes subjacentes à exploração ao se converterem no capitalismo de plataforma, ou seja, uma nova forma de organização econômica em que plataformas digitais se tornam intermediárias dominantes na produção, circulação e consumo de bens e serviços. Nessa medida, as relações sociais, políticas e trabalhistas se reconfiguram em uma nova lógica de acumulação de capitais, sua base vai de encontro ao controle informacional e a dependência tecnológica.

Ao estabelecer noções e conceitos no sentido mais geral, informados pelo autor, atestamos que uma economia constituída de uma infraestrutura tecnológica global e de domínio em diversas camadas estruturais da internet — como conteúdo, lógica e infraestrutura física formam uma espécie de colonização digital, resultante de um desequilíbrio de força entre nações produtoras de tecnologia e nações consumidoras. Como exemplo temos Estados do Sul Global, como o Brasil, que não desenvolvem soluções próprias e dependem de serviços estrangeiros. Todas essas interfaces correlacionadas à economia digital, possuem bits⁶, que são extraídos e colonizados em cada um, ou seja, todas as nossas ações, interações, intimidades, emoções e comportamentos são coletados massivamente online e são rastreadas por metadados, GPS, redes sociais, cadastros etc. Em meio a essa conjuntura imperialista, Heck denomina como colonialismo de dados: uma forma contemporânea de exploração em que a vida humana é transformada em matéria-prima informacional para enfim resultar em produto para fins comerciais e políticos.

Na sequência, Heck (2024) nos convida a assumirmos uma posição ativa e filosófica no sentido de construir alternativas éticas e conceitos, como, por exemplo, os contralgoritmos. Para ele são dispositivos conceituais e semântico-pragmáticos que resistem à lógica dominante dos algoritmos comerciais. Eles apresentam formas de pensar, se expressar e criticar que ajudam a desarmar os efeitos da modulação algorítmica sobre o comportamento humano, que de uma forma ou de outra influen-

⁶ **Bits** são a base de todos os dados digitais. Cada bit pode ser considerado como um interruptor que pode estar ligado (1) ou desligado (0). Quando agrupados, os bits formam unidades maiores de informação, como bytes, que consistem em 8 bits. Essa estrutura é crucial para a manipulação de dados em qualquer projeto que envolva programação, como aqueles frequentemente desenvolvidos em Hackathons. Disponível em: <https://hackathonbrasil.com.br/glossario/o-que-e-bit-hackathon/>. Acesso em: 20/01/2025.

cia suas decisões, emoções e subjetividade. Conforme seus conceitos, esses códigos não são códigos de software, mas formas de um pensar reflexivo, construído a partir de dispositivos conceituais que tem como função estruturar o pensamento, intervir na realidade, moldar interpretações e orientar ações que possam incidir sobre os efeitos da modulação algorítmica e do comportamento individual e coletivo.

Se partimos para uma educação digital inclusiva, com práticas pedagógicas contextualizadas com as ideias e críticas do autor, poderíamos agir com a desconstrução da lógica algorítmica, questionando se esse conjunto de operações, inferências e decisões automatizadas que os algoritmos realizam se baseiam na coleta de dados dos usuários. Porém, devemos avaliar cuidadosamente essa lógica com neutralidade, pois carrega valores, interesses econômicos e ideológicos embutidos em sua construção, ao moldar na formação dos sujeitos e transformar a educação em um campo de disputa algorítmica. Um exemplo mais concreto e didático seria as formas de saber como as Plataformas funcionam, ao usar os algoritmos do Facebook e Google para segmentar usuários em microgrupos com base em dados pessoais (idade, localização, histórico de navegação, interações).

Esses grupos recebem mensagens políticas personalizadas, que segundo Heck (2024) visam influenciar suas opiniões e decisões eleitorais. Temos o exemplo da empresa Cambridge Analytica que ao coletar dados de 87 milhões de usuários sem consentimento, usou essas informações para manipular eleições.

Existem também informações de algoritmos usados em áreas como saúde, crédito e segurança pública, cuja operacionalidade de dados — baseada em CEP, raça ou idade — visa prever comportamentos. Tal lógica consiste em perpetuar, em maior grau, modelos discriminatórios: pessoas negras em bairros pobres, por exemplo, são classificadas como de 'baixo potencial', recebendo menos crédito ou pagando mais por planos de saúde. Sob esse aspecto, cria-se um racismo algorítmico que, em sua hierarquia ontológica, reproduz e amplifica preconceitos e desigualdades raciais já existentes ao operar através de códigos invisíveis na classificação, vigilância e exclusão de subjetividades negras. Trata-se de um manto de dados que encobre uma suposta neutralidade tecnológica. É, na verdade, um epistemicídio automatizado e ativo, programado para decidir quem é perigoso, quem é doente ou quem é invisível no progresso neoliberal. Diante dessa alienação cibernética, a Filosofia en-

tra em cena para 'negritar' o algoritmo e diversificar esses dados ao alimentar a IA. Com essas bases, é possível representar fielmente a diversidade racial e evitar que o sistema aprenda apenas padrões e comportamentos de grupos hegemônicos.

Portanto essa lógica algorítmica, assemelha-se ao filósofo, por ter uma atuação estruturante e invisível em relação ao seu poder e a sua organização. Na medida em que segmenta e modula comportamentos baseados em dados extraídos da vida cotidiana, ela se manifesta em práticas como o *microtargeting político* - mecanismo de comunicação que utiliza grandes volumes de dados pessoais e mensagens ideológicas personalizadas para segmentar eleitores em grupos extremamente específicos. A partir desses perfis detalhados, mensagens ideológicas são altamente personalizadas e direcionadas por algoritmos com o objetivo de influenciar decisões políticas, mobilizar apoios ou desmobilizar adversários. Por outro lado, temos os *ADM (Algoritmos de Destruição em Massa)*, cuja função é perpetuar desigualdades ao aplicar critérios discriminatórios em sistemas, bem como nos sistemas de avaliação em escolar. Essa lógica é expressa em plataformas que personalizam conteúdos com referências em padrões de consumo e sistemas automáticos de avaliação. Sendo assim preconceitos estruturais e a submissão às tecnologias estrangeiras são fortalecidos, comprometendo e prejudicando nesse caso a soberania informacional das instituições de ensino.

Notadamente há uma grande necessidade de resistência a essa lógica extrativista, vivenciada no ambiente virtual. É preciso mudar urgentemente e elaborar uma proposta condizente com os novos paradigmas informacionais, que valorizem a autonomia e a nova forma de pensar e agir do ser nessa busca por uma justiça digital.

Existe um fenômeno intrigante em nosso mundo atual. Constatamos que pessoas e grupos procuram nas mídias a aparência de certeza. Contentam-se em ler apenas um artigo ou uma informação e mostram-se convencidas de que possuem uma opinião formada sobre cada tema, como se tivessem estudado o assunto por anos. Porém, sabemos que por trás disso existe apenas uma falsa convicção e uma informação fragmentada, desvinculada de um saber científico e filosófico mais profundo.

Nós, professores, percebemos a forma como os estudantes são impactados

social e individualmente, pois, ao introduzirmos os conceitos de Heck (2024), concluímos o quanto as plataformas de ensino não direcionadas interferem e moldam seus comportamentos futuros — principalmente no que diz respeito às decisões de consumo, carreira e cultura. Decerto que a educação é atingida por uma lógica de mercado, sendo vista, na maioria dos casos, como mera produtora de informação e lucro. Sem contar a forma como acontece com o ensino a distância, quando esses alunos enfrentam dificuldades de concentração, falta de interação social, dificuldades em manter seu ritmo de estudos e demais fatores relacionados a aprendizagem e a construção do conhecimento. Isso sem mencionar a falta de apoio dos pais e tutores nesse processo de aprendizagem. Ou melhor dizendo, uma tela, um trajeto e uma individualização ao percorrer caminhos distantes da interação social corpo a corpo, imprescindíveis ao avivamento da empatia e interação humana.

Percebemos a tamanha intensificação da hiperconectividade e os meios que levaram a orquestrar a polarização da subjetividade, principalmente em um evento que cruzou as fronteiras internacionais e mundiais, como foi o caso da pandemia. Ela nos trouxe nesse período uma mudança expressiva na interação social ao modificar as estruturas sociais antes baseadas substancialmente em interações físicas e instituições analógicas. Um modelo ontológico indissociável e transfigurador de redes digitais que ao se expandirem, perpetuaram uma nova forma de ser nas diversas camadas da sociedade. A polarização se aprofunda por meio de parâmetros que manipulam as pulsões psicológicas, sobretudo através de algoritmos que otimizam a exposição a conteúdos que reforçam convicções ou ideias iniciais, ou seja, visões de mundo, antes de ter acesso a novas informações e evidências contraditórias.

Diante dessas reflexões, surge o questionamento sobre o legado do mundo analógico e a plausibilidade de sua racionalidade, confrontada pela soberania de um mundo digital ainda epistemologicamente obscuro.

A filosofia nos proporcionará diferentes compreensões dessas configurações de habilidades analógicas em confronto com as habilidades digitais? Esses saberes adquirirão novas formas e serão essenciais à tomada de decisões mais conscientes e éticas em uma sociedade que já não é mais tão vislumbrada pela tecnologia, mas constituída e imbuída por ela? Não seria primordialmente necessário buscarmos uma filosofia com ações vívidas e existenciais, que não concentre meramente em

textos de livros — físicos ou on-line — mas que torne o corpo, a presença e o movimento espelhados na experiência? Uma maneira de transformar e compreender a dicotomia entre o ser digital e analógico, suas benesses e malefícios.

A partir do conceito de epistemicídio formulado por Sueli Carneiro (2023), proponho pensarmos um epistemicídio algoritmizado, sobretudo quando nos deparamos com uma hegemonia e um sistema digital capazes de silenciar saberes. Ao abriremos caminhos para a comunidade do ser, como o ser ubuntuísta, praticaríamos, primeiramente ações coletivas, éticas, de resistência, inclusivas e questionadoras de uma realidade que não condiz com suas ontologias ancestrais; uma metafísica do silenciamento propriamente dita. Nessa “algoritmização incessante”, a subjetividade hegemônica, reina provocando uma sensação de engajamento social e axé (filosofia da presença e do corpo), mas que, na verdade, não passa de uma interação pseudocoletiva. Será que nós professores estamos vivendo conforme a crítica filosófica da *Alegoria da Caverna* de Platão? Mais subjetivizados hegemonicamente, dependentes e aguçados pela audição, visão e por uma magia instantânea, sem a devida compreensão das diversas esferas e sutilezas da internet que, muitas vezes, não se conectam com o mundo real? É preciso entender que o mundo foi ampliado e a educação transcendeu culturalmente ao integrar e incluir pessoas em laços de pertencimento, unidas na valorização, no respeito e na participação plena e a equidade em uma oportunidade diferenciada em cada um e inerente às suas necessidades específicas. O conhecimento no mundo real, requer harmonia e conciliação com o mundo virtual, um *hacking* cognitivo⁷ que capture crenças e percepções humanas, suas estruturas e impactos prejudiciais a formação social e individual. E ao sondar e constatar uma oscilação neural e frequência psíquica, verificaríamos a desumanização, a alienação, a cela ideológica e hegemônica, enfim a comprovação de que uma tela conduz um saber falseado, camuflado e causador de sensações prazerosas e mo-

⁷ **hacking cognitivo** - A manipulação cognitiva, uma forma de manipulação psicológica, consiste na manipulação da cognição humana. Ela visa a percepção humana e os processos de tomada de decisão, e envolve manipular indivíduos ou grupos para que acreditem em informações falsas, gostem de algo que não pensariam ou gostariam, ou tomem decisões vantajosas para os adversários. Disponível em:

https://www.cyber-espionage.ch/Cognitive_Hacking.html#:~:text=Cognitive%20hacking%2C%20a%20form%20of,are%20advantageous%20to%20the%20adversaries. Acesso: 22/01/2026.

mentâneas de engajamento político e intelectual. Esse empoderamento pseudoracional, nada mais é que um Fetichismo digital. Nele a informação ganha uma característica mágica de poder, status e felicidade imediata, pois ao ser disseminado de forma fragmentada e superficial, transforma o ato de pesquisar em um abismo sem profundidade. Esse processo imediatista induz vícios e performances dopaminérgicas ao cérebro, por resultar em respostas instantâneas que eliminam o esforço necessário para a reflexão, criação e descolonização digital. Nesse sentido, conota-se ilusoriamente que a velocidade da busca seria mais vantajosa e equivalente à qualidade da compreensão. O resultado é uma autoridade vazia, cujo domínio aparente sobre temas complexos baseia-se apenas na repetição de dados, sem a devida maturidade intelectual para sustentá-los. Em contrapartida, o ato do pensar hermenêutico exige tempo, dedicação, crítica, autocrítica e conexão de ideias, como ferramentas indispensáveis à construção do verdadeiro conhecimento.

As reflexões de Heck (2024) trazem à tona a inebriação e o excesso de tecnologia digital. Complementando essa ideia, Estanilau (2023) constata que o distanciamento social causou no corpo um grande desejo por contato social, bem maior que a fome. Destaca também sobre a importância do sentimento de pertencimento, por induzir a necessidade de manter relações estáveis e moldar o comportamento. Esse sentimento de pertencimento é comumente formado em algum grupo, nação, time esportivo ou famílias, devido ao forte desejo de afeto, de identificação, de reconhecimento e conexão, inerentes a todos nós seres humanos. É bem verdade que todos temos a vontade de sermos aceitos, de termos respeitada a nossa dignidade, nossa cultura e diferença. No entanto, para que essa necessidade seja validada é preciso sentir-se acolhido, entendido, respeitado e pertencer a algum lugar. Ao fazer parte de algum grupo ou pertencer a algum lugar, criamos relações que ajudam moldar nosso comportamento, nossa forma de pensar, nossas crenças, atitudes e emoções, trazendo com isso vantagens evolutivas e benefícios importantes também a nossa sobrevivência e reprodução. Caso contrário, não se sentir parte de algo, por outro lado, pode causar efeitos muito negativos a saúde física, mental e bem-estar, ocasionando sintomas de depressão, ansiedade, pensamentos suicidas e o sentimento de estar sozinho pela ausência ou baixo suporte social. Nesse vácuo criado pela ausência de contato físico, a tecnologia emerge como um substituto, oferecen-

do uma promessa de pertencimento que pode se converter na 'inebriação' digital, ao explorar e redefinir as lógicas das redes e intensificar o desejo por conexão.

Certamente, os professores desempenham um papel crucial na sociedade ao encadear uma socialização que envolva, aguace e revigore o cognitivo e emocional dos estudantes, porém existem políticas econômicas não condizentes com processo de ensino e aprendizagem. A sua tarefa desafiadora é oferecer à comunidade estudantil conhecimentos que os liguem ao mundo em que vivem, particularmente no que diz respeito ao engajamento social e à formação humana. Uma estratégia que realce a relevância de cativar saberes que transcendam a teoria, honre sua cultura, valorize a diversidade, incentive a linguagem, proporcione o respeito, a humildade e a empatia para resolução de conflitos. E nessa abordagem pedagógica poderão ser promovidas práticas e experiências voltadas, sobretudo, a pessoas pretas, pardas e indígenas, com propósito de romper o eurocentrismo ainda tão presente na escola.

Embora a Lei 10.639/2003 estabeleça a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e contribua diretamente ao currículo educacional, esses saberes ancestrais e tradicionais ainda não recebem o devido reconhecimento. Frequentemente, os docentes, por falta de preparo e experiência, atuam de forma involuntária, resultando em prejuízos significativos. Na ausência desse reconhecimento, as histórias de culturas afro-brasileiras e de povos tradicionais acabam sendo desvalorizadas e substituídas por estereótipos negativos que apresentam uma visão homogênea e distorcida desses grupos.

Em sua tese, Machado (2019) descreve metodologias significativas com a implementação da lei 10.639/2003, dentre elas as didáticas afrorreferenciadas ou afrodescendentes que as coloca sob uma perspectiva pedagógica afrobrasileira. A autora detalha, após minha reformulação e conceito que o pensamento afrorreferenciado é algo desenhado, lavrado e tracejado de experiências vividas cotidianamente. Um plantar onde o aprender/ensinar e o ser/fazer, vão além da geografia física para serem assentados em territórios, cujo saberes são enraizados conhecimentos, práticas, habilidades e experiências acumuladas. E mediante a essas experiências nasce uma Metodologia do Odus⁸, em que o exercício incessante do não saber, mostra o

⁸ **Odus** são compreendidos na cosmologia iorubá como os caminhos ou signos do destino, constituindo arquétipos que regem a natureza do Ser e a ordem do universo (*aiyé* e *orún*). Ver: SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia. Petrópolis:

conhecimento como algo incompleto e em crescimento. Dessa forma esses conhecimentos consolidados serão extinguidos para dar vazão a um movimento encantador e provocador de outras experiências. Na junção dessa compreensão, o pensamento cativante, é um pensamento afrorreferenciado, que tem em si um fascínio por mudar e se reinventar em acontecimentos diante da vida. Não é estático, mas sedutor em sua recriação, pois em nosso mundo há uma metamorfose e no espaço educativo não se diferencia dos demais por estar em uma incessante mutação.

Portanto nossa maneira de ser e estar no mundo traz heranças dos saberes de povos africanos, cujo legado contribui para perpetuação de nossa cultura e costumes que ultrapassem o tempo e o espaço em nosso país. Há uma força e luta constante de existência e re-existência, no que diz respeito a ancestralidade como também ao encantamento advindos da África.

Ao pesquisar filosofia em torno das africanidades (africana, africano-brasileira), Machado (2019) compreende como essa filosofia nos leva a um espaço de recriações, criações, ressignificações, ações contínuas de construção e reconstrução. Um rebuscamento de nossas raízes, experiências que afluem nossas ancestralidades, percepções, sonhos, encantamentos e sentidos. E nesse percurso diverso de descobertas, nossos corpos, espíritos e sensibilidades são arrebatados e guiados instintivamente para a formação de comunidades que vivifiquem nossa identidade.

A autora explica com detalhes sobre um controle contínuo de colonização que visa moldar o conhecimento com justificativas de que há “raças” superiores, culturas superiores, porém a maior intencionalidade é inferiorizar, escravizar e aculturar, negros, indígenas e nós mulheres.

Se partirmos para lembrar a história da colonização portuguesa, ou seja, europeia, propriamente dita em nosso país, muitas marcas destruíram o nosso cotidiano e deformaram nosso modo de ser / estar no mundo quando esse pertencimento foi negado, segundo a autora. Para ela o pertencimento indígena e africano, diz respeito ao pertencimento da terra, folha, água, fogo e ar. Tais elementos traduzem uma profunda conexão ancestral e vital com a natureza por representar fenômenos que vão além da simples matéria física. Portanto, o pensamento e o inconsciente

foram colonizados há mais de trezentos anos e essa destruição ainda é presente. Conforme suas afirmações já reiteradas sobre o colonialismo, ela complementa e conclui que esse sistema de denominação foi predominantemente liderado por potências europeias, com base em uma ideologia de superioridade branca, que explora e impõe seu patriarcado para comandar territórios e populações em todo o mundo. Esse processo de dominação se sustentou na criação de hierarquias raciais, produções de conhecimentos descolonizadores de epistemologias, currículos e metodologias, que se distanciaram das culturas indígenas e afrobrasileiras. Foi imposta uma hegemonia de "branquitude" associada à superioridade, para marginalizar e oprimir a negritude e outros grupos. Criaram-se ideologias que os colocaram como proprietários do conhecimento, das questões existenciais e filosóficas, das questões ligadas à política, à economia, à cultura etc. BISPO (2023) reitera em seu livro: "Aterra dá a terra quer" a forma como as políticas econômicas transformaram a educação em um modelo único e colonial, apagador de toda a sabedoria ancestral. Ele acredita que a ancestralidade é uma compreensão da vida em relação com o mundo, um envolvimento e não um desenvolvimento, pois em sua concepção o significado da palavra desenvolver vem de "des-" (que indica retirar, separar) e "envolver" (que significa abraçar, proteger). Portanto, a educação é um envolvimento com a terra, a cultura e as pessoas, ao contrário do processo de desenvolvimento que afasta as pessoas da natureza, da cultura.

Este estudo ontológico parte do pressuposto de que todos os seres são partes incidentes do mundo do qual fazem parte, e só prosperam quando se unem e se integram. Assemelham-se a fios elétricos que só funcionam se estiverem bem interligados, exteriorizando uma energia condutora de corrente fluente, segura e eficiente. Trata-se de uma força energética humana, vital e indutora de campos mentais que só se comunicam se suas ações forem transformadas em objetivos comuns.

Se o ser é relação, então toda tecnologia que reorganiza as formas de relação impacta a própria constituição ontológica do sujeito.

Esta pesquisa propõe estudarmos as origens, a evolução e a expansão das tecnologias virtuais em nossa sociedade, bem como os seus efeitos na educação, mesmo antes e depois da Pandemia da COVID-19. Para conhecermos esses por menores e sutilezas seria preciso também buscarmos autores que retratassem críti-

cas contundentes em relação ao envolvimento das políticas econômicas e suas influências na educação brasileira.

4- ECOSOFIA E A ESCOLA DOS SENTIMENTOS: Diálogos para a plenitude do ser e o resgate da subjetividade na educação

Durán e Kohan (2018) propõem uma escola em sua obra: Manifesto por uma escola popular, descrevendo um ensino voltado à realidade das pessoas, que vá além da transmissão de conhecimentos, visando a transformação social e a construção de uma prática mais significativa. Essa obra é inspirada em uma escola criada por Simón Rodríguez no século XIX. Ele sustenta que uma escola precisa ser para todos e estabelecida pelo conceito de *skholé* (tempo livre dedicado à reflexão e aprendizagem), onde a filosofia seja prática, popular e se associe a uma educação para a vida. A proposta, segundo eles resultará em uma educação emancipatória, inclusiva e distante dos patamares neoliberais que pregam permanentemente a construção de demandas competitivas ao mundo do trabalho, transformando pessoas em pequenos empresários de si mesmos e colocando o cérebro como propriedade do capital mental. Seria a meu ver uma sobrecarga de ferramentas cognitivas que o ser humano deveria empregar para interagir com esse mundo competitivo, englobando competências de adaptação, inteligência emocional, pragmatismo e consciência social. Um capital intelectual que, na realidade, prejudica aqueles que não possuem o capital necessário para sanar suas dificuldades em entender, aprender, solucionar problemas ou tomar decisões apropriadas. Há também uma despolitização ao estabelecer uma relação de dependência com especialistas e elites, no que se refere principalmente a garantia de suas liberdades individuais, em detrimento da coletividade, resultando, por consequência, na limitação da pluralidade em relação à sua participação democrática. Essa literatura ajuda a entender o tipo de pensamento e de mundo que nos são impostos e as ideologias que são expandidas em toda a América Latina.

Chauí (2018) tem também um pensamento muito expressivo sobre o ensino popular. Ela exemplifica ao dizer sobre a importância de uma escola pública, plural e democrática de verdade. Para ela a escola pública é a comunicação entre os iguais que ao elaborar um jornal mural transforma em um jornal de todas as turmas, pois cada um escreve sobre os mais variados assuntos.

Chauí relata sobre a influência e a mediação das tecnologias digitais que mais afastam e dividem, devido ao forte apelo socioeconômico e psíquico nas relações

humanas:

Vivemos num mundo comandado por aquilo que a ideologia dominante convencionou designar como “progresso tecnológico”. Resultado da exploração física e psíquica de milhões de homens, mulheres e crianças, da domesticação de seus corpos e espíritos por um processo de trabalho fragmentado e desprovido de sentido, da redução de sujeitos à condição de objetos socioeconômicos manipuláveis politicamente e pelas estruturas da organização burocrático-administrativa, o “progresso” sequestra a identidade pessoal, a responsabilidade social, a direção política e o direito à produção da cultura por todos os não-dominantes. Todavia, mesmo para aqueles que podem usufruir dos resultados de fartura trazidos pela ciência e pela tecnologia, não deixa de ser verdadeira a afirmação de Octavio Paz: “o progresso povoou a história com as maravilhas e os monstros da técnica, mas desabitou a vida dos homens. Deu-lhes mais coisas, mas não lhes deu mais ser”. Aumentou posse e consumo de uns, miséria e fome de outros — diminuiu em todos a realidade, o ser, a capacidade interna de agir. Colocando-nos a mil léguas da autonomia e da liberdade, roubou-nos a alegria. Nefasto portador da tristeza. (CHAUÍ, 2018, p.112).

Segundo Chauí a referência e o paradigma atual do conhecimento são as informações. Conforme seu pensamento, as invenções tecnológicas empoderaram e se expandiram de tal forma que as forças intelectuais perderam sua soberania. Em contrapartida as invenções surgidas após a Revolução Industrial, substituíram o poder do corpo humano. Para ela as tecnologias mostram que “não mais os pés, as mãos, a cabeça, mas o cérebro” liderou e robusteceu esse sistema. Ela pontua também que diferentemente das máquinas, “hoje o autômato não imita, mas substitui o ser vivo.”

Ao colocar as informações sobre uma dimensão política e social, Chauí afirma novamente que são gigantescas as mudanças nas comunicações. As informações foram organizadas de uma maneira muito significativa, principalmente no que diz respeito ao crescimento de sites e redes sociais, destacando que “Hoje o centro está em toda parte, não existe circunferência”.

Para Chauí, há uma estrutura econômica encoberta onde muitos usuários desconhecem os protocolos informáticos. Diante de um novo mercado, o usuário torna-se uma mercadoria, onde a venda de seus dados e informações passam a ser de uso exclusivo de empresas. “Ao mesmo tempo em que permite ao usuário a apropriação social, cultural, econômica e política de seu próprio mundo, a internet invade seu espaço”. Ela alega e exemplifica sobre as diversas propagandas indese-

jadas e recebidas via e-mail.

No mesmo contexto, Chauí fala sobre a existência de um grande embate de criação e democracia proporcionadas pela internet e um grande controle e vigilância impostos aos cidadãos. “Nós, usuários, percebemos a interface da internet, mas ignoramos sua arquitetura econômica e funcional. Não sabemos onde estamos nem o que fazemos”, complementou.

Em seguida, a autora discute também as novas maneiras de comunicação e informação. Em suas pesquisas, ela concluiu que atualmente é o mundo digital que transforma essas interações sociais em uma espécie de mutação civilizatória, isto é, em uma nova produção de subjetividade. Nesse sentido a primeira característica evidente é a do narcisismo, ou seja, só se existe quando se é visto, porém não se tem controle sobre o olhar do outro que sobrevêm de uma tela oculta e desconhecida. Chauí coloca que Freud considera o narcisismo inseparável da depressão e diante disso ela completa que quando se tem uma nova subjetividade ela se torna narcisista e depressiva por depender desesperadamente do olhar alheio. Ela sinaliza que esse vício na validação do outro trazido pela tecnologia é uma das causas do aumento de casos de suicídio entre jovens em todo o mundo. A segunda característica de acordo com ela é a dissolução na sociedade e na política. Ela menciona que deixou de existir a clareza no mundo econômico no que diz respeito as classes sociais. A classe dominante não é mais a classe da produção econômica e sim a classe da finança e dos oligopólios tecnológicos, quer dizer, mudou o conteúdo. A classe média, embora demonstre firmeza como classe, perdeu sua robustez e tornou-se alienada e confusa em si mesma como classe. E por fim a classe trabalhadora que desaparece por surgir novos patamares econômicos e lucrativos via internet, mostrando um novo tipo de empresariado, porém precarizado e iludido ao se ver como tal. Isolado da classe trabalhadora esse novo tipo de trabalhador no qual se relacionava concretamente com suas atitudes políticas e sociais, inerentes a ideia de classe, desaparecem e dão vazão a um novo tipo de trabalhador autônomo, porém bastante ideologizado e com caráter de uberização.

Recentemente Chauí (2024) avaliou que as mídias sociais e o mundo digital alteraram as formas de ser, viver e pensar. Os relacionamentos se tornaram cada vez mais dependentes, doentios e necessitados de um reconhecimento externo e a

classe trabalhadora foi preconizada por perder diversos direitos conquistados com o surgimento da ideologia: “empresário de si mesmo”.

Por outro lado, Sena (2022) mostra similaridades ao falar das relações humanas com os recursos tecnológicos e introduz um conceito de cultura digital, no qual aponta como cultura de celeridade, de rompimento, de barreiras do tempo, que encurta distâncias nos mais variados segmentos comunicacionais e comerciais, acelerando um pensamento fora do corpo, como uma relação íntima de aproximação com um objeto desconhecido. A cultura digital por ser caracterizada pela velocidade, pela redução de distâncias e pela mediação tecnológica das relações humanas impulsiona um capital que expande suas redes e valores não apenas no mercado de trabalho, mas em toda a sociedade. As tecnologias de informação e comunicação vão além do uso de instrumentos e ferramentas, abrangendo também conteúdos culturais que impactam a educação dos jovens rurais, desafiando-os de várias maneiras. Nesse envolvimento com a cultura digital, os estudantes ao adquirirem novas formas de interação multimidiática, ou seja, ao usufruírem de diferentes mídias manifestam uma forte atuação social em rede conferindo-lhes mais agilidade. Contudo, essa cultura por apresentar um forte apelo emocional, induziu ao imediatismo de respostas e à fugacidade das informações, priorizando conteúdos analisados superficialmente, como também o uso de imagens e formas de expressão mais sucintas e sintéticas, diferentes nas formas direcionadas de diálogo e argumentação característicos da vida escolar. Assim, as tecnologias de informação e comunicação, mais do que instrumentos, são elementos culturais que influenciam e desafiam a formação da juventude rural de diversas maneiras principalmente quando diz respeito à identidade e aos valores tradicionais. Assim, é inegável que o capitalismo utilizou as tecnologias digitais para expandir sua influência, modelando comportamentos e interações sociais de maneira a atender seus interesses, especialmente na educação e formação cultural dos estudantes.

Entre as conclusões, observamos que as formas e o conteúdo produzidos nas interações com as tecnologias são formados a partir de um pressuposto de organização social que abrange desde as características presentes da sociedade até a antecipação do que ela pode se tornar, como, por exemplo, tendências desumanizantes e de afastamento físico. Portanto, temos em mente que a rápida transforma-

ção tecnológica pela qual estamos passando é fundamentalmente uma criação do capital. Ela poderia proporcionar possibilidades de emancipação, estimular a procura por um conhecimento profundo e despertar a curiosidade, como também a necessidade de solucionar problemas e melhorar a vida das pessoas. No entanto, apresenta riscos, tais como a alienação tecnológica e a apropriação da subjetividade pelo capital.

Temos conceitos que se aproximam das tecnologias digitais quando Guattari, em seu livro intitulado *"As Três Ecologias"*, diz sobre os modos humanos de vida, individuais e coletivos. Ele conceitua o termo "redes de parentesco" como um hábito de reduzir a vida doméstica. Essa vida doméstica, segundo ele, é gangrenada pelo consumo da mídia, ou seja, a vida conjugal e familiar é "ossificada" frequentemente por uma padronização de comportamento e relações de vizinhança com tendências ao empobrecimento das expressividades. Uma expressividade possuidora de uma relação subjetiva ao apontar sua exterioridade nos aspectos sociais, ambientais, vegetais e cósmicos. São comprometidos e acabam formando um movimento de infantilização regressiva. Infantilização essa que influencia a alteridade, tornando-a sem rigor, sem aspereza, no que diz respeito à sua força e teor. Como exemplo, ele coloca o turismo que se resume atualmente a uma viagem que a pessoa não sai do lugar, dando lugar a imagens e comportamentos contínuos, excessivos e repetitivos.

Guattari recompõe também ao redigir em sua obra como as influências tecnocráticas, vistas como sistemas de poder e opressão, limitaram a liberdade e a criatividade humana. O autor propõe um processo dinâmico que ajuda a pensar em uma nova subjetividade. Uma concepção renovadora que reúna modelos que transformem a sociedade, a natureza e a tecnologia e faça um ser humano consciente de si perante a coletividade e o planeta. Ele cria um termo e o conceitua como Ecosofia, ao afirmar que é uma ferramenta indispensável na articulação ético-política por ser solucionadora das questões do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. A Ecosofia combina ecologia e filosofia colocando sob égide uma reflexão profunda sobre o meio ambiente, a completude da vida e a necessidade do equilíbrio ecológico.

Para ele, o contexto da ruptura, de descentramento, de multiplicação de antagonismos e de processos de singularização possibilitam o surgimento de novas pro-

blematizações para tornar transversais as outras linhas de fratura as quais fazem parte da Ecosofia. Primeiramente, uma ecosofia social que desenvolva práticas específicas, que modifiquem e reinventem as maneiras de ser do ser, do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, ou seja, uma percepção da importância do papel das relações sociais no mundo e nas formas como se dão o poder. Como exemplo, ele cita a importância de valorizar a diversidade, a colaboração e a justiça social. Outra parte integrante é a ecologia mental, por ser peça-mestre na reinvenção da relação do ser humano com o corpo, com o fantasma (inconsciente no sentido psicanalítico), com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte, enfim, uma ecologia restauradora da subjetividade individual. Essa subjetividade, ao ser integrada à ecologia e à filosofia, fomenta também uma consciência ambiental e instiga uma reflexão sobre a interdependência dos seres humanos com a natureza. E por fim uma ecologia ambiental integradora à ecologia social e mental por permitir ir além da preocupação com o meio físico. Essa conexão, ao confluir o ser em sua plenitude, impulsiona-o a buscar soluções de práticas específicas, no que diz respeito às causas ambientais e sociais, como: a crise climática, a escassez de recursos naturais, a violência, as desigualdades sociais, como também a investigação de uma tecnologia irreflexiva e ausente de implicações éticas.

As três ecologias são fundamentadas na relação do ser humano com o mundo e com a coletividade por intencionar a forma de agir e pensar o meio ambiente. Para ele, a subjetividade não tem individualidade, não existe isoladamente, mas produz um padrão coletivo por meio das relações com os outros. Ele relata que o aspecto negativo da degradação ambiental é fruto de um sistema modelador dos processos sociais, culturais e políticos, por priorizar a produção e o consumo em detrimento da saúde do planeta e da subjetividade humana.

Nessa interconexão, as três ecologias manifestam-se em uma coletividade direcionada a espaços de diálogo, de participação, de valorização da diversidade e formas de organização social. Todas essas ações, como descreve o autor, finalizam-se na cooperação, na solidariedade e na busca por uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável.

Guattari constata que o contínuo desenvolvimento técnico-científico ético seria potencialmente capaz de resolver as problemáticas ecológicas dominantes para

determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta. Porém há uma incapacidade das forças sociais, mesmo que organizadas e com suas formações subjetivas constituídas, de fazer com que esses meios sejam operativos e benéficos, devido à existência de um cunho nacionalista sobrepujante e massacrante das particularidades, das identidades, das singularidades e da cultura de cada povo e nação.

Ao pensarmos a aprendizagem escolar nesses contextos de subjetivação, percebemos que o constante crescimento da tecnologia em todas as suas dimensões: física (características do objeto), humana (impacto nas pessoas), e lógico-analítica (conhecimento técnico) não é um impeditivo para um constante exercício de raciocínio profundo. O despertar no discente de seu espírito criativo, seu interesse, com vistas à melhoria da aprendizagem das demais disciplinas, alimenta uma expectativa de vida que favorece a continuidade de seus estudos. Os pesquisadores, por exemplo, desenvolvem continuamente o pensar crítico e filosófico, pois por meio das pesquisas científicas eles trilham o caminho das descobertas e necessitam buscar, refutar ou discordar de um conhecimento para comprovar ou não suas hipóteses. Consideramos uma ideia simples, e ao mesmo tempo bastante atraente, sobre a experiência de compreensão dos caminhos que o conhecimento percorre. É indispensável que entendamos o papel que a filosofia desempenha nas sociedades contemporâneas e como essas dimensões econômico-sociais acontecem e interferem nas vidas humanas. Essas investigações não devem ser feitas por meio de esquemas explicativos genéricos, que não dão conta do intrincado processo de produção do conhecimento. Sendo assim, a filosofia não terá condições de proporcionar aos jovens e adultos uma autonomia intelectual e ética, isto é, não despertará nos mesmos uma capacidade de interpretação das condições histórico-culturais da sociedade em que vivem, como também não criará uma autonomia condizente com suas próprias ações e pensamentos.

Essa profunda dimensão filosófica que harmoniza política e sociedade, produz um efeito educacional essencial na busca de indagações e soluções em relação aos impactos negativos da pandemia ou quaisquer outras mudanças sofridas. Essa visão política abrangente, que protagoniza o desenvolvimento da aprendizagem, propicia a construção de conhecimentos em acordo com os novos tempos. Nesse

sentido, poderemos obter uma nova sinergia entre dois eixos fundamentais: o epistemológico e o fenomenológico onde um corrobora com o outro. E com isso seria preciso partir também, além da filosofia, para uma psicologia que dê diferentes perspectivas de compreensão do conhecimento e experiência humana. Em seguida, abordaremos conceitos cruciais que auxiliarão na compreensão dos mistérios da subjetividade humana, bem como uma educação pautada em seus sentimentos e comportamentos.

Outro aspecto apontado quando se fala novamente sobre a sinergia e as formas de alcance emocional encontra-se na obra de Panosso (2023). Para ele a sinergia pode ativar os nossos sentimentos com a visão coletiva quando colocamos o todo como mais forte do que a soma das partes, ou seja, o bem a todos e o bem comum como potencializador e integrador. Nesse sentido suponho que seja possível resgatar as emoções para obter uma melhor percepção das angústias e as crises existenciais desencadeadas pelos alunos. Um acordar íntimo que vivifique a autoestima e quem sabe a vontade de problematizar os acontecimentos racionalmente para construí-los de forma coletiva. Nesse sentido, uma das principais chaves da filosofia, segundo o autor, seria um abrir filosófico que coloque o todo como mais forte e membro integrante social do que propriamente a soma das partes.

De acordo com Ferraro (2018), uma escola dos sentimentos pode transformar o saber em algo que busque e tente compreender a nossa existência: "tempos que parece faltar muito para o mundo poder ser o que é. Tempos de muita necessidade de filosofia, de educação e infância". Como a criança que procura compreender o mundo por meio de questionamentos e admiração, um estado de espírito que, ao se aproximar do pensamento filosófico constrói o raciocínio e a capacidade de argumentar.

Ferraro (2018) explica sobre a criação de uma "relação ensinante", onde a experiência da filosofia com a criança seja a experiência de fazer escola num tempo que não pareça esvaziado de sentido, ou seja, é preciso sentir um tempo de relação, tempo que não é nem preparação, nem compensação. Tornar a escola um ensino de filosofia com sentido onde se possa narrar. Ao falar sobre o termo filosofia ele reforça que ao "dar lugar à filosofia", *philia* se transforma em um laço sentimental, de relações humanas significativas que dão lugar a uma escola plena, de pedagogia

poética e desafiante frente as abordagens convencionais, que tem em sua base curriculos rígidos, incapazes de fazer com que a escola seja verdadeiramente uma escola, segundo sua concepção.

O sentimento não é propriamente algo, é de uma consistência imaterial. Percebe-se. Está no fundo. Simples efeito, som e não, que foge de todos os sentidos e os confunde. O sentimento pareceria aquilo que as coisas sentem de nós e que encerram no segredo atônito do ser além de algo que não tem palavra, não tem uma imagem precisa, mais próxima à ideia, perceptível, mas não representável (Ferraro, 2018, p. 94).

Para Ferraro (2018) educar-se nos sentimentos é como comparar a um livro que ao se descolorir com o tempo, transforma-se em fotografias que vistas após tantos anos, não são esquecidas por trazerem naquele momento uma nostalgia do que éramos, do que fazíamos e como seríamos vistos em uma única imagem. Há uma narrativa, um comentário do local como defesa de um tempo que não se pode retornar e reviver. Porém haverá sempre uma constatação de que nunca mudamos, somos sempre os mesmos e na imagem estamos apenas mais jovens.

Ferraro (2018) evidencia que a escola dos sentimentos é a narração de um percurso educativo não pressuposto de conclusões, teorias, explicações sobre este ou aquele sentimento, muito menos fórmulas para um projeto ou programa de educação sentimental ou moral, mas em escolas que sintam a vivacidade das histórias, dos espaços e os tempos, gestos, afetos e sentimentos que atravessem esse meio.

Tudo que sei é meu, mas não de mim. Sou em posse dele, o tomei, o recebi, o aprendi como justamente se diz, me foi ensinado, às vezes o roubei, certamente peguei emprestado, como a própria vida e a possuo do meu modo, mas que restituirei na vida de um outro, para que continue sendo vida. (Ferraro, 2018, p. 82).

Outra abordagem pertinente ao ambiente escolar e interativa às reações sentimentais é o questionamento e a reflexão a respeito do amor na obra de Nogueira (2020). Ao falar sobre esse sentimento, ele afirma que não é uma emoção individual, pois o amor requer envolvimento na comunidade para manter possivelmente a vida pessoal e coletiva em equilíbrio. A experiência africana mostra como o amor pode se

fortalecer com a troca e a partilha de experiências, sem colocar algo extensivo e exclusivo a uma só pessoa ou a um só casal, mas abrangente a todos. Ou seja, amar não é possessividade, mas sobretudo uma troca. Ele constata que o amor é uma forma de catalisar o bem-estar, mesmo que esse afeto não seja tão simples de ser contínuo e harmônico.

É necessário assumir toda nossa fragilidade, mesmo que o amor e o ódio fossem universalmente considerados estados afetivos contraditórios. Para o autor essa complexidade se aprofunda na ambivalência de sentimentos que podem coexistir, conforme sua concepção. Como exemplo podemos mostrar quando uma pessoa sente um forte carinho e apego por alguém, mas ao mesmo tempo sente raiva ou ressentimento por esse alguém ao ter atitudes ou comportamentos indesejáveis. Isso significa que amor e ódio, mesmo considerados universalmente contraditórios, estão intrinsecamente ligados e podem se manifestar de forma ambivalente, ou seja, andam juntos, embora em graus diferentes, em relação a uma mesma pessoa ou situação. Tais sentimentos podem alternar-se e ao mesmo tempo confluir um no outro.

Apesar da complexidade de conceitos e experiências esses fenômenos sentimentais são comuns nas relações humanas. Amar com maior reciprocidade e equilíbrio requer muito esforço, especialmente quando nos deparamos com um modelo de sociedade individualista, recheada de obstáculos e bloqueios que impedem a aproximação e a construção da afetividade entre as pessoas. No entanto nada impede que o autoconhecimento seja usado como estratégia para desencadear as diversas formas de manifestação e aceitação do amor, como por exemplo a prática pela empatia e compaixão pelo próximo. É por meio da busca pelo entendimento de si e do outro que se pode construir um "canal aberto" de afeto e reciprocidade. Uma forma de aliviar o estresse e despertar a sensibilidade e a imaginação, para enfim superar os desafios de uma sociedade individualista.

Há inúmeros caminhos de trabalhar a arte e os gêneros literários, os quais elevam o espírito e induzem à reflexão. Os estudantes se sentem compreendidos, ouvidos e renovados ao despertarem essas sensações e sentimentos, muitas vezes difíceis de serem verbalizados. Uma experiência imersiva interna e externa ao vivenciar uma obra de arte que leva à cura e o bem-estar na articulação e prática desses

afetos. Quem dera pudéssemos transformar as palavras em arte. Em uma das mais ilustres obras de Van Gogh, *A Noite Estrelada* (1889), o artista interpreta suas emoções e angústias. Sua tela poderia ser traduzida como a pintura de traçados vibrantes e pinceladas circundantes, que enfatizam a infinitude, o oculto e os mistérios da alma. Ao mergulhar suas imagens em um abismo profundo, Van Gogh desvenda o sofrimento humano, os segredos e o próprio sentido da existência. Na turbulência dessas cores, resquícios dourados formam as luzes estelares, à procura de liberdade nesse redemoinho de espirais emotivas. Similar à pintura de Van Gogh, a canção '*Faltando um Pedaco*', de Djavan, convida-nos a transpor uma arte musical reflexiva, profundamente sentimental e delicada sobre a dualidade do amor, destacando sua incompletude e devir pleno, bem como seu aspecto fundamental na existência humana. A letra é escrita por meio de metáforas, com forte sonoridade e representações sensoriais. Uma poesia que associa os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). O valor artístico dessa canção reside na capacidade de criar na mente do ouvinte imagens vívidas, transmissíveis e provocadoras de emoções e sensações, resultante em uma expressividade profunda ao transitar entre a falta e a esperança.

Faltando um Pedaco (Djavan, 1981)

O amor é um grande laço
 Um passo pr'uma armadilha
 Um lobo correndo em círculo
 Pra alimentar a matilha
 Comparo sua chegada
 Com a fuga de uma ilha
 Tanto engorda, quanto mata
 Feito desgosto de filha
 De filha
 O amor é como um raio
 Galopando em desafios
 Abre fendas, cobre vales
 Revolta as águas dos rios
 Quem tentar seguir seu rastro
 Se perderá no caminho
 Na pureza de um limão
 Ou na solidão do espinho
 O amor e a agonia
 Cerraram fogo no espaço
 Brigando horas a fio
 O cio vence o cansaço
 E o coração de quem ama
 Fica faltando um pedaço

**Que nem a lua minguando
Que nem o meu nos seus braços**

Em resumo, Nogueira (2020) fala sobre a importância do ato de amar e o desafio quando esse gesto é correspondido. O amor se torna uma "língua existencial" que, ao se conectar com a do outro, estabelece inevitavelmente um "fazer político". E por meio dessa arte do fazer político é possível negociar constantemente a realização e a transformação desses pactos.

Certamente, segundo Nogueira (2020) que amamos e precisamos sentir esse sentimento por intermédio do outro, pois não achamos sentido em percorrer os caminhos da vida sem contar e conhecer novas histórias. Só sentimos o que nos falta porque nosso desejo só se sacia quando não faz parte de nós e amamos porque sentimos a necessidade de estarmos vivos. A vida nos obriga a amarmos e esse sentimento é inerente e fundamental a todos nós seres humanos. Ele reitera como as culturas afro-indígenas ensinam sobre o amor ao demonstrar suas vivências e emoções coletivas, diferentes das individuais. No percurso desse amor percebemos várias vertentes, como o amor romântico, platônico, de amizade, familiar, e a beleza da expressão humana. Por ser multifacetado, nem todas as pessoas amam da mesma maneira. Amar nas diferenças requer muita aceitação; quando procuramos compreender, respeitar e valorizar cada ser em suas particularidades, adquirimos uma riqueza de experiências, pensamentos e sentimentos que nos permitem transcender as diferenças e reduzir as barreiras, especialmente quando buscamos semelhanças constantes. É importante salientar, antes de tudo, que amar não significa abdicar de nós mesmos, mas sim tratar-nos com dignidade e respeito, para que possamos estender esse respeito e conviver com os demais.

Geralmente, a ausência ou insuficiência de amor-próprio pode impactar negativamente nos relacionamentos interpessoais. Por isso, o amor interno torna-se incompleto, dificultando na formação de conexões saudáveis, o que pode propiciar o surgimento de relacionamentos abusivos e dependências emocionais, entre outros. Essa carência pode afetar a forma como a pessoa se posiciona diante do outro, muitas vezes gerando vínculos baseados na insegurança, na busca por aprovação externa ou na submissão, em vez de uma troca equilibrada e respeitosa. Portanto, o amadurecimento e o aumento do amor-próprio propiciam o cultivo de relações hu-

manas mais saudáveis e conscientes. E nesse processo de edificação da autoestima do ser com o apoio, o encorajamento e cuidado mútuo poderá favorecer a construção de vínculos humanos mais alicerçados na comunidade e no bem-estar integral.

5. MEU PERCURSO PESSOAL

5.1 Corpo e Território: Impressões de Viagem à África do Sul e o encontro com a Matriz Africana

Este capítulo é pessoal. Não é desabafo: é método. Porque teoria sem corpo não anda. Meu lugar como professora de escola pública, de bairro, marcado por perdas e resistências, não é enfeite — é uma diretriz. A atitude ubuntuísta não nasce em livro; nasce quando eu e o aluno nos sentamos na roda e a gente se vê no outro. O relato pessoal não é desvio, é ponte: liga o abstrato ao real, o epistemicídio à sala de aula, o isolamento ao abraço. É isso que cura.

A transição das minhas experiências pessoais para a fundamentação teórica deste trabalho não ocorre por uma escolha meramente ilustrativa, mas por uma necessidade metodológica e fenomenológica. Minha trajetória é marcada por uma geografia de aprendizados que conectam o corpo ao território, permitindo que a teoria emergisse da prática vivida. Este processo iniciou-se em 1999, na África do Sul, que serviu como meu primeiro laboratório de consciência. Ali, ao testemunhar as cicatrizes do Apartheid e a lógica do extrativismo mineral, compreendi o que autores como Frantz Fanon e Cheikh Anta Diop denunciavam: o sistema que extrai o diamante do solo é o mesmo que "surrupia" o saber de Kemet da história.

Essa percepção ganhou contornos urgentes no cotidiano da Escola do Jardim ABC. Ao enfrentar o abismo da exclusão digital e o analfabetismo funcional de meus alunos, percebi que a filosofia tradicional não oferecia respostas para as dores desses chãos comunitários. Foi nesse campo que a realidade escolar me impulsionou a buscar o Aquilombamento Afrofilosófico, testando conceitos como *coneCnatureza* para combater o epistemicídio algoritmizado. Por fim, o encontro com o Quilombo Mesquita e a materialidade do tacho de cobre permitiram que a teoria, enfim, "encarnasse". O saber deste trabalho brotou da terra que pisei, dos corpos que acolhi e da dignidade que busquei restaurar em cada um desses territórios.

Pisar na África do Sul em 1999 foi o meu verdadeiro nascimento intelectual. Ali, enquanto eu ainda concluía o curso de Pedagogia, meu corpo sentiu o que os

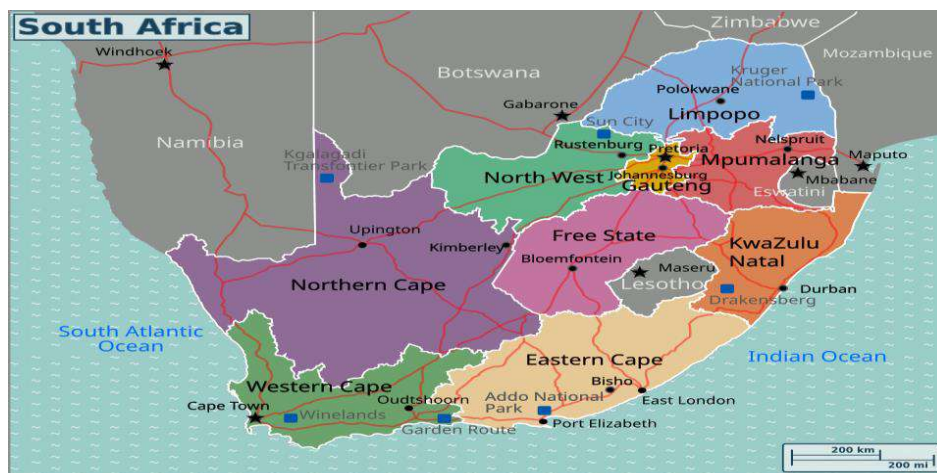
livros ainda não conseguiam explicar. Sem que eu percebesse, a filosofia brotou daquele solo para responder às perguntas que a academia ocidental sequer sabia formular. Eu fui em busca de uma viagem e encontrei a gênese da minha própria consciência; a África não foi apenas um destino, foi o lugar onde, inconscientemente, vi minha alma clamar por filosofia. Sentimentos de angústia e inquietação, sobretudo quando presenciei as enormes injustiças de escravização existentes no país. Ao tentar compreender as bases éticas e políticas, percebi quanto a busca por poder e riquezas pode subjugar e tirar a dignidade dos povos negros. Como não bastasse esses povos foram colocados em um patamar de situações que jamais imaginaria, principalmente ao se tratar de racismo e segregação racial. Sabemos sobre as narrativas constantes de escravização na África do Sul, porém quando nos defrontamos com essas realidades percebemos que um dos maiores motivos, embora não informados de forma contundente, foi a grande necessidade de mão de obra para exploração de recursos minerais, especialmente no que diz respeito à extração de diamantes.

Constatei também que os povos sul africanos possuíam um grande senso de coletividade, mesmo sem saber completamente o legado das filosofias africanas na época. Desta forma irei narrar de forma um pouco detalhada e fenomenológica toda a minha experiência no país tanto no aspecto profissional quanto histórico, social, cultural e contextos que possam remeter as filosofias sul africanas.

Minha jornada profissional me conduziu a Kimberley, na África do Sul, cidade reconhecida globalmente como a capital do diamante. Na época trabalhava em uma empresa multinacional chamada De Beers, situada no Setor de Indústrias, Brasília-D, F. Essa empresa era uma filial e era voltada a exploração, pesquisa e comercialização de minérios, especificamente de diamantes. A empresa da África do Sul no qual fui a trabalho possui o mesmo nome (De Beers) e suas outras minerações estão localizadas em Botswana, Namíbia e Canadá. Essa empresa foi extinta no Brasil em meados do ano 2002 e seu fechamento foi obscuro na época a meu ver. Ao falir já não estava a serviço e segundo relatos considerei as informações incongruentes, pois essa empresa funcionou no Brasil pelo nome fantasia de Sopemi (Pesquisa e Exploração de Minérios S.A.) por mais de 30 anos, utilizando também outras razões sociais. Segundo relatos, sua falência foi devido à falta de resultados comerciais ex-

pressivos em suas operações de exploração e por não "emplacar" no mercado brasileiro em relação a exploração e mineração de diamantes.

Figura 10 – Mapa da África do Sul



Fonte: https://pt.wikivoyage.org/wiki/%C3%81frica_do_Sul

No ano em que viajei tinha como função auxiliar a chefe de setor, mas anteriormente a essa viagem realizava no Brasil um trabalho extremamente cansativo, pois fazia análise de milhões de grãos microscópicos em uma ⁹placa de petri para retirada de grãos que fossem originários ao diamante. Era cobrado mensalmente a qualidade e a produção e tínhamos que seguir regras muito rígidas para atingir o índice esperado. Essa tarefa nos abalava emocionalmente por esses grãos muitas vezes passarem despercebidamente e não serem identificados, devido as mudanças climáticas. Durante a viagem tinha uma outra incumbência que era ajudar a chefe do setor no qual trabalhei a traduzir e ensinar a língua inglesa do país Sul Africano. Muito embora tivesse algumas dificuldades na tradução, devido a língua ser carregada de sotaques, principalmente nos momentos de conversação com os africanos, porque apesar de falarem inglês tinham outros dialetos e essas línguas eram consideradas como segunda opção, ou seja, transparecia um instrumento de dominação colonialista, no qual eram proibidos de utilizar sua língua de origem nas várias circunstâncias. Após informações atuais que obtive pelo artigo da Encyclopaedia

⁹ **Placa de petri** é uma vidraria para laboratório rasa e cilíndrica geralmente feito de vidro ou plástico, que é amplamente utilizado em laboratórios para cultivar microrganismos, como bactérias, fungos, algas e outros. Disponível em: <https://www.splabor.com.br/blog/placa-de-petri/qual-a-funcao-da-placa-de-petri-no-laboratorio/>. Acesso em: 20/01/2025.

Britannica (2024), pude compreender o real motivo desses povos não falarem fluentemente o inglês e o africâner. A maior razão seria a imposição dessas línguas e sua obrigatoriedade na instrução escolar para estudantes negros, em detrimento de suas línguas nativas, uma atribuição procedente do colonialismo linguístico. Temos um evento histórico que comprova tais afirmações. Em junho de 1976 ocorreu uma revolta chamada de Soweto, no qual estudantes negros em sua maioria realizaram um protesto pacífico contra as políticas opressivas do regime do Apartheid. Esse regime englobava também a precariedade e a baixa qualidade do sistema educacional para negros, além da exigência em ter que aprender o idioma: africâner. O evento foi uma inspiração ideológica de Steve Biko e foi fundamental para que os estudantes através do seu Movimento de Consciência Negra, configurassem em um marco crucial na luta pelo fim do regime segregacionista em 1976. Porém sucederam várias mortes, dentre elas duas que chocaram o mundo e a opinião internacional. O primeiro a ser morto foi o garoto Hector Pieterse, de apenas 12 anos, cuja imagem tornou-se icônica ao ser carregado por um colega, e Hastings Ndlovu, de 15 anos, que embora baleado e morto, sua morte não foi amplamente divulgada na época, em virtude dos fotógrafos e da mídia não estarem próximos para registrar tal fatalidade. Esses confrontos resultaram na criação do “Dia da Juventude” celebrado todos os anos em 16 de junho na África do Sul, em memória dos estudantes que lutaram contra o Apartheid. Quanto as capacidades linguísticas dos descendentes de ingleses e brancos havia fluência no idioma, pois apesar de nascidos e vividos no país, carregavam consigo as línguas e raízes culturais de suas famílias e do sistema dominante. Com isso a aprendizagem adquiria um tom mais intuitivo em comparação as línguas africanas nativas.

Ao fazermos as comparações e voltarmos à realidade brasileira concluímos que o problema de imposição linguística tem semelhanças em relação aos povos sul africanos, assim como em todo continente. Apesar de outro contexto histórico, ambos países (Brasil e África do Sul) sofreram os mesmos imperialismos linguísticos ao incorporarem as línguas europeias impostas como oficiais, resultantes de subordinação e marginalização das línguas nativas/africanas. Soma-se a isso o agravante enfrentado pelas instituições de ensino brasileiras: embora a Lei nº 10.639 tenha tornado obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, sua implementação

efetiva e plena permanece, ainda, como um grande desafio e um elemento determinante de resistência na luta pelo reconhecimento cultural. O problema reside em que, mesmo após 20 anos de sua sanção, ainda há um descumprimento e má aplicação. Dentre os principais entraves estão: a falta de formação de professores, no qual os docentes se sentem despreparados e, muitas vezes, desconhecem a forma adequada para abordar a temática de forma aprofundada e pedagógica. Outro impeditivo reside no Racismo Institucional profundamente presente e legitimado no Brasil. Ele reflete diretamente no ambiente escolar e propaga-se por parte de algumas gestões, educadores e até mesmo comunidades, ao reproduzirem preconceitos e dificultarem a inserção efetiva do conteúdo no currículo.

Gonzalez (1984) aponta um caminho possível para se pensar a aprendizagem por meio da interseccionalidade a partir da experiência brasileira. Em uma forma de amefricanizar, principalmente as construções linguísticas, ela adota uma língua, no qual conceitua como “pretuguês”, ou seja, um português africanizado. Gonzalez evidencia a profunda influência e a importância das línguas africanas, principalmente para os povos que passaram pela experiência diaspórica e mantiveram a conexão com suas matrizes linguísticas — como a língua banto. A autora aborda fenômenos linguísticos específicos, exemplificando a substituição do fonema “l” pelo “r” em certas palavras, como: “Framengo” ao invés de “Flamengo”, ou “pranta” em vez de “planta”. Conforme afirma, isso pode estar relacionado à ausência da letra “l” em alguns idiomas bantos. Na identificação da raiz banta em traços da fala popular brasileira, ela propõe um desafio a norma culta eurocêntrica que classifica essas variações como “erros” de português, e diante disso comprova-se que há um racismo linguístico operante que desqualifica a matriz africana da nossa linguagem. Para Gonzalez a inclusão dessa língua na formação do português falado no Brasil, reconheceria a matriz Africana na Língua Portuguesa, e seria uma forma de implementar uma Educação Antirracista, que ensine a verdadeira história da formação da língua, na desconstrução e na definição que “o branco fala certo e o preto fala errado”.

Existem mais de 500 dialetos ou línguas bantas. Os povos bantos foram, em sua maior parte, africanos traficados, sequestrados e trazidos para o Brasil durante o período colonial. Sua ancestralidade e herança cultural tornaram-se pilares fundamentais para entender a formação da sociedade brasileira. Ramose (1999) esclare-

ce que o termo *Bantu*, ou *Ubuntu*, no contexto da filosofia, abrange diversas variedades de agrupamentos etnolinguísticos. Para ele, a palavra, de modo geral e literal, significa “povo” ou “pessoas” em muitas das línguas do grupo; porém, o autor prima por frisar o caráter ontológico-processual, isto é, a constituição do ser. O radical *-ntu* da palavra *Bantu* refere-se ao “ser” ou “pessoa”, e o prefixo *ba-* indica plural. Portanto, a análise da ontologia do *ubu-ntu* para Ramose consiste em considerar o *ubuntu* como uma palavra composta de duas partes inseparáveis, em que *ubu-* refere-se à existência, ao “ser”, à ontologia, relacionando-se à condição universal e abstrata da humanidade ou à força vital que chamamos de *ntu*. A manifestação dessa existência revela um ser concreto (uma pessoa, *umuntu*, no singular), juntamente com *ubu-ntu*, definido como “unicidade e indivisibilidade” do ser em seu curso.

Ao caracterizar essa ordem do “ser-sendo” (em tradução livre), a ação e o relacionamento da humanidade revelam que, todos os seres humanos são imbuídos de uma natureza essencial e coletiva ao partilharem empatia, razão, criatividade e vulnerabilidade. Essas dimensões não são estáticas, pois se manifestam em atitudes que integram nossas construções e realizações como gênese de uma identidade africana, enraizada em pressupostos ontológicos próprios das tradições bantas. Ramose (1999) alega que o *ubuntu* é a base filosófica do *Bantu* por estabelecer um contrapeso ao racismo filosófico ocidental. Em seu entendimento, o *ubuntu* corrobora uma racionalidade e uma identidade africana válidas, por não dependerem de validação externa ou eurocêntrica.

Voltando ao relato anterior sobre o trabalho que realizei na África, tentei ajudar a traduzir todos os conhecimentos adquiridos para o inglês. Tive também que realizar outra tarefa que contribuísse para o entendimento a respeito de como as africanas desempenhavam a pesquisa em grãos originários ao diamante. Meu cargo no Brasil era de analista de minérios e por essa razão poderia colaborar na produção de uma futura apostila para as demais analistas de Brasília, porque assim poderiam aprender melhor a linguagem, ou seja, com a contextualização do conhecimento e entendimento do trabalho que as africanas realizavam na mesma função, as analistas brasileiras desenvolveriam melhor as pesquisas em minerais. Comparações, semelhanças, ideias, descobertas, opiniões de grãos típicos e originários ao diamante, enfim, tudo que pudesse enriquecer pedagogicamente a pesquisa dos geólogos

por meio das experiências advindas tanto das africanas quanto das brasileiras. Tinha muito temor que nosso país tivesse mais essa descoberta em abundância diamantina, como na África do Sul, pois além de trazer um alto valor econômico, ser raro e possuir um simbolismo cultural, nosso país poderia semelhantemente adquirir os mesmos problemas sociais que na África do Sul.

Realizei esse trabalho durante 30 dias e ao mesmo tempo tentei entender a cultura dos povos sul africanos, se existia alguma semelhança conosco e se nós tínhamos realmente a mesma herança e semelhança cultural. Embora ainda em formação acadêmica, eram perceptíveis as singularidades coletivas em seus modos de ser. Considerava-os parecidos conosco em relação a afetividade e a hospitalidade, porém muito sofridos e algumas vezes deixavam transparecer um sorriso, embora tímido. Não se continham em conversar, em relacionar-se e conhecer-nos. Tratavam-nos como conterrâneos e estavam sempre dispostos a ajudar. Em alguns instantes tive a percepção de estar em meu país, devido à grande familiaridade com esses povos.

Fiquei hospedada no Kimberley Club e segundo os proprietários do hotel muitos membros da realeza passaram por lá, como príncipes, princesas, governadores e diversos soberanos. O clube foi fundado em 1881 por um inglês, chamado Cecil John Rhodes e muitas decisões históricas, encontros e reuniões relacionadas a indústria de diamantes foram organizadas e tomadas no clube.

Com o passar dos anos o Hotel ficou destinado a turistas e ao público em geral. Durante o período em que fiquei hospedada pude observar que toda a mobília e decoração foi mantida para contar a história do local, principalmente no que diz respeito a descoberta, a exploração de diamantes e a estadia de Cecil John Rhodes, fundador da De Beers no hotel.

O quarto no qual fiquei hospedada possuía uma mobília antiga, porém bastante conservada e de boa qualidade. Nas paredes, os quadros do século XIX retratavam autoridades que participaram da "Eureka Diamantina". Pareciam evocar, apesar da atmosfera de luxo e riqueza, um trecho da canção que simboliza a solidão e vazio de Van Gogh, *Vincent (Starry, Starry Night)*: "Retratos pendurados em salas vazias / e cabeças sem moldura em paredes inomináveis" (MCLEAN, 1971, tradução nossa). Ao ver um grupo de negros que passavam cantando reggae pelas janelas

desse quarto, avistei-os fixamente e mutualmente, como "com olhos que observam o mundo e nunca se esquecem" (MCLEAN, 1971), Transmitiam um espírito de união, de luta *antiapartheid* e harmonia. Era uma afinação surreal, encantadora e, ao mesmo tempo, um canto de guerra. Vi ali a pureza do *reggae* em sua mais bela e originária composição, por remeter a um canto de resistência, liberdade, igualdade, paz, amor e união; ou seja, o *Ubuntu* em sua melhor expressividade. A canção entoada era de autoria do cantor e compositor sul-africano Lucky Dube, intitulada *Together As One* (Juntos como um). Dube destacou-se por suas letras que denunciavam a situação social da África, a violência e a marginalização de jovens em situação de vulnerabilidade. Sobre seu legado, a Assembleia Legislativa da Bahia (2007) expressou pesar por sua morte, homenageando-o como uma das vozes mais críticas ao regime do *apartheid* à "dominação do capital internacional".

Quanto a mídia televisiva ao destacar a sua cultura, notei que ao sintonizar os canais de músicas e danças os negros mostravam-se muito criativos e semelhantes a nós na dança, no canto, na diversidade de roupas e acessórios. Algumas mulheres cantavam seminuas, sinalizando algum tipo de tribo, que mais recordavam e representavam as similaridades das escolas de samba do Rio de Janeiro. Observei também pelo clima e pelas notícias que a cidade de Kimberley era uma cidade árida e seca durante o inverno, semelhante a Brasília durante o período de estiagem.

Tanto nas mídias quanto nas ruas que percorri, havia muitos cartazes e propagandas políticas. E Nelson Mandela foi presidente até o início de junho de 1999. O mais cotado para sua sucessão foi o candidato Thabo Mbeki. Tinha em sua candidatura a promessa de fazer renascer e fortalecer a África do Sul. Prometia consertar a economia e aliviar a pobreza. Thabo Mbeki governou até 2008 e foi o segundo presidente negro da África do Sul. De certo que as pessoas tinham grande admiração por Mandela, mas diziam que o país não havia melhorado significativamente, devido à herança cruel que o *apartheid* havia deixado, como resquícios de desigualdade econômica, corrupção e violência. Percebi também que algumas pessoas reclamavam dos altos índices de inflação. Concomitantemente ao visitar alguns lugares e regiões notei que existiam bairros extremamente pobres e a mobilidade para negros em táxis era proibida, ou seja, o *apartheid* ainda era muito presente em diversos lugares do país.

Recebia diariamente um jornal chamado DFA (Diamond Field Advertiser – Anúncios da terra dos diamantes) na porta de meu quarto. Ao ler percebia que continha muitas críticas ao governo Mandela, uma espécie de jornal de extrema direita que opunha ao atual Presidente.

Conforme anotações pessoais em 1999 obtive conhecimentos e informações inerentes aos aspectos históricos sobre o país. Foram escritos no laboratório de mineração da região na época. Constatei pelos informes que a cidade de Kimberley foi palco para a corrida dos diamantes, na década de 1870. Talvez por esse caminho nas entrelinhas, identificaremos os caminhos e as formas como os povos negros sul africanos sofreram e como a colonização e escravização se intensificou, após essas descobertas.

Em 1866 em uma fazenda chamada De Kalk, próxima a Hopetown (cidade distante a 121 km de Kimberley) Erasmus Stephanus Jacobs descobriu aos 15 anos um diamante cujo nome fora chamado de Eureka (descoberta). O diamante pesava cerca de 21,25 quilates e ficava às margens do rio laranja. Porém em 1871 Colesberg Kopje encontrou também seus diamantes e mais tarde essa mina foi considerada como a mina de Kimberley ou o famoso Big Hole. O Big Hole passou a ser considerado a maior escavação a mão no mundo com cerca de 215 metros de profundidade. Cerca de 50 mil pessoas vieram do mundo todo em busca da preciosidade e na localidade foram encontradas aproximadamente 03 toneladas de diamante. As condições de vida eram horríveis. Muitos garimpeiros moravam em barracas, outros construíram casas de madeira e chapas de ferro, comércio etc. Atualmente o local tornou-se uma cidade cenográfica para visitação e centro histórico. Em 1873 essas terras foram chamadas oficialmente de Kimberley em honra ao primeiro conde inglês de Kimberley do Norfolk, Inglaterra. A palavra: *kimberlito*, tem sua origem nessa mina e é caracterizado por ser uma rocha que cont m diversos minerais, como, ilmenita, granada, espinélio, além de diamantes. Havia cinco minas em volta de Kimberley e uma exigência de escava o para os garimpeiros, mas não era um impeditivo para guerras e corriqueiras desordens. Lembro-me que próxima a empresa De Beers na qual trabalhei provisoriamente no país, existia uma imensa montanha e segundo informações foram os restos de escavações retiradas do *Big Hole* (grande buraco).

Cecil John Rhodes, fundador da De Beers, era filho de um pastor nascido na

Inglaterra e seu aliado Barney Barnato viajaram da Inglaterra por diferentes razões e ideais. Dentre elas era de terem o controle de toda a mina em torno de Kimberley. Rhodes eventualmente ganhou o controle da mina De Beers, enquanto Barnato tornou-se chefe executivo da Companhia Central da mina. Ocorreu uma intensa briga entre os dois e no final de 1888, Barnato foi persuadido por trair Rhodes. Rhodes aos 35 anos apressou em industrializar e monopolizar o mercado de diamantes e a empresa De Beers consolidou-se no país e no mundo. O slogan: “*A Diamond Is Forever*” (Um Diamante é para sempre) foi criado para reconhecer a empresa mundialmente e virou uma mensagem cultural marqueteira que influenciou a forma de ver o amor, o casamento e os diamantes.

Mediante todas essas informações redigidas e colocadas notei que a descoberta de diamantes na África do Sul, como em Kimberley, ou em outros locais próximos, atraiu uma grande quantidade de colonizadores europeus, porém a apropriação de todas aquelas terras não impediu que houvesse uma grande escravização dos negros que moravam no país. Eles tinham condições precárias, baixos salários e eram extremamente maltratados. Em nenhum momento quando estive no país vivenciei um negro realizar um trabalho que não fosse subalterno, pesado e danoso. Todos os lugares que frequentei não havia brancos realizando tais funções, muito menos trabalhos de alta periculosidade. Ao visitar uma mina em Kimberley a 200 metros de profundidade, percebi que o ar era rarefeito e era necessário o uso de equipamentos de oxigênio. A ventilação era limitada, e a exposição a poeiras e gases tóxicos eram constantes. Observei que nessa mina os negros eram os únicos que enfrentavam essas condições de trabalho extremo, com riscos à sua saúde, altos índices de acidentes e mortes, e eram destituídos de bons equipamentos de segurança.

Conforme Muniz, F. J. N. (2024), Cecil Rhodes enriqueceu com o domínio e a criação da indústria dos diamantes. A De Beers grande responsável, passou a implementar leis racistas para obrigar africanos ao trabalho forçado e à segregação, resultando em milhares de mortes nas minas. Suas grandes conquistas econômicas e imperialistas estruturaram a exclusão social e racial. Os trabalhadores sul africanos lutaram e resistiram a greves, mas diante da repressão violenta e das leis injustas que sofreram, não houve avanço social e melhores condições de vida.

Diante de toda a exposição de relatos e informações, constatei que a descoberta de diamantes na África do Sul foi um grande gatilho que contribuiu significativamente para o surgimento de uma elite branca e majoritariamente europeia. Os britânicos controlavam as minas, a riqueza gerada, fortaleceu o sistema segregacionista do *apartheid*, como justificativa de proteção aos seus interesses e a manutenção da ordem social.

Nessa circunstância foi preciso uma filosofia que resgatasse um espírito humanitário e de resistência a um regime separatista como, o *apartheid*. Uma Filosofia que destacasse o Ubuntu como ideia de reconciliação entre diferentes etnias e grupos sociais.

De acordo com Kashindi (2018) em sua entrevista publicada no site (UFSM), não existe na palavra ubuntu uma origem exata, por se tratar de uma “ética” antiga e difundida durante anos por diversos setores da sociedade. O filósofo afirma que o Apartheid vigorou durante os anos de 1948 a 1994, na África do Sul e sofreu fortes influências pelo Ubuntu. A segregação racial durou quase cinquenta anos e foi legitimada por leis, porém com a formação do Estado Novo pós *apartheid*, restabeleceu a igualdade para todos, o respeito aos direitos humanos, como também a diversidade entre os povos. O Ubuntu surgiu como um prisma valioso de inspiração nas ações para promover a paz e a justiça social. Foi amplamente apoiado por líderes políticos, como Desmond Tutu, que recebeu o Nobel da Paz em 1984, e Nelson Mandela, um dos maiores líderes negros e ex-presidente da África do Sul.

Kashindi (2018) afirma que os africanos interpretam *ubuntu*, como a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o próximo, ideia semelhante à de amor ao próximo. Na filosofia, esses valores baseiam-se na generosidade, solidariedade, compaixão e no desejo sincero de felicidade e harmonia entre o conjunto dos seres. O autor faz uma crítica à frase de Desmond Tutu ao dizer: “eu sou porque somos”, por trazer um forte contexto de mútua dependência entre o individual e o coletivo e fazer alusão a uma lógica de pertencimento. Para o filósofo, há a criação de um individualismo obsessivo condizente com o segregacionismo e a exclusão, características vigentes no regime do Apartheid. Seria, portanto, um sistema voltado a um *ubuntu* de interesses coletivistas: “Uma pessoa sozinha não pode existir. Só existe porque tem uma comunidade que antecede a ela. Ninguém pode ser sem per-

tencer”.

Segundo Fábio Borges-Rosario (2024), Jacques Derrida menciona o conceito de *ubuntu* e como ele era compreendido, em 2005, pelos Tribunais de Reconciliação e Verdade da África do Sul (TRC). Esse tribunal, presidido pelo arcebispo Desmond Tutu, valorizava o sentido de humanidade e coexistência associado ao *ubuntu*. Derrida identifica essa dimensão universalizante, caracterizada principalmente pela dependência mútua entre as pessoas, mas também faz um questionamento: para ele, o conceito, originalmente enraizado em matrizes africanas e seculares, acabava sendo reinterpretado por uma lente teológica ocidental/cristã atribuída pelo arcebispo. Seu interesse provavelmente residia na própria dificuldade de traduzir plenamente o termo, pois essa impossibilidade abria um horizonte de reflexão sobre o perdão, o direito e a justiça *ubuntu* — elementos que se distinguem das noções moldadas pelo direito romano ou pelo cristianismo, geralmente vinculadas a punições e regras universais. Diferentemente disso, a justiça *ubuntu* prioriza a restauração de comunidades e dos vínculos sociais, aproximando o perdão de um processo relacional e interconectivo, e não apenas de um gesto moral individual.

A Filosofia *Ubuntu* tem um impacto significativo na vida dos povos sul-africanos, porém exige muitos esforços para compreender e superar as divisões raciais, a corrupção, a desigualdade social e a violência. Como dito anteriormente, ao visitar o país, deparei-me com uma gama de dificuldades sociais que me fizeram refletir profundamente sobre como o *Apartheid* e seus resquícios, dificultaram a governabilidade e os esforços realizados para minimizar tamanha desigualdade. Um país com apenas 61 anos de República é suficientemente capaz de apagar quase 350 anos de colonização?

São muitas as indagações, desafios e anos necessários para solidificar e fortalecer uma democracia, porque traumas, sequelas e epistemicídios ainda são recorrentes, e os negros sul-africanos continuam privados de seus direitos básicos e relegados a um estatuto de cidadania inferior.

5.2 Além das Fronteiras: A Vinda para o Jardim ABC e a Construção de um Olhar Quilombola"

Atravessar a fronteira entre o Distrito Federal e o Entorno de Goiás em 2013 foi, para mim, um deslocamento que transcendeu a geografia física; foi o despertar de uma nova consciência pedagógica. Chegar ao Jardim ABC não representou apenas um novo endereço profissional, mas o encontro com um território que exigia uma docência encarnada, capaz de ler as potências de um chão marcado por invisibilidades. Foi nessa divisa, entre o asfalto das decisões institucionais e a poeira das ruas onde a vida resiste, que comecei a esculpir o que chamo de "olhar quilombola" — uma forma de enxergar a escola não pelo viés da carência, mas como um núcleo de resistência e proteção necessário à sobrevivência intelectual de todos. Necessário para a sobrevivência intelectual e humana.

Como docente sempre tive em mente sobre a importância de realizar um trabalho social. Uma função que precise ir além de uma única obtenção de recursos financeiros para dar mais sentido à vida. Ser docente é semelhante à essas práticas, e torna-se uma realização pessoal quando esses sonhos são compartilhados e quando há uma reciprocidade. Uma espécie de dividir e somar experiências e conhecimentos. E nessa linha criamos uma ética que transcende as formas de viver e ver o mundo, em ações de maior responsabilidade, integridade e prazer diante de uma profissão comprometida com a formação de seres mais justos e humanos. Acredito e imagino quão grande são os desafios de filosofar em um mundo cada dia mais complexo e repleto de respostas prontas. Muitas vezes me deparo com questões existenciais, como as dificuldades que preciso para enfrentar e conseguir cumprir esse compromisso, quiçá uma missão de ensinar e aprender. Se conseguirei realizar esses objetivos sem ofuscar minha individualidade ou comprometer minha saúde e segurança. E nesse propósito coloco todos os meus percursos experenciados de obstáculos, dificuldades e realizações, como uma obra prima esculpida que não se quebra ao vencer as intempéries da vida. E com isso relato aqui, tudo que vivencio e vivenciei, no sentido que seja ao menos plausível, o entendimento de minha trajetória profissional e todo o aspecto filosófico relacionado a educação.

Em 2007 iniciei minha carreira pública como professora efetiva e pedagoga, para lecionar as séries iniciais no Estado de Goiás, contudo em 2008 o nível funda-

mental passou a fazer parte exclusiva do Município Goiano. Em 2009 especializei-me em Filosofia e Sociologia e comecei a lecioná-las quando os pedagogos concursados pelo Estado, foram autorizados a assumir a direção, coordenação ou lecionar áreas de disciplinas afins. Em seguida fiz minha segunda graduação em Sociologia e, atualmente, tento encontrar caminhos que me faça compreender melhor a Filosofia e seu sentido em minha vida e profissão, por meio do mestrado.

Em 2013 fui remanejada para o Jardim ABC e continuei lecionando as mesmas disciplinas, porém com a inclusão da disciplina de Ensino Religioso, complementando nesse caso a carga horária máxima de 25 aulas semanais no Colégio Estadual José Abílio; considerado na época como extensão do Colégio da Cidade Ocidental.

O Colégio do ABC era caracterizado como uma extensão, pois não havia um Colégio Estadual ainda legalizado na região. A Escola sempre funcionou no período noturno e as turmas e salas eram exclusivamente do Estado, diferente do que é atualmente. Na época tínhamos em torno de 12 salas de aulas e hoje temos uma média de 8, na qual são divididas e muitas vezes priorizadas ao Município. Por exemplo, se a escola no período noturno disponibilizar 8 salas de aula para o Estado, as matrículas serão feitas de acordo com o número de vagas correspondentes a essas oito salas, ou seja, não disponibilizam nenhuma sala a mais das quais já foram destinadas ao Estado.

Embora com uma experiência de 06 anos advindas de outra escola do Distrito de Padre Bernardo, tive alguns problemas de adaptação na Escola do Jardim ABC, além dos mencionados anteriormente. Existiam e existem alguns entraves como, a distância, a alta periculosidade e a oferta única de ensino noturno que classificam a região como de alto risco. Por esse motivo temos um horário especial que inicia às 19:00 e encerra às 22:00, semanalmente. Contudo, esse horário não dá muitas condições para realizarmos aulas mais dinâmicas e atraentes, pois cada disciplina tem uma duração média de 30 minutos de hora aula, sem contar com os conteúdos, habilidades e competências que são cobrados bimestralmente. Por esse motivo a escola busca realizar projetos que possam compensar a tradicionalidade do ensino. Há um projeto anual que é enriquecedor e os alunos se empenham com muito afinco. A população também participa e se tornou uma tradição no Bairro. Esse projeto tem

como nome: Feira Cultural e é realizado em meados de outubro e novembro.

Ao retornarmos as aulas presenciais em 2021, continuamos a realizar muitos projetos, no sentido de incentivar e buscar o interesse dos alunos. Muitos estavam desanimados, desmotivados e sem vontade de continuar os estudos. No início os projetos eram empolgantes por fazer uma relação com a cultura local e apesar de todos os esforços, não tivemos o retorno esperado. Até mesmo a Feira Cultural tão popular que era, não despertava mais o mesmo interesse.

Saindo da questão pedagógica e adentrando na parte administrativa recebi orientações tanto do corpo docente, quanto da comunidade escolar sobre cuidados e prevenções em relação aos assaltos, perseguições de alunos, furtos e perigos de um modo geral. Tive uma aluna nesse período que realizou um trabalho missionário e social muito relevante e significativo com os alunos e o bairro do Jardim ABC. Sua permanência no bairro foi em torno de 25 anos e sua mudança do bairro foi pelo fato do local ter se tornado insustentável, segundo ela devido a marginalidade e a violência. Haja vista, que prezava pela segurança de seus filhos, esposo e familiares. Ela revelou que durante o período em que estudou e residiu no local, houve uma enorme quantidade de jovens e adolescentes que foram brutalmente assassinados. Relatou também sobre os suicídios cometidos por seus ex-colegas de escola e o número de traficantes e usuários de drogas que conseguiram se restabelecer com seu trabalho social. Como essa aluna conviveu conosco na escola por um período de três anos, pude realmente constatar e até mesmo obter muitas vezes sua ajuda, pois na época havia pouco tempo que eu lecionava no local.

Ela informou-me também que o Bairro foi escolhido para exibição do filme *Faroeste Caboclo*, por reproduzir a criminalidade da Ceilândia (DF) nos anos 70, filme no qual retrata em partes a música da banda Legião Urbana. De acordo com TÔRRES, Iuri de Castro. (Folha de São Paulo – 2011):

Adaptar "Faroeste Caboclo" para o cinema não é fácil - afinal, Legião Urbana tem mais fãs cri-cris do que a série "Crepúsculo".

Para conseguir a façanha, os produtores precisaram fazer duas coisas: inventar personagens e achar uma locação que parecesse com a Ceilândia dos anos 70, onde João de Santo Cristo viveu.

Os novos personagens, garante o diretor René Sampaio, 37, só foram criados para que a história do quarteto principal, formado por João, Maria Lúcia, Jeremias e Pablo, ficasse mais coerente. Entre eles, há um policial corrupto

interpretado por Antônio Calloni e um senador, pai de Maria Lúcia (Marcos Paulo). Os produtores insistem que o filme "não é um clipe da música", ainda que alguns trechos fossem fortes demais para ficar de fora, como a chegada de João a Brasília, "bestificado com a cidade", a Rockonha e, é claro, o duelo final ideia é que os novos personagens e cenas ajudem a explicar passagens que não ficam claras na música. Por exemplo: como Maria Lúcia, menina rica, acaba se apaixonando por dois traficantes.

Já no que se refere à locação, o desafio era achar um lugar cheio de barracos em ruas de terra, como a Ceilândia de João, hoje a cidade mais populosa do Distrito Federal, solução: Jardim ABC, bairro pobre e violento da Cidade Ocidental (GO), bem na divisa com Brasília. Lá, a produção construiu um quarteirão cenográfico -desde a casa de João até a carpintaria onde ele tenta uma vida honesta- e mexeu com a rotina dos moradores. As amigas Francine, 15, e Viviane, 13, por exemplo, foram todos os dias à tarde, por três semanas, ver a atriz global Ísis Valverde. Elas nunca ouviram Legião Urbana ou foram ao cinema, mas conseguiram um autógrafo de Ísis. Já Renildo Bispo, 35, paraplégico após ser baleado há oito anos, alugou parte da sua casa para servir de camarim. Ganhou R\$ 500. "Não vou assistir ao filme porque sou crente, mas espero que faça sucesso." Nivaldo Araújo, 35, desempregado há três meses, arrumou um bico como figurante. Por um dia, ganhou R\$ 40. A produção do filme, ainda sem data de estreia, gastou R\$ 200 mil no Jardim ABC.

Diante de tudo o que foi exposto sobre a minha carreira no Bairro Jardim ABC, não poderia esquecer de finalizar com episódios, infelizmente desagradáveis, porém muito marcantes. Em 2014 houve algumas mortes de alunos da escola na qual trabalho, em consequência de suas participações em perseguições e disputas entre gangues. Essas disputas eram entre os jovens do Jardim ABC, juntamente com os de São Sebastião. Não conseguimos identificar quando surgiu a criação e a perpetuação dessa organização, nem o real motivo que levou a essa formação, no entanto precisaríamos refletir se a causa da exclusão, da desigualdade social e a falta de oportunidades entre outros, fizeram com que esses jovens em situação de vulnerabilidade fossem mais uma vez sucumbidos pelo gargalo da discriminação.

As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais. (MBEMBE, 2018, p. 23).

5.3 Ruínas Digitais e Fendas de Afeto: O Enfrentamento ao Epistemicídio no Cotidiano Escolar do DF

No cotidiano escolar do DF, corpos já não se tocavam. Os olhares se perderam e foram de encontro a uma superfície profunda e obscura. Os dedos dedilharam um frenesi compulsivo. As subjetividades foram aprisionadas por feeds infinitos. O ser dissolveu-se em dados. O afeto virou signo. O encontro transformou-se em impulso. O que restou foram ruínas digitais — fendas onde o humano afundou e extinguiu-se ontologicamente.

Em 2022 lecionei em uma escola do DF as disciplinas: Sociologia / trilha: Tecnologias e Inclusão Social. Havia pouco tempo que tínhamos retornado do período pandêmico e de quebra recebemos o pacote do Novo Ensino Médio com todos os requisitos e funções a serem cumpridos, sem nenhum convite oferecido pelo governo, para que nós professores dos chãos de escolas pudéssemos participar na formulação desse recente processo pedagógico. Atuei como professora temporária durante um ano, muito embora já lecionasse como efetiva do Estado de Goiás há quase vinte anos. Na verdade, foram tempos suficientes para notar tamanhas mudanças e incumbências. Além da adaptação com o Novo Ensino Médio e as disciplinas de trilhas correspondentes, nós professores fomos obrigados a lecionar sem nenhum tipo de experiência ao se tratar dos itinerários formativos. Tentamos amenizar buscando disciplinas mais condizentes com nossa formação, mesmo com o material insuficiente, inadequado e em falta. Foi uma luta constante e desafiante. Primeiramente por enfrentar uma outra realidade, haja vista que também trabalhava como professora efetiva no Estado de Goiás no período noturno. Dois contextos totalmente divergentes e não apenas relacionados aos turnos, mas principalmente decorrente de um estranhamento no qual não me reconhecia como docente em meio a um espaço que se tornou inóspito, escorregadio, movediço, e sobretudo perigoso, pois além de tudo tínhamos que enfrentar o vírus ainda em grande circulação. Senti muito perda e sob o jugo de pessoas que traziam em suas opiniões, convicções estabelecidas sobre o campo político, religioso, como cultural e científico; sem falar da quantidade de termos pejorativos, discriminatórios e de demais gêneros, direcionados até mesmo a minha pessoa. Comentei várias vezes o quanto as salas de aula

havam perdido seu espaço e se tornado a extensão da casa ou outro lugar, no sentido negativo da palavra, porque foi transformado em algo desregrado, desarmônico, conflituoso e repleto de problemas emocionais. A dificuldade e o despreparo do docente em solucionar diversas situações não inerentes as suas funções, ocasionaram em si maiores prejuízos emocionais e psíquicos, sem contar das sequelas e os traumas sofridos durante esse período considerado demasiadamente marcante.

Houve casos de alguns que insistiam em usar utensílios domésticos, como garrafas de café, refrigerantes, lanches, cobertores etc., durante as aulas e em qualquer momento. Não conseguiam cumprir os horários estipulados apesar de cientes e acostumados a seguir as regras do ambiente escolar. Uma espécie de anomia e liberdade sem precedentes, que acredito ser ocasionada em consequência do confinamento ou até mesmo um senso comum generalizado de não aceitação e recusa em seguir as medidas estipuladas durante a pandemia.

Percebi o quanto a ciência e o conhecimento foram negados em seus vários aspectos por uma polarização política reverberada de ideologia, crenças e visões pré-estabelecidas, sem contar também que ao incluir o medo e a incerteza decorrente dessa crise de saúde, houve uma grande fragilização psíquica.

Embora trabalhasse em duas escolas havia uma diferença, pois na escola no qual leciono há 13 anos ainda abriga discentes com características mais comunitárias, apesar de terem perdido essa particularidade consideravelmente.

Ao lecionar a trilha: Tecnologias e Inclusão Social no DF passei por um grande desafio. Os alunos não compreendiam a escassez de recursos tecnológicos, haja vista que estávamos em uma escola recém inaugurada. Foi preciso criar e comprar os mais variados equipamentos, dentre eles como, óculos virtuais e retroprojetores, devido as televisões e datas show serem insuficientes no local. Usamos a imaginação e juntamente com os alunos construímos diversos recursos com a utilização de materiais de papelaria e recicláveis, como a construção de óculos 3D para aplicação em um vídeo que simulasse uma montanha russa, a construção de um robô negro feito com papelão com características do Minecraft e com luzes led, utilização de acetato cortado em forma de pirâmide ou de outras figuras geométricas, para criar o efeito que projetasse vídeos de hologramas 3D, onde a imagem era refletida nessa superfície transparente, etc. Além do uso de diversas formas para entender essa

revolução tecnológica, ao assistirmos diversos filmes e documentários que retratassem essa realidade no sentido de propor sugestões de debates e reflexões, como o Dilema das Redes Sociais, Matrix etc.

Apesar de todo o esforço e recursos utilizados pela tecnologia educacional, tais materiais não foram suficientes para estimular e fazer entender os impactos e o uso excessivo que os aparelhos causavam. Vários debates e discussões foram feitos para alertar sobre os prejuízos que acarretavam ao desempenho acadêmico e a interação social. Essa concentração excessiva no próprio dispositivo tecnológico (celulares), em contraste com as oportunidades tecnológicas da sala de aula, só demonstrou o quanto é necessário dar importância ao desenvolvimento da maturidade, ao uso responsável desse instrumento para a aplicação de métodos pedagógicos eficazes ao uso da tecnologia de forma benéfica e ética.

Em outro contexto, na escola de Goiás, mesmo não trabalhando com trilhas ou a mesma do DF, também foram perceptíveis o uso constante de celulares em sala de aula. Mesmo com a proibição desse dispositivo ainda há muitas queixas de professores que ainda não conseguem convencer o aluno sobre essa prática excessiva. Seria necessário um trabalho em conjunto bem mais aprofundado, para entender o lado afetivo e emocional de cada um, no qual saliento regularmente aqui em meu trabalho de pesquisa.

Tentei realizar na época diversos projetos nessa escola do DF, porém foi permitido apenas um, diferentemente da escola em GO, no qual tinha ampla abertura. Organizei um projeto em parceria com um colega, chamado Fillipe Costa, no qual realiza trabalhos de inclusão muito significativos em Brasília. Seu projeto tem como tema: Eficientes – Arte e Cultura Inclusiva nas Escolas e tem como objetivo principal, contribuir para a valorização e a difusão da arte inclusiva, da acessibilidade cultural e da cultura Hip Hop no DF. Tem o intuito de buscar produções criadas por esse público, como também um empoderamento artístico, social e econômico dos artistas para gerar renda e inclusão social.

Figura 1 – Projeto Eficientes
Evento Cultural em defesa da Inclusão Social



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 2 – Projeto Consciência Negra
Evento Cultural: Em Defesa da Inclusão Social



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

5.4 Territórios de Aquilombamento: A Ontologia do Pertencimento no Jardim ABC e a Ancestralidade no Quilombo Mesquita

A cartografia da resistência no Entorno do Distrito Federal não se limita a coordenadas geográficas; ela se desenha na pele e na memória de quem habita os territórios de aquilombamento. No Jardim ABC, a negritude se manifesta como um gesto político de autodeclaração que desafia o apagamento urbano; no Quilombo Mesquita, ela se materializa na posse da terra e no saber artesanal do marmelo. Entre o 'ser' e o 'pertencer', este estudo propõe uma imersão nas tensões entre a ontologia fanoniana e a realidade material de comunidades que, em meio à especulação imobiliária e ao mercado, preservam no calor dos tachos a dignidade de sua ancestralidade

O Distrito de Jardim ABC, considerado o maior bairro da Cidade Ocidental, nasceu segundo a prefeitura da Cidade na década de 1960 quando loteamentos do Parque das Américas, Jardim ABC de Brasília e Jardim Satélite começaram na região. O Jardim ABC só foi inserido na estrutura político administrativa de Cidade Ocidental em dezembro de 1997, por meio da lei 212/97-A. Atualmente o distrito fica ao lado dos condomínios de alto padrão, como Alphaville, no Norte e Dahma, no sul.

De acordo com o Jornal: O grito (2024), a população atual do Jardim ABC é de aproximadamente 30 mil habitantes. A região provém de 03 escolas municipais, 01 posto de saúde, creche, base da Polícia Militar, SAMU, COD, quadra poliesportiva coberta, Feira do Produtor, dentre outros.

No que diz respeito a população preta, segundo o PMAD/2013, os maiores percentuais na época foram apontados em Valparaíso de Goiás, com 9,89%; Novo Gama (8,14%); e Santo Antônio do Descoberto (7,65%). Destacando que o Jardim ABC apresentou o maior índice quantitativo, pelo fato das pessoas se autodeclararem pretas, (22,80%).

Ao analisarmos esses dados significativos sob a ótica de Fanon (2008), em sua obra, *Pele negra, máscaras brancas*, percebemos como o sistema colonial opera uma imposição alienante sobre o sujeito. Muitas vezes, os negros são impulsionados a negar a própria identidade em busca de aceitação em estruturas pautadas pela branquitude. Na mesma direção, Nascimento (2019) reforça que o racismo no

Brasil extrapola a agressão física ou a exclusão econômica; ele revela que há um mecanismo enganoso de genocídio cultural que visa convencer o negro de sua própria inexistência, enquanto sujeito histórico-cultural. Trata-se de um movimento de imposição ao 'embranquecimento' que ataca a raiz da subjetividade e fragmenta o Ser para garantir a aceitação social. A intenção final é uma manobra de dominação que transmuta a potência do Ser em alvo de diagnóstico clínico e instrumento de invisibilidade social.

No caso do Jardim ABC, esse conceito de alienação toma um rumo distinto, dada a expressiva autodeclaração da negritude em território de vulnerabilidade. Podemos interpretar essa postura como um movimento de negação à branquitude e de resistência subjetiva. Resistir subjetivamente significa, portanto, operar um processo de desalienação fenomenológica frente às tentativas de apagamento; é o momento em que o sujeito recupera a própria imagem, retirando a máscara que lhe foi imputada pelo sistema colonial.

Ao autodeclarar-se e afirmar-se preto no contexto da 'Zona de Não-ser', o sujeito rompe, conforme Fanon (2008), com o complexo de inferioridade reproduzido pelo estigma da colonialidade. Portanto, o ato da autodeclaração constitui um gesto político de reexistência e de afirmação da identidade e da humanidade diante de uma estrutura que historicamente objetifica a vida negra.

Ao realinharmos essa estrutura objetificante da vida negra sob um viés interpretativo, percebe-se que este fenômeno de afirmação identitária também se reflete no cotidiano escolar. A observação participante, realizada em sala de aula e na comunidade escolar, confirma que os dados do PMAD (2017) não são apenas números frios, mas representam a vivacidade de uma população que — apesar dos fluxos migratórios vindos majoritariamente da Bahia (16,94%), Minas Gerais (13,82%) e Piauí (5,38%) — mantém o pertencimento racial como um pilar de sua constituição social na Cidade Ocidental.

No que tange à migração, o estudo da PMAD (2017) sobre a naturalidade por distrito indica que o Jardim ABC apresentava, antes da pandemia, uma maioria populacional oriunda de outras Unidades da Federação (84,93%), com ênfase na Bahia (16,94%), Minas Gerais (13,82%) e Piauí (5,38%).

Tanto em relação à cor quanto ao fator migratório, os dados mencionados re-

afirmam a realidade local, evidenciando que o pertencimento racial é um fator estruturante da Cidade Ocidental. A prática docente e o contato direto com os discentes são também corroborados por esses índices, os quais demonstram que a migração e a afirmação da cor constituem elementos indissociáveis da subjetividade local.

Quanto ao Quilombo Mesquita e sua história, constatou-se tratar de uma Comunidade Remanescente localizada a oito quilômetros da sede do município de Cidade Ocidental, no estado de Goiás, conforme informações da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, [s.d.]). O Quilombo situa-se próximo a Luziânia (24 km), Brasília (45 km) e Goiânia (190 km). Segundo Abreu (apud FIOCRUZ, 2009), a população local possui cerca de três mil habitantes, sendo em sua maioria (90%) composta por pessoas negras. A região tem em sua origem um vínculo direto com a exploração de ouro e o sistema escravista do século XVIII, período em que houve o aumento populacional e a formação do Arraial de Santa Luzia, atual Luziânia.

Por conseguinte, a historiadora Anjos (apud FIOCRUZ, 2006) relata que a exploração aurífera foi breve, devido à insuficiência do mineral, resultando, ao final do século XVIII, na formação da comunidade negra rural. A localização e a persistência desta comunidade no território dialogam com as definições de Fanon (1968), ao dizer que a posse da terra é a condição crucial para a recuperação da dignidade e da soberania de um povo historicamente silenciado e submetido ao regime colonial. O autor elucida que o território não é apenas um espaço geográfico, mas o palco fundamental para a reconstrução da identidade negra."

Uma pesquisa realizada por Ivanise dos Santos (Fundação Rio Cruz, s/d), a história de fundação da comunidade de Mesquita originou-se a partir da doação das terras de uma fazenda que possuía cerca de 2.700 hectares pelo português, João Manoel Mesquita. Os moradores da região informaram que João Manoel Mesquita fez a doação desta propriedade a três escravas alforriadas.

Baseado nas histórias contadas pelos moradores, a pesquisadora Ivanise dos Santos mencionou também que os escravos foram obrigados a trabalhar nos marmelais de João Manoel Mesquita. Com a aquisição das terras da fazenda Mesquita, a comunidade negra rural foi sendo formada de acordo com as relações de parentesco dando, por conseguinte a continuidade ao cultivo dos marmelais. Ivanise dos Santos noticiou que no ano de 1970, com a construção da cidade de Brasília e a

fundação de um novo núcleo populacional que pertencia à Luziânia, criou-se posteriormente a Cidade Ocidental e após a essa mudança a comunidade passou a sofrer diversas influências e impactos geográficos.

Os efeitos gerados com a urbanização provocaram desinteresse das gerações seguintes ao realizar os trabalhos desenvolvidos na terra por seus antepassados. A pesquisadora confirmou que os principais problemas enfrentados pela comunidade são em consequência às pressões externas que sofrem a respeito de suas terras. Suelen dos Anjos (Fundação Rio Cruz, 2006) adverte que os principais obstáculos gerados, são resultantes da compra de terras voltadas para o latifúndio monocultor e a especulação da terra. Ela realçou que a compra tinha como objetivo destinar a futuras construções de condomínios.

Ivanise (apud FIOCRUZ, [s.d.]) retifica que diversas terras eram herança desses povos e foram vendidas para os fazendeiros da região e negociadas com baixo custo. Outras foram ilegalmente apropriadas e motivaram a ação de especuladores imobiliários onde se estendeu por toda a comunidade. Um relato intrigante foi a de uma senhora chamada, Antônia Pereira Braga ao ser citada no jornal Correio Brasileiro em (24/01/2010). Ela revelou que assinou um documento informando que receberia R\$ 12 mil reais, mas, na realidade recebeu apenas R\$ 2 mil reais. Na época da reportagem, dona Antônia mostrou que em frente à sua casa havia uma grande propriedade cercada, provavelmente por um desses especuladores. Dona Antônia e Vicentina Pereira ao participarem da reportagem disseram sonhar em um dia ter suas terras novamente, após a regularização do governo. Ivanise concluiu que a possibilidade de as terras serem regularizadas por meio da titulação, enquanto quilombola impactou negativamente no processo histórico, pois além de haver um parcelamento territorial transformou em uma atribuição negativa a respeito de sua negritude. Durante esse processo foi criada uma Associação Renovadora dos Moradores e Amigos do Mesquita (AREME), no qual Sandra Pereira Braga assumiu como líder.

Com base no Decreto nº 4.887 (BRASIL, 2003), citado pela Fiocruz ([s.d.]), são considerados remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais que se auto atribuírem e possuírem trajetória histórica própria, no que concerne as relações territoriais específicas e as pretensões de ancestralidade negra como no caso a resistência à opressão histórica sofrida.

Até então a comunidade negra rural de Mesquita passou a ser considerada pela FCP (Fundação Cultural Palmares) em 19 de maio de 2006, conforme certidão, a autodefinição de Remanescente de Quilombo. E em 09 de abril de 2009, a Superintendência Regional do INCRA do Distrito Federal e Entorno publicou no Diário Oficial da União e no Diário Oficial de Goiás, a tramitação do Processo Administrativo de identificação e delimitação da área de 4,2 mil hectares da Comunidade Remanescente de Quilombo Mesquita, cuja identificação encontra-se sob nº 54700.001261/2006-82.

Mesmo após essas conquistas da comunidade de Mesquita, ainda há muita morosidade em relação ao processo de reconhecimento e mediante a isso, aumenta cada vez mais as tensões e os conflitos sobre a posse de terra na região. A presidente da AREME, Sandra Pereira Braga e líder do quilombo ao ser entrevistada na reportagem com o Correio Braziliense (11/08/2010), afirmou que em agosto de 2009, a Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Goiás (SEMAR/GO), concedeu licença de exploração florestal de 84 hectares da área reivindicada pelos quilombolas de Mesquita.

A comunidade de Mesquita vive em constate luta pela defesa de seus direitos às terras e sua cultura. Os descendentes de escravos de Mesquita enfrentam atualmente fortes pressões sobre seus territórios por ações voltadas à especulação imobiliária e à grilagem de terras desde a década de 1970. Ainda são intensas as questões de racismo, preconceito e a desigualdade social. Mesmo avançando com a conquista de direitos por conta dos artigos 215 e 216 da Constituição de 1988 e o artigo 68 do ADCT, o processo de regularização dos territórios quilombolas foi moroso e dificultou a garantia dos direitos territoriais. Embora exista uma sentença histórica de julho de 2025, determinando a conclusão imediata da titulação, a comunidade teve seu território oficialmente reconhecido pelo INCRA em dezembro de 2025. Mesmo diante disso, a persistência de especulações territoriais e a impunidade de invasores continuam a desafiar a segurança jurídica e a integridade do Quilombo.

Realizei uma observação participante durante o festejo dos 279 anos do território em 25/05/2025. A festa reuniu aproximadamente 100 pessoas, dentre elas: povos da comunidade, pesquisadores e professores da UNB, profissionais da Universidade Afrolatinas e demais professores da região. O local do evento era muito

agradável, sem falar da hospitalidade das pessoas. Havia palcos com apresentações de músicas, além de brincadeiras e barracas de artesanatos com produtos produzidos e retirados da natureza na região, como o famoso marmelo. Houve um almoço e em seguida a comemoração com um grande bolo de aniversário. As pessoas da comunidade mostravam sociabilidade, receptividade e uma educação incomum. A líder do Quilombo e coordenadora executiva da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), Sandra Braga falou-me a respeito das dificuldades que têm enfrentado para manter o território. Disse que sofre constantes ameaças, dentre elas, como ameaça de morte por parte das autoridades e invasores de terras. Ela inclusive no dia do evento veio acompanhada por um segurança. Declarou também que no local há uma escola municipal, cujo nome: Escola Municipal Aleixo Pereira Braga I, leva o nome em homenagem ao seu avô. Essa escola atende as séries iniciais do 1º ao 5º ano. Em seguida entrevistei uma outra pessoa que lecionava nessa escola, porém não quis se identificar. Alegou que muitos docentes foram proibidos de falar sobre a questão quilombola, só mencionavam os concursados, caso contrário poderiam sofrer sanções. Uma segunda escola situada no Jardim ABC, no qual leciono no período noturno, atende os alunos no diurno do 6º ao 9º ano. A escola tinha o mesmo nome do avô da líder quilombola, porém foi modificado para Colégio Municipal Albino Batista e a líder nunca compreendeu o real motivo da mudança.

Logo em seguida irei relatar minha experiência em uma das maiores festas que ocorrem no Quilombo Mesquita. Deixando claro que minha intenção não é de julgamento frente as escolhas comerciais da comunidade, mas fazer uma análise do ponto de vista filosófico, no qual faz identificar uma tensão inevitável entre a lógica do mercado e a preservação dos valores ancestrais.

Em 11 de janeiro de 2026, participei da 24ª edição da Festa do Marmelo do Quilombo Mesquita da Cidade Ocidental-GO. Nesse evento, reuniram-se moradores de todo o entorno, além de Luziânia e Cidade Ocidental. Por ser próxima a Brasília, houve uma quantidade significativa de turistas do Distrito Federal, inclusive conheci uma senhora que informou-me fazer parte de um ônibus fretado, proveniente da Ceilândia. Seu intuito era conhecer a gastronomia e a cultura quilombola. Observei e constatei que os moradores realmente celebram com alegria e devoção o fruto que

produzem na região. Consideram uma dádiva divina e, como retribuição, arrecadam recursos para a construção e reforma da Igreja de Nossa Senhora da Abadia. Havia muitas barracas e a população vendia, além do doce do Marmelo, o açafrão, queijo, uma variedade de licores, pequi e produtos extraídos da terra. As outras barracas comercializavam alimentos, bebidas e artefatos industrializados. No que diz respeito às vendas, acredito que o lucro maior era destinado ao vendedor e ele pagava apenas uma taxa para a ocupação do local. Durante o evento, houve um leilão, no qual foram vendidos porcos, galinhas caipiras, produtos derivados do marmelo, bezerro, ovos caipiras; enfim, produtos doados pelos próprios moradores e produtores, pertencentes à agropecuária e à agricultura familiar. O leilão fez parte central da tradição da festa e funcionou como meio de angariar fundos para a manutenção da igreja e para o apoio às atividades da comunidade religiosa. A festa contou com a participação de autoridades estaduais e municipais e, para ajudar na visibilidade de visitantes externos, ocorreu uma ampla cobertura da imprensa regional (TV Anhangueira).

Anteriormente a essas atrações, realizou-se uma Missa solene na Capela Nossa Senhora da Abadia, lotando o salão paroquial. O almoço comunitário aconteceu durante a festa e tinha um custo irrisório de R\$ 20,00. Segundo informações, os itens para a preparação eram advindos de doações. O prato era composto por: arroz, feijão, mandioca, gueiroba, conserva de berinjela, salada de alface e tomate, macarrão, peixe, carne e frango. Muitos como eu, precisaram levar a refeição em marmitas de isopor, pois não havia mesas e cadeiras disponíveis. A parte mais interessante foi observar senhores preparando o doce de marmelo na hora em um tacho de cobre. Dois revezavam para mexer o doce e mais dois distribuíam os doces em pequenos copos descartáveis (semelhantes aos de café), para uma degustação gratuita e à vontade. O que mais me cativou foi comentar com esses marmeleiros sobre a dificuldade de prepararem o doce em um clima tão quente, sem deixarem de explicar o processo artesanal, que vai desde o plantio até o preparo no tacho de cobre. Demonstraram muita atenção e acolhimento e tinham no olhar muita generosidade, decorrente da preservação de seus costumes e valores ancestrais. Nesse espaço, embora em um quilombo de economia solidária e cooperativista, observei aspectos semelhantes à lógica do ter, do mercado e do consumo, manifestados em feiras e

leilões frequentados por um público externo. Existia um fluxo grande de pessoas, muitas vezes distantes do verdadeiro espírito da festa: a gratidão pelo fruto advindo da terra. Porém, o calor daquele tachó e dos marmeleiros reacendeu, naquele pequeno espaço, um aquilombamento afrofilosófico, fortalecido pela culinária do marmelo.

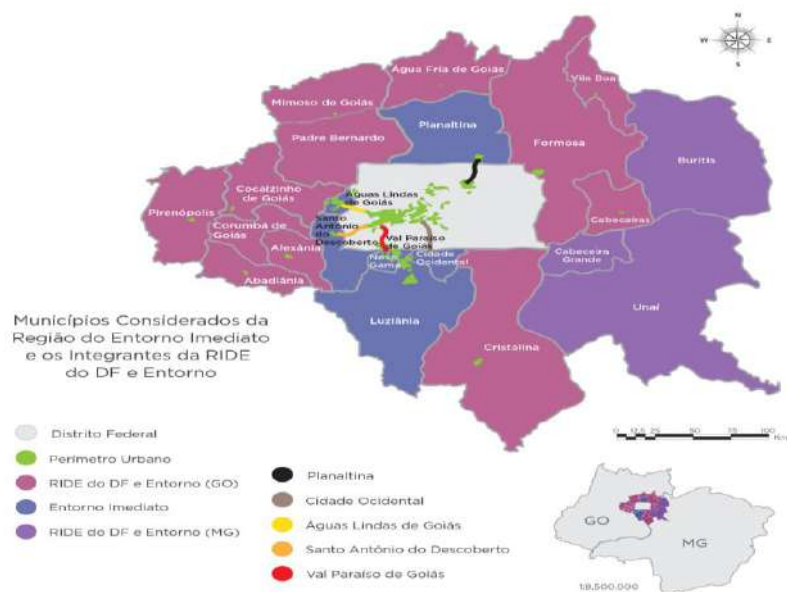
A cena observada na Festa do Marmelo revela que o conflito vivido pela comunidade não é apenas territorial ou econômico, mas ontológico. De um lado, manifesta-se a racionalidade mercantil, orientada pela lógica do acúmulo e da visibilidade; de outro, a racionalidade relacional do aquilombamento, sustentada pela partilha, pela memória e pela reciprocidade. O território, portanto, configura-se como espaço de disputa entre regimes de ordenação do mundo, nos quais a permanência da comunidade depende não apenas da titulação jurídica da terra, mas da preservação de sua matriz civilizatória.

Figura 11 – Marmeleiros do Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 12: Mapa da RIDE do DF e Entorno



Fonte: AGUIAR (2018)

6 ATIVIDADES REALIZADAS

6.1 Metodologia da pesquisa-ação

Os métodos planejados e os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados da pesquisa seguiram uma abordagem qualitativa, com características de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), envolvendo alunos jovens, adultos e idosos do Colégio Estadual José Abílio, em Goiás. O projeto culminou no evento: *"Nossas Heranças: A Filosofia Africana, A Ancestralidade e o Antigo Egito"*. O objetivo central foi fortalecer a cultura local e as filosofias africanas dos povos do Quilombo Mesquita – Cidade Ocidental – GO.

A investigação foi qualitativa, descritiva e exploratória, configurando-se como estudo de campo. Buscou-se proporcionar proximidade com o fenômeno para torná-lo mais explícito, possibilitando o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições. Tal caráter flexível permitiu considerar variados ângulos do objeto estudado, promovendo a ressignificação da identidade pessoal frente aos impactos do confinamento social. Essa observação justifica-se por uma realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com o universo de significados, éticas filosóficas e atitudes — um espaço profundo das relações humanas, especificamente a atitude ubuntuísta proposta nesta pesquisa. O campo de estudo abrangeu alunos do ensino médio de uma escola pública no Jardim ABC, Cidade Ocidental (GO), contando com mais de 30 participantes colaboradores, entre jovens, adultos e idosos.

6.2 Planejamento e Referencial Teórico

As sequências didáticas foram inicialmente planejadas para atuar de forma ativa, construtiva e voltada à realidade do bairro. Foram baseadas em situações-problema e divididas em dois momentos detalhados (uso de textos de Davis, Klein, Diop, Bispo e a música de Candeia). No entanto, a execução desse plano pedagógico integral sofreu limitações, devido a percalços operacionais da escola no que tan-

ge a restrições de tempo e o avançar do calendário de final de semestre, exigindo adaptações na abordagem para garantir a finalização do projeto.

6.3 Procedimentos de Execução e Coleta de Dados

Os procedimentos executados incluíram entrevistas não estruturadas (relatos sobre a pandemia), aulas expositivas dialogadas e observação participante durante as oficinas de artefatos africanos, como máscaras e cartazes. Como instrumento adicional de intervenção e sensibilização, o professor utilizou fotografias pessoais da África do Sul realizada em 1999, como recurso visual para ilustrar a diversidade e a beleza do continente africano.

O universo de estudo abrangeu a comunidade escolar e membros do Quilombo Mesquita. E uma observação pertinente foi concluir que o uso do celular durante as aulas, apesar da legislação vigente, foi registrado como um dado comportamental relevante.

A abordagem do projeto ocorreu de forma transdisciplinar, visando o protagonismo dos alunos no qual foram realizadas:

- Pesquisa e debates: Os alunos, divididos em grupos, realizaram pesquisas sobre a filosofia africana Ubuntu, o Egito Antigo (Kemet, Ma'at) e a diáspora africana. Os resultados foram apresentados em debates e rodas de conversa;
- Oficinas artísticas: Nas aulas de Artes, os estudantes criaram murais e artefatos, de símbolos egípcios e outras produções que valorizasse a cultura negra. Esses trabalhos foram expostos em murais centrais e em diferentes áreas da escola, transformando o ambiente em um espaço de diálogo com a comunidade;
- Análise textual e discursiva: Em Língua Portuguesa, analisou-se textos, poesias e músicas de autores negros. A partir dessa análise, os alunos produziram textos autorais e materiais visuais para a culminância;
- Estudo de caso e contextualização: Em História e Sociologia, a discussão sobre o Egito Antigo irá além dos fatos, contextualizando sua importância no cenário africano. Os temas foram sobre o racismo institucional, epistemicídio, a influên-

cia da escravização no Brasil e a importância do cumprimento da lei 10.639, no que tange principalmente ao não apagamento das histórias e culturas africanas.

6.4 Cronograma do Projeto

Semana 1 (29/10 - 05/11): Introdução e pesquisa

- Dia 29/10: Apresentação do projeto aos alunos e divisão dos grupos.
- Dias 30/10 - 05/11: Início das pesquisas em grupos sobre filosofia africana Ubuntu e a civilização de Kemet. Discussão em sala de aula sobre a legislação que embasa o projeto.
- Semana 2 (06/11 - 12/11): Desenvolvimento e produção
- Dia 06/11: Início das oficinas de Artes e da produção de textos e poesias em Língua Portuguesa.
- Dias 07/11 - 12/11: Aprofundamento dos estudos sobre a diáspora africana e a cultura afro-brasileira. Desenvolvimento dos painéis, murais e outros materiais artísticos para a culminância.
- Semana 3 (13/11 - 19/11): Preparação e culminância
- Dia 13/11: Ensaios das apresentações
- Dias 14/11 - 18/11: Montagem da mostra cultural na escola.
- Dia 19/11: Culminância do projeto.

6.5 Recursos (materiais e humanos)

Recursos materiais: Materiais de papelaria (cartolinas, papel, balões, canetas etc.), materiais artísticos (tintas, pincéis etc.), equipamento de áudio e vídeo para as palestras e apresentações.

Recursos humanos: Equipe pedagógica, professores colaboradores, artistas e especialistas externos convidados para palestras.

6.6 Culminância (detalhada)

A culminância do projeto foi um evento interativo com o público convidado no dia 19 de novembro de 2025.

Mostra Cultural: Exposição dos painéis, maquetes, artefatos egípcios e africanos produzidos pelos alunos. O público convidado poderá interagir com os trabalhos e com os estudantes, que explicarão o que aprenderam.

Ciclo de Palestras e apresentações artísticas: participação de artistas, ativistas e acadêmicos convidados para aprofundar e contextualizar a filosofia africana ubuntu, a herança egípcia, a diáspora africana e a história dos Quilombos.

Apresentações Artísticas: Os alunos apresentaram performances de música, capoeira, além de recitar poesias e contar histórias que exaltem a cultura afro-brasileira.

6.7 Avaliação

A avaliação do projeto será um processo contínuo e formativo, que resgate o senso coletivo na aprendizagem ao propiciar um envolvimento pleno e não-mecanizado dos estudantes. Além de acompanhar o processo de aprendizagem, a avaliação buscará apurar o impacto do projeto na desconstrução do racismo e na valorização da identidade por meio de observações e anotações realizadas durante a aprendizagem. O objetivo é registrar e valorizar os avanços individuais e coletivos, respeitando as peculiaridades e afinidades de cada aluno.

6.8 Resultados e Discussão

Ao apresentar os resultados obtidos de forma clara e organizada, eles são descritos e relacionados com o referencial teórico e as atividades práticas realizadas. Os resultados indicaram uma dicotomia significativa nas experiências geracionais durante a pandemia. Os jovens relataram predominantemente o refúgio em redes sociais e jogos, manifestando, inclusive, o vício em celulares durante as aulas, o

que corrobora a discussão sobre o capitalismo digital (Klein, 2008). Em contraste, os adultos e idosos relataram mais pelas perdas afetivas e preocupações financeiras (Tabela 1).

Tabela 1 – Foco dos Relatos dos Alunos sobre a Pandemia por Faixa Etária

Faixa Etária	Quantidade de relatos	Pontos principais	Análise curta
Jovens (15-20)	18	Mídias digitais, jogos, TED, vídeos	Refúgio nas telas
Adultos (21-59)	10	Luto, perdas, finanças	Peso da realidade
Idosos (60+)	05	Luto, solidão, saudades	Dor fora das telas

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As oficinas de máscaras, cartazes, apresentação final do projeto como um percurso das “Pirâmides ao Quilombo”, e a capoeira serviram para fortalecer a Ancestralidade. Evidenciou-se um alto engajamento prático, apesar do tempo reduzido para a execução. Um dado relevante foi o interesse espontâneo de alunos da rede municipal, que, embora não fizessem parte do público-alvo inicial da escola estadual, ficaram entusiasmados pelo contato visual com as iconografias das dinastias faraônicas presentes na obra de Diop (2025). Integraram-se ativamente ao conteúdo programático. Foi fundamental observar que a intervenção pedagógica ocorreu em uma unidade de ensino que adota o modelo de gestão militarizada no turno diurno. O expressivo engajamento dos alunos do ensino fundamental, bem como o acolhimento entusiasta por parte da direção e coordenação, demonstra a viabilidade da confluência (Bispo) entre a disciplina normativa e a ética do cuidado Ubuntuísta. Amparado pela Lei 10.639/03, o projeto provou que a restituição da ancestralidade atende a uma necessidade de pertencimento que transcende modelos de gestão, consolidando-se como uma biotecnologia social de acolhimento e paz.

Na prática de sala de aula com os alunos da rede estadual, as atividades envolveram ainda as fotografias da África do Sul, a conexão com o Quilombo Mesquita e o estudo aprofundado da obra: *Nações Negras e Cultura*.

Os resultados foram analisados criticamente e relacionados ao referencial teórico e aos objetivos da pesquisa. Foram discutidas possíveis implicações, limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas.

Tabela 2 – Principais Resultados Observados Após a Aplicação do Projeto Aquilombamento Afrofilosófico (2025)

Atividade / Intervenção	Participantes (aprox.)	Impacto Principal Observado	Relato Representativo (aluno/comunidade)
Oficinas de pesquisa e debates sobre Kemet / Ubuntu	25	Engajamento ativo e valorização ancestral	“Nunca imaginei que a filosofia viesse da gente também” (1EJA)
Confecção de murais e painéis artísticos	15	Colaboração em grupo e orgulho em realizar um trabalho ancestral.	“O mural com o faraó, as máscaras, as pirâmides de papelão e o painel gigante do adorno do faraó nos deixaram muito felizes” (aluno- 14 anos)
Roda de capoeira e apresentações culturais	10	Entusiasmo em realizar e valorizar a capoeira da cultura afro-brasileira	“Capoeira nos faz sentir empoderados” (alunos do Ensino Regular, Eja e jovens da comunidade)

Culminância (mostra cultural 19/11/2025)	60	Motivação coletiva e restauração do senso comunitário durante o projeto.	“Hoje sei o quanto minha história é importante.” (mãe de aluno).
--	----	--	---

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

6.9 Roteiro da Apresentação: Das Pirâmides ao Quilombo – A força da Nossa Ancestralidade

Duração: 20 minutos

Parte 1: Agradecimentos (2 minutos)

Boa noite, comunidade, escolar! Antes de começar, gostaria de agradecer especialmente àqueles que tornaram este projeto possível: Euzébio, João, Luidson, Mariquinha, Vera, a todos os professores e alunos, e em especial ao Gil e colegas do Município. A união de vocês é fundamental e é a prova viva do Ubuntu que vamos falar hoje.

Parte 2: Abertura (3 minutos)

Estamos acostumados a começar a história africana mostrando sofrimento, dor, escravidão, imagens de navios negreiros, senzala etc. Porém, hoje, eu convido vocês a viajarem milhares de anos no tempo, para antes de qualquer grito de opressão. É importante conhecermos, valorizarmos e sentirmos orgulho de nossas culturas. Para isso é fundamental lembrarmos antes de tudo a respeito da Lei nº 10.639/03, pois ela não está mais somente no papel, é a prova viva do nosso ensino de História e Cultura Afro-brasileira.

Parte 3: Introdução ao Antigo Egito e Cheikh Anta Diop (3 minutos)

Vamos fazer uma viagem ao vale do Rio Nilo, para Kemet – a 'Terra Negra'. Nesse local as civilizações ergueram pirâmides que desafiaram o tempo. Lá foram criados a escrita, a matemática, a arte sofisticada. O historiador senegalês Cheikh Anta Diop o qual dedicou sua vida a provar e comprovar algo, que muitos tentaram apagar e negar. Vocês olharam, observaram e sentiram nesse painel aqui exposto tudo o que ele tentou dizer. Uma civilização ancestral negra e africana, cuja raízes e origens foram importantíssimas para a humanidade. Essa é a nossa verdadeira origem: não a submissão, mas a criação. É nessa força que construiu o Egito, que temos essa mesma energia que pulsa hoje, aqui, no Quilombo Mesquita, em Goiás que conectaremos a seguir.

Parte 4: Ancestralidade e Filosofias Africanas + MÚSICA (5 minutos)

“A Ancestralidade não se resume apenas ao ato de lembrarmos dos avós e descendentes. É entender que a inteligência que construiu aquelas pirâmides é a mesma inteligência que permitiu ao povo quilombola do Mesquita manter sua comunidade de pé por quase 300 anos, resistindo a todas as pressões.” Para ilustrar essa africanidade temos a música que conecta com a força que vem do Nilo e se aproxima de nós. Vou falar ou cantar um hino que atinge a nossa consciência. A letra diz: 'Negro, o seu canto, o seu toque, o seu sangue e a sua raça... Faraó divindade infinita do universo, poder, família real, negro poder!'

Parte 5: As Filosofias Africanas e a essência do Quilombo (2 minutos)

No Egito antigo, existia a ética de Ma'at que significava: verdade, equilíbrio, justiça e esses princípios regiam a vida. Essa relação tem uma conexão com a Filosofia Africana chamada de Ubuntu. O Ubuntu nos ensina que a comunidade está em mim em conexão com os outros. Ser coletivo, não quer dizer se anular ao estar junto com os demais. A realização de uma pessoa é correlacionada ao êxito da comunidade como um todo. O Quilombo Mesquita traz a vivência disso. Vocês vivem o Ubuntu na práti-

ca, de uma forma que o mundo 'lá fora', individualista e egóico, esqueceu. É uma herança cultural preciosa que todos nós, quilombolas ou não, devemos valorizar e enaltecer.

Parte 6: A Resistência Viva de Zumbi e Dandara (3 minutos)

O Egito (Kemet) trouxe a resistência encarnada para o nosso país quando Zumbi dos Palmares tornou-se líder do maior quilombo das Américas. Mas ele não estava sozinho e ao seu lado havia uma liderança feminina chamada Dandara, sua esposa. Dandara era uma grande guerreira, capoeirista, estrategista e mãe. Ela lutou como todos os homens e foi fundamental nas decisões políticas e militares de Palmares. Uma mulher forte que lutou pela liberdade tanto de homens negros, quanto mulheres negras. Dandara e Zumbi mostram que a luta por igualdade e a resistência estão enraizadas na nossa história africana e quilombola. A luta de Zumbi e Dandara por Palmares é a mesma luta do Mesquita, pois em Palmares houve resistência diante da opressão, da mesma forma que tentam apagar a identidade quilombola hoje, ao quererem tomar as terras e desvalorizar a cultura. Zumbi e Dandara nos diriam: - Alunos do Mesquita: vocês são os guardiões desse legado ancestral e os não-quilombolas: - vocês são os testemunhos desta memória viva para manter a justiça e o reconhecimento.

Parte 7: A Consciência Negra (2 minutos)

A união de Kemet, Palmares, Dandara, Zumbi e Mesquita nesse dia 20 de novembro serve para despertar em nossa mente e coração a importância de nossas origens e nossa capacidade de superação que enfrentamos durante séculos. Ser conscientemente negro(a) é carregar no peito o selo de nossa história e saberes que atravessaram gerações. Tenham em mente que a Educação é o alicerce de toda a resistência e preservação da cultura. Sejam aliados e agentes de mudança e que nunca esqueçamos os nossos ancestrais, sejam eles reconhecidos ou anônimos, mas de grande importância para lembrar e celebrar esse grande triunfo que é a nossa existência.

6.10 Projeto Pedagógico da Consciência Negra

Identificação do Projeto

Tema: Nossas Heranças: a Filosofia Africana, a Ancestralidade e o Egito Antigo.

Tempo de execução: 29/10 a 19/11/2025.

Culminância: 19 de novembro de 2025. Direção: Euzébio Gomes de Menezes.

Coordenação pedagógica: Rosimeire Lourenço Fontenele.

Professores colaboradores: Professores do Ensino Médio e Fundamental.

Objetivos

Objetivo geral: Sugerir um projeto pedagógico que resgate uma atitude ubuntuísta ao ensino de filosofia. Por meio de ações e abordagens das contribuições intelectuais da rica herança filosófica dos povos africanos, como o Antigo Egito (Kemet) e seu legado, combateremos uma visão eurocêntrica para reconhecer a verdadeira história do povo negro e sua filosofia. Esse berço intelectual africano servirá para distinguir e entender a permanência e importância desses saberes ancestrais e da resistência cultural do Quilombo Mesquita.

Objetivos específicos:

- Compreender, reconhecer e valorizar as filosofias africanas, combatendo o epistemicídio algoritmizado e a anulação de saberes, destacando temas como o Ubuntu e a ética africana.
- Conhecer e investigar a filosofia e a cultura do antigo Egito (Kemet), como o conceito de Ma'at (justiça, verdade, ordem), e sua influência em outras civilizações.
- Evidenciar as conexões ancestrais e a continuidade filosófica entre o Antigo Egito (Kemet) e as vivências contemporâneas do Quilombo Mesquita, estabelecendo um fluxo de saber constante.

- Vivificar a valorização da identidade e da ancestralidade entre estudantes afrodescendentes, oferecendo uma narrativa histórica que destaque o protagonismo africano.
- Combater o racismo e o preconceito, fomentando o respeito à diversidade e às relações étnico-raciais na educação básica, conforme determina a Lei nº 10.639/03.

Justificativa

Este projeto fundamenta-se na necessidade vital de colocar em prática a legislação brasileira (Lei nº 10.639/03). A maior finalidade é o combate direto com uma lacuna histórica que não apenas negligencia, mas silencia ativamente as contribuições africanas para o nosso país e para a humanidade. Ao conectar as filosofias africanas com a herança do Antigo Egito (Kemet), o projeto oferece uma narrativa descolonizada que desafia o pensamento eurocêntrico. Mais do que enriquecer o currículo, essa abordagem visa a restauração da identidade e da autoestima de estudantes afrodescendentes, apresentando filosofias e formas de conhecimento que rompem com os paradigmas ocidentais e combatem o epistemicídio algoritmizado, que tentamos revelar no cenário digital de 2026.

6.11 Registros Fotográficos e Materiais de Apoio (integrados)

Como evidência das intervenções e vivências afrofilosóficas, seguem registros fotográficos selecionados:

**Foto 13 - Aurene Santarém Ventura da Silva – Líder Comunitária
Bairro- Jardim ABC (2025)**



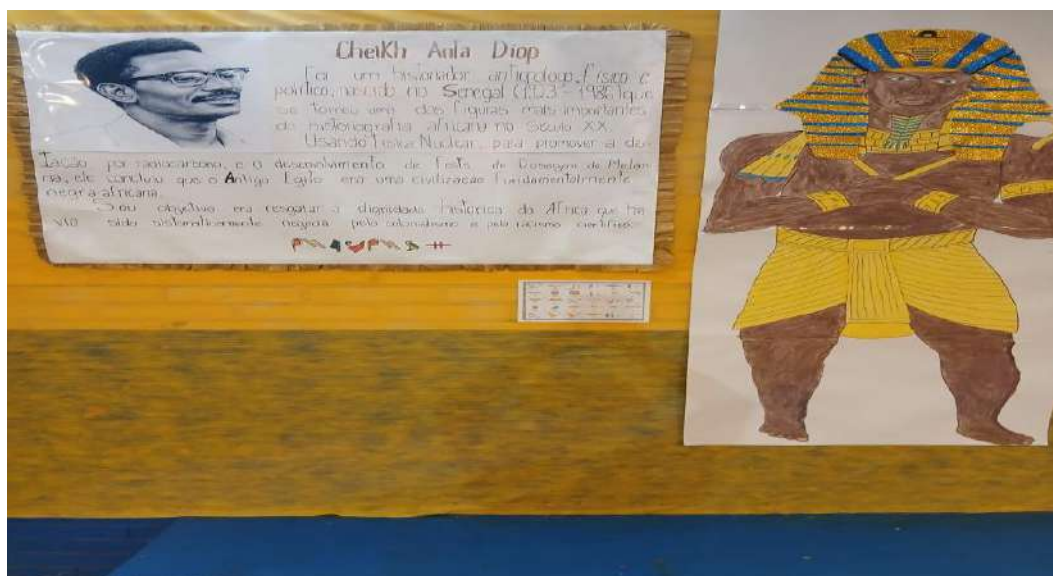
Fonte: Acervo pessoal da autora, com autorização de uso de imagem

Figura 14 – Painel do Faraó e histórias dos povos de Kemit (terra negra)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 15 – Biografia escrita de Cheikh Anta Diop por um aluno do Ensino Fundamental e desenho de um faraó negro



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 16 – Confecção de máscaras africanas com papelão



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

**Figura 17 – Alunos da Educação de Jovens e Adultos
(aula sobre Cheikh Anta Diop)**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 18 – Alunos do Ensino Regular - Uso constante do celular



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 19 – Desenhos de pessoas negras no cenário mundial – Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 20 – Alunos e Comunidade do Jardim ABC e Quilombo Mesquita participando do Projeto



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 21 - Alunos, Comunidade do Jardim ABC e Quilombo Mesquita participando do Projeto



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 22- Palestrante falando sobre a História e a Cultura do Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 23 – Ex aluno do Colégio Estadual José Albino falando sobre a história da capoeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 24 – Alunos e Comunidade jogando capoeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 25 – Roda de Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 26 – Professores e Funcionários Administrativos - G.O.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

**Figura 27 - Registro da intervenção pedagógica e filosófica
Colégio Estadual José Abílio**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 28 – Faixa indicando o local da Festa de Aniversário do Quilombo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 29 – Almoço comemorativo aos 279 anos do Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 30 - A produção artesanal da marmelada Santa Luzia como tecnologia de permanência cultural



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

FIGURA 31 - Benedito Antônio e Antônia Pereira Braga, líderes da comunidade, em um momento crucial de luta pelo reconhecimento territorial.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

FIGURA 32 – A Partilha Ancestral em Contraste: O Leilão e a Lógica do Consumo no Território do Ubuntu



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026)

FIGURA 33 – O Saber em Circulação: A Valorização do Fruto da Terra na Festa do Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026)

FIGURA 34 - Capela do Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026)

FIGURA 35 - Igreja de Nossa Senhora da Abadia - Quilombo Mesquita



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2026)

FIGURA 36 – Laboratório da Empresa: Sopemi - Pesquisa e Exploração de Minérios S/A.



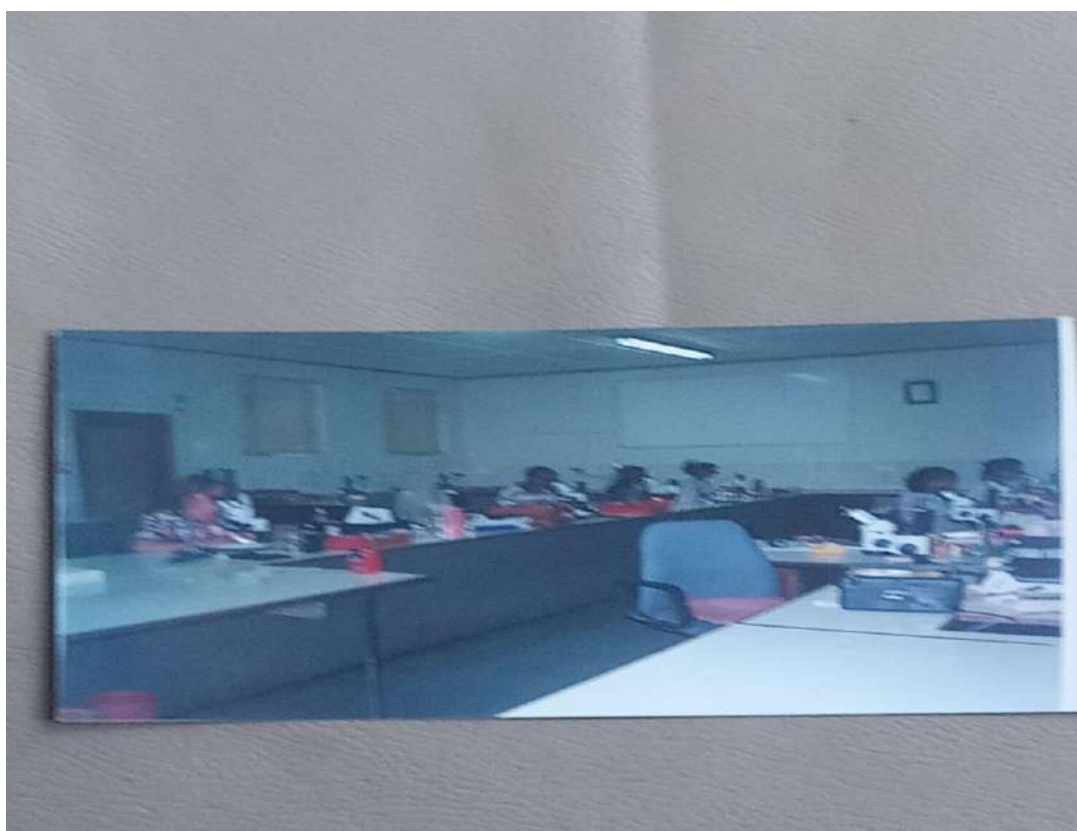
Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 37 - Laboratório da De Beers – Kimberley – África do Sul (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 38 - Laboratório da De Beers – Kimberley – África do Sul (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

**FIGURA 39 – Out door - Laboratório da De Beers – Kimberley
África do Sul (1999)**



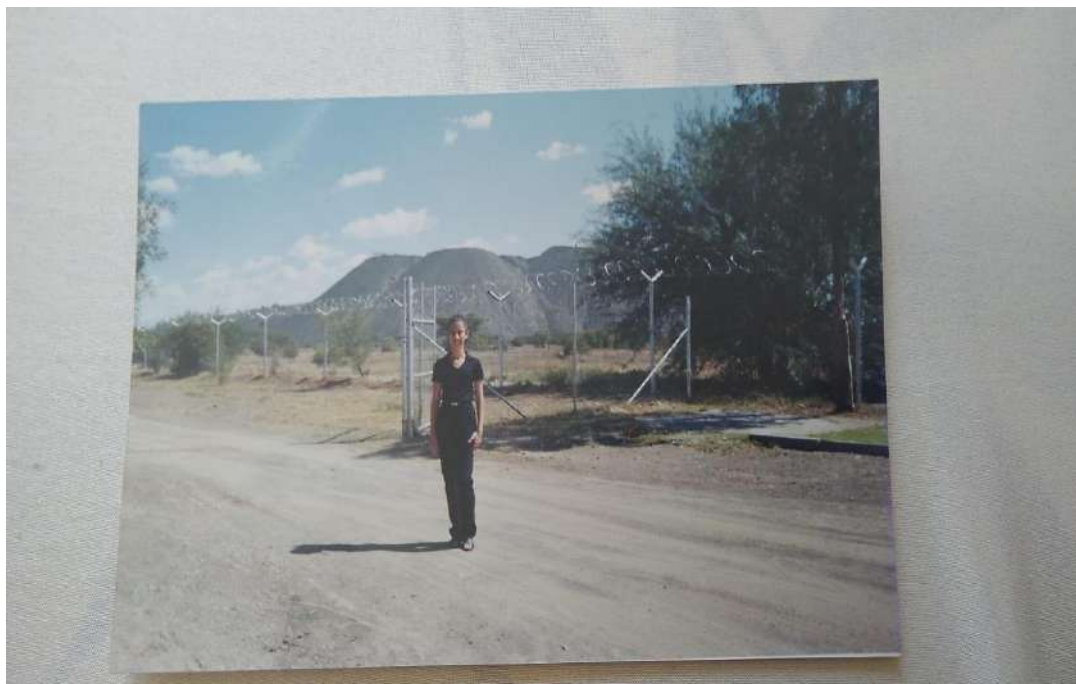
Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 40 – Big Hole (grande buraco) – Kimberley – África do Sul (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 41 – Montanha de rejeito da Mina Big Hole, Kimberley (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 42 – Visita à área de escavação do Kimberley Mine Museum (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 43 – Quarto e mobília do Hotel - The Kimberley Club



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

FIGURA 44 - Mobília e instalações sanitárias do Hotel - The Kimberley Club



Fonte: Arquivo pessoal da autora (1999)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desse estudo sugere que o uso excessivo de redes sociais, conforme relatado e observado, pode ter agravado o contato presencial entre os jovens no contexto pós-pandemia. Esses comportamentos refletiram-se diretamente em sala de aula, onde o refúgio digital dispersou a atenção e dificultou o aprendizado. Considerado pela maioria dos docentes como um desafio constante ao desenvolvimento educacional, este estudo apontou que a abordagem da filosofia Ubuntu e a valorização da ancestralidade funcionaram como potentes contrapontos ao engajamento digital passivo. Ao trazer a realidade das comunidades de Jardim ABC e do Quilombo Mesquita (GO), notou-se uma receptividade genuína dos alunos, com um aumento de interesse e atenção ao unir as ações educacionais às experiências humanas. Ficou evidente que a conexão do ensino às raízes ancestrais é capaz de competir com sucesso pela atenção antes, dominada pelos aparatos eletrônicos.

As limitações deste estudo, como a carga horária reduzida e os percalços institucionais de final de semestre, impossibilitaram a execução total do plano de sequências didáticas. Embora tais fatores tenham dificultado a obtenção de resultados quantitativos mais amplos, o interesse demonstrado pelos alunos foi marcante, revelando que uma metodologia adaptada e eficaz é capaz de promover um engajamento profundo. Quando resgatamos um conhecimento inerente aos sentimentos e à ancestralidade, encontramos caminhos para formar uma sociedade mais justa, equitativa e livre de discriminação. O comprometimento em conquistar a atenção dos alunos, mesmo diante do desafio do vício digital, contribui para futuras pesquisas voltadas a estratégias pedagógicas que visem mitigar a alienação digital e fortalecer a presença humana em sala de aula.

A adoção de uma perspectiva *ubuntuísta* demonstrou não se restringir a uma estratégia pedagógica, mas ser uma proposta que parte de uma esfera particular para alcançar uma dimensão coletiva e filosófica significativa. A pesquisa conciliou o estudo de caso empírico e a análise conceitual para recorrer à realidade de comunidades como Jardim ABC e Quilombo Mesquita (GO). Este projeto propõe uma abertura à possibilidade de novas intervenções que utilizem a ancestralidade como fer-

ramenta de agregação, visando não apenas o ganho acadêmico, mas a saúde emocional, psíquica e social dos estudantes frente aos novos dilemas da era digital.

O termo *Aquilombamento Afrofilosófico* apresenta-se como uma resposta concreta às patologias da era digital aqui constatadas. Ao relacionar a bibliografia tradicional com a descrição técnica dos algoritmos, o objetivo foi apresentar a Ética Ubuntu como premissa de uma tecnologia social de reexistência e oposição colonial. Ao deslocar o debate da vulnerabilidade para o empoderamento coletivo, preenchemos lacunas nas discussões contemporâneas sobre justiça e subjetividade digital. O rigor deste trabalho não se encontra unicamente nos problemas de ordem social, mas especificamente em uma práxis estrutural ética e política, sob a égide filosófica africana e antirracista. Buscamos uma "cura ética" que envolva a reparação de danos históricos, como o reconhecimento de saberes ancestrais e a autonomia política, contrastando o individualismo ocidental hegemônico otimizado pela pandemia.

Este estudo demonstra como a rigidez *algoritmizada* desvia-se da relacionabilidade e do senso de comunidade. Sua serventia reside em mapear nossas fraquezas para nos prender em bolhas de isolamento. Propositamente, esse procedimento escraviza, ideologiza e abre uma injustiça epistêmica, substituindo a responsabilidade coletiva real pela metrificação do engajamento. O saber tradicional e ancestral é colocado em uma "mesa de negociações" enganosa, onde a internet atua como agente transformador de culturas em mercadoria, questionando se o saber ancestral alcançará lucro e se adaptará ao que o algoritmo dita. Ao valorizar esse conhecimento pelo valor de troca e não pela profundidade, questiona-se: "- Quanto de atenção eu ganho se eu postar isso?".

Precisamos sair desta "caverna digital" ordem vigente, pois nossos sentimentos e pertencimentos humanos tornam-se automatizados. Inevitavelmente, escavaremos atitudes de julgamento sem embasamento lógico, descompassadas com a historicidade contemporânea. No movimento alienante, perderemos nossa identidade em prol de uma performance algorítmica. Para despertar poeticamente, Milton Nascimento interpreta esses traços sobre a brasilidade e a invisibilidade:

Por que vocês não sabem do lixo ocidental?
Não precisam mais temer, não precisam da solidão.
Todo dia é dia de viver (BORGES; BORGES; BRANT, 1970).

Um coração mecanizado esquece sua essência orgânica e existencial. Victor Hugo (apud PINTO, 2012) sintetiza que 'quem conduz o mundo não são as máquinas, são as ideias', legitimando que o foco exclusivo no mecânico nos faz perder a humanidade, pois 'o amor é a única pérola que se encontra nas dobras escuras da vida.

Essa rigidez *algoritmizada* nas redes compele ao ódio rápido e ao julgamento constante. Na Modernidade Líquida de Bauman (2001), onde tudo é fluido, a mecanização do coração torna-se um sinal de fraqueza. Charles Chaplin já advertia: "Não sois máquinas, homens é que sois", reafirmando que a técnica sem afeição leva ao vazio existencial — aquele aperto no peito que surge no silêncio, revelando a falta de algo essencial, apesar das facilidades tecnológicas.

Ideologicamente, tais facilidades, desde a Revolução Industrial ao *New Deal*, redesenharam o capitalismo para que continuasse crescendo. O *New Deal* criou um sistema falacioso de amparo social que, apresentado como "caridade estatal", não cessou a lógica do mercado, mas a reformulou como uma manobra pragmática de controle social na qual ainda vivemos, sob uma nova roupagem de sofisticação tecnológica. Conclui-se que a Primeira Revolução Industrial controlou o corpo; o *New Deal* regulou o social; e o Neoliberalismo Digital opera pela captura da alma, mediada pelo desejo e pelo algoritmo. É precisamente neste estágio de captura que o esvaziamento do ser se torna incisivo. Configura-se um tipo de mecanismo de desumanização que esvazia o peito para consumir a alma, como uma veia obstruída que, ao vazar, espalha sangue sem atingir o destino de uma corrente estável e verdadeira com a plenitude do todo. Tais sensações vitais difundem-se em uma outra analogia: seria como beber de um saber raso ou engolir água salgada na tentativa de aliviar a sede humana; no entanto, a cada trago, o esforço é em vão e não abrandando a sequidão ou a compulsão. Por outro lado, se bebermos a água doce do Nilo que segue um fluxo constante e escorre em um poço jorrante, sua pressão interna e sua fonte serão capazes de transbordar o necessário para saciar, devolver, restaurar, reintegrar e avivar a essência de um ser ubuntuísta. É nesse movimento de reparação que refloresce a *ConexãoNatureza*, revelando que o ser humano só atinge sua plenitude em harmonia com a terra, os ciclos biológicos e os ancestrais que nela repousam. Essa conexão não é apenas contemplativa, mas uma atitude ubuntuísta.

ta biointerativa que recusa a apropriação e mercantilização da vida. Nessa passagem, ergue-se a *ConeComunidade*, que recria a ideia de rede como um encontro real, físico e prático, desincorporador da alienação digital. A *ConeComunidade* funciona como o transbordar dessa fonte, onde a sede individual é saciada no coletivo, transformando o espaço escolar em um território de quilombamento e cura das subjetividades desagregadas pela pandemia.

A *ConecNatureza*, portanto, não se limita a um retorno romântico ao meio ambiente; ela é a retomada da consciência Kemética de que o corpo é terra e o sopro é ancestralidade. É o antídoto ao racismo algorítmico que tenta nos desincorporar, devolvendo ao sujeito a percepção de seus ritmos biológicos e ancestrais. A *ConecComunidade* materializa o Quilombismo de Abdias do Nascimento (2019) no cotidiano digital, mas o faz sob a lógica da confluência ensinada por Nêgo Bispo (2023). Enquanto o sistema colonial tenta nos isolar em redes virtuais de confronto, a *ConecComunidade* opera o encontro de águas: transforma a frieza dos dados em calor de afetos e presença. É a passagem da resistência para a reexistência, onde o território escolar no Jardim ABC se torna um espaço confluyente, capaz de integrar saberes ancestrais e tecnologias contemporâneas sem perder a própria matriz. Nessa rede, o saber não circula para ser extraído pelo capital, mas para nutrir a comunidade, garantindo que a vida transborde para além das telas. Enquanto o capital utiliza a conexão para fragmentar e extrair valor, a *ConecComunidade* utiliza o encontro para unificar e gerar Axé. Nessas fendas de afeto, o Jardim ABC deixa de ser uma 'zona de não-ser' para tornar-se o epicentro de uma nova *Ecosofia*, onde o conhecimento é enraizado no cuidado coletivo e na preservação da vida em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius Gomes de. Território em conflito: Quilombo Mesquita e os urbanos de Brasília e do Distrito Federal. In: COSTA, Carmem Lúcia (org.). **Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. cap. 4. Disponível em: <http://publica.ciar.ufg.br>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ANDES-SN. **Revista Universidade e Sociedade**, n. 67. Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Brasília: Andes, 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br>. Acesso em: 2 set. 2024.

BAHIA. Assembleia Legislativa. **Moção de Pesar nº 8.922/2007**: Homenagem a Lucky Dube. Salvador: ALBA, 2007. Disponível em: <http://www.alba.ba.gov.br>. Acesso em: 23 dez. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BLACK Consciousness movement. In: **ENCYCLOPÆDIA Britannica**. [S. l.]: Encyclopædia Britannica, 2024. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 20 jan. 2026.

BORGES, Lô; BORGES, Márcio; BRANT, Fernando. **Para Lennon e McCartney**. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, Milton. **Milton**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1970. 1 disco de vinil. Faixa 1.

BORGES-ROSÁRIO, Fábio. **A filosofia africana ubuntu**: relato de uma oficina. Estudos de Filosofia e Ensino, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 52-69, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.cefet-rj.br>. Acesso em: 7 dez. 2025.

BRITO, Janay Neves. **Dados pessoais e registros fotográficos da Mina de Kimberley e arredores, África do Sul**. 1999. Acervo pessoal da autora.

BULLARD, Robert D. **Environmental Justice in the 21st Century**. Phylon, v. 49, n. 3/4, p. 151-173, 2001.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALCANTE, Kellison Lima. **Fundamentos da filosofia Ubuntu**: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Semiárido de Visu**, v. 8, n. 2, 2020. Edição especial. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

CÉSAR, Chico. **Reis do agronegócio**. In: CÉSAR, Chico. **Estado de Poesia**. São Paulo: Saravá Discos, 2015. 1 CD. Faixa 14.

CHAUÍ, Marilena. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Organização de Homero Santiago. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Em conferência, Marilena Chauí diz que tecnologia gera crises temporais e espaciais**. Belo Horizonte, 13 out. 2014. Disponível em: www.ufmg.br. Acesso em: 29 out. 2024.

CNN BRASIL. **Mundo virtual provoca mutação na sociedade, reflete filósofa Marilena Chauí**. São Paulo, 6 nov. 2024. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br. Acesso em: 17 fev. 2026.

CODEPLAN. **Pesquisa metropolitana por amostra de domicílios – PMAD**: Cidade Ocidental. Brasília: Codeplan, 2013. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br>. Acesso em: 2 set. 2024.

CONTACT 1999. **Exploration to extend the life of dutoispan mine**. Kimberley, 1 abr. 1999.

DIOP, Cheikh Anta. **Nações negras e cultura**: da antiguidade negro-egípcia aos problemas culturais da África negra de hoje. Petrópolis: Vozes, 2025.

DJAVAN. **Faltando um pedaço**. In: DJAVAN. **Djavan**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1982. 1 disco de vinil.

DUBE, Lucky. **Together as one**. In: DUBE, Lucky. **Together as one**. Joanesburgo: Gallo Record Company, 1988. 1 CD.

DURÁN, Maximiliano; KOHAN, Walter Omar. **Manifesto por uma escola filosófica popular**. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

ESTANISLAU, Júlia. **Sentimento de pertencimento é a necessidade de manter relações estáveis**. São Paulo: IPUSP, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento>. Acesso em: 19 jan. 2026.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRARO, Giuseppe. **A escola dos sentimentos**. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2018.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação. 1. ed. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Filosofia Africana: Ubuntu**. 23 mar. 2025. Vídeo (15 min). Publicado pelo canal Wanderson Flor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TLqCCR2bLrg>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FONTES, Ferreira Igor. **A importância da Filosofia em meio à crise da COVID-19**. Le Monde Diplomatique Brasil, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br>. Acesso em: 31 maio 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Mapa de conflitos, injustiça ambiental e saúde no Brasil**: Quilombolas de Cidade Ocidental lutam por titulação. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2025. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GOMES, Luciano. **Faraó (Divindade do Egito)**. Intérprete: Banda Olodum. In: OLODUM. Egito Madagascar. Rio de Janeiro: Continental, 1987. 1 disco de vinil. Faixa 1.

GONZALEZ, Lélia. **O racismo e o sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2021.

HECK, Ralph Leal. **Algoritmos que nos governam**: reflexões filosóficas. Philótophos – Revista de Filosofia, Goiânia, v. 29, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br>. Acesso em: 27 ago. 2025.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

INFOPÉDIA. **-ista**. In: DICIONÁRIOS Porto Editora. Porto: Porto Editora, 2003-2026. Disponível em: www.infopedia.pt. Acesso em: 26 mar. 2025.

JORNAL O GRITO. **Jardim ABC completa 60 anos de história**. Cidade Ocidental, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://ogritonews.com.br>. Acesso em: 2 set. 2024.

KLEIN, Naomi; DAVIS, Angela. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. São Paulo: Boitempo, 2020.

LETRAS.MUS.BR. **Faraó – Divindade do Egito: um grande sucesso da música baiana**. Belo Horizonte: Studio Sol, 2026. Disponível em: www.letras.mus.br. Acesso em: 19 jan. 2026.

LIESENFELD, Tainara. **A humanidade em sua essência**. Revista Arco, Santa Ma-

ria, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/a-humanidade-em-sua-essencia> . Acesso em: 31 maio 2025

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MCLEAN, Don. Vincent. In: MCLEAN, Don. **American Pie**. Estados Unidos: United Artists Records, 1971. 1 disco de vinil.

MUNIZ, F. J. N. **Quem enriqueceu com os diamantes da África?** 2 ago. 2023. Vídeo (20 min). Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 1 maio 2025.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, Milton. **Ao povo em forma de arte**. In: NASCIMENTO, Milton. **A Barca dos Amantes**. Rio de Janeiro: Polygram, 1986. 1 disco de vinil.

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

PANOSSO, Giancarlo Cerrutti. **As chaves da Filosofia Ativa**. 29 nov. 2023. Vídeo (90 min). Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 5 abr. 2024.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. v. 2.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

RAMOSE, Mogobe B. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. Ensaios Filosóficos, v. 4, 2011. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2025.

RIBERO, Katiúscia. **Filosofia Africana e Feminismo Negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

SANTOS, Abrahão de Oliveira. **Saúde mental da população negra**: uma perspectiva não institucional. Revista da ABPN, v. 10, n. 24, p. 241-259, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br>. Acesso em: 15 set. 2025.

SARKAR, Prabhat Ranjan. **Yoga, mente e espiritualidade**. São Paulo: Ananda Marga, 2011.

SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; BONILLA, Maria Helena Silveira. **Os valores do capital na cultura digital e a formação da juventude camponesa**. Plurais: Revista Multidisciplinar da UNEB, Salvador, v. 7, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/plurais/article/view/15276>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOMET, Yoporeka. **A África e a filosofia**. Revista Sísifo, v. 1, n. 4, nov. 2016. Disponível em: www.revistasisifo.com. Acesso em: 12 out. 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TÔRRES, Iuri de Castro. **Legião Quem?** "Faroeste Caboclo", com personagens inéditos, é filmado em bairro pobre onde poucos ouviram Legião Urbana. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jun. 2011. Folhateen. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1306201108.htm>. Acesso em: 2 set. 2025.